



Um
doce
amanhecer

ANA PAULA TOLEDO



Um doce amanhecer

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Copyright© Ana Paula Toledo

Este e-book é uma obra de ficção. Embora possa ser feita referência a eventos históricos reais ou locais existentes, os nomes, personagens, lugares e incidentes são o produto da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,

estabelecimentos comerciais, eventos, ou localidades é mera coincidência.

Capa: Bia Carvalho

Diagramação: Independente

Revisão: Independente

SUMÁRIO

[Parte 1](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

Para minha amiga querida Barbara Teixeira, que esse ano se tornou uma estrela brilhante na imensidão desse céu.

Foi uma honra ter conhecido uma pessoa tão iluminada, generosa e alegre como você.

Meu carinho será para sempre, assim como a minha saudade.

Parte



Parte 1

*“E a vida é uma estrada e eu quero continuar indo
O amor é um rio e eu quero continuar fluindo
A vida é uma estrada e uma jornada maravilhosa
Eu estarei lá quando a estrada acabar
Eu estarei lá quando a tempestade terminar
E no final quero estar ao seu lado
No começo, junto de você.”
(At The Beginning – Richard Marx)*

Prólogo



PRÓLOGO

Julia

Sempre achei incrível quando algum sentido nosso conseguia aguçar uma de nossas lembranças. Até aquelas mais antigas, que a gente jura que cairia para sempre no esquecimento.

Um cheiro, alguma música ouvida por acaso, uma imagem que remeta ao passado...

E parece que estamos lá novamente, inseridos naquele cenário que passamos há algum tempo. Mesmo que as vezes ela nos engane e aparece de forma embaçada, e não nos lembramos de todos os detalhes com total nitidez.

O que não era meu caso.

Minhas memórias costumavam aparecer sempre que vinha visitar a minha amiga mais antiga – que na verdade, a considerava mais como minha

família.

A família que meu coração escolheu, já que a do sangue me abandonou como se eu fosse algo descartável que deveria ser esquecido.

Encarei a casa da qual minha presença se fazia constante, e já podia sentir o abraço longo e afetuoso que iria receber assim que cruzasse aquela porta.

E não podia estar mais do que certa.

Como ainda possuía a chave da sua casa e ela sempre alegara que eu poderia usar. Uma vez até me deu um sermão sobre apertar a campainha e esperar ser atendida, quando o certo seria simplesmente entrar. E assim o fiz.

Assim que entrei, o aroma de seus famosos bolinhos de chuva me enlaçou e aquele baú de lembranças fora aberto. Até podia ouvir o barulho – aquele rangido velho – enquanto sua tampa era levantada, mesmo que fosse algo que não desse para controlar.

Conheci Joana na casa onde cresci, ou naquilo que eu considerava como um lar quando era criança.

Não tive uma mãe que me viu dar os primeiros passos ou balbuciar as primeiras palavras, mas tive uma pessoa que esteve lá nesses momentos. Não por ela – pela pessoa que se recusou a participar -, mas por mim.

Ela foi uma das cozinheiras do Orfanato Dona Luz por muitos anos. Antes mesmo de me abandonarem numa igreja e o padre me encaminhar para lá. Onde continuei até completar dezoito anos e fui seguir a minha vida.

Claro que quando passei pelas portas do lugar onde sempre morei, o medo de desconhecido surgiu, mas ela esteve sempre por perto. Joana me acolheu em sua casa até o momento que consegui seguir minha independência e mudei para o apartamento que estou hoje.

Acabou aposentando recentemente, mas fazia visitas frequentes ao lugar que passou boa parte da sua vida. E eu costumava acompanhá-la também.

Fazia questão de levar atenção e carinho para crianças que talvez até desconheciam o que isso podia significar.

Joana sempre foi muito amável e nos tratou como se ela fosse a tia de todo mundo. Sabia que em seu coração deveria estar gravado o rosto de cada criança que passara por lá no decorrer dos anos.

— Minha menina chegou! — Era assim que sempre me chamava, mesmo que agora eu fosse uma mulher de vinte e cinco anos, e não mais aquela criança que corria para o seu quarto quando tinha um pesadelo.

— Prometi que vinha, tia. Então, olha eu aqui. — Dei um beijo estalado em sua bochecha.

Ela, como de costume, me conduziu até a cozinha e lá emendamos um assunto atrás do outro.

Entre uma mordida num dos seus deliciosos bolinhos, Joana me questionou:

— E o livro, Ju? Conseguiu finalizar?

— Ainda não, tia. — Respondi, depois dar um gole generoso no chá de erva doce. — Mas falta pouco, tão pouco. Esses personagens estão me dando uma dor de cabeça que a senhora nem imagina. Eles não querem me obedecer de jeito nenhum.

— Acho tão curioso o jeito que você fala deles, como se tivessem vida própria e tudo mais. — Constatou, sorrindo de lado.

— O pior é que eles têm, Joana. Uma vida tão própria que estão dificultando a minha. — Suspirei, derrotada.

— Eu sei que a escritora aqui é você, meu amor. Sei que você tem prazos a cumprir, mas a história vai chegar na hora certa. Assim como existe o momento certo para tudo.

— A diferença é que sou eu que controlo tudo nas minhas histórias, mesmo com os personagens querendo fazer rebelião.

— Mas de verdade, Julinha. — Seu semblante tornou-se mais sério. — Vai ter o momento certo. Faz parte das surpresas da vida. E quem sabe, coisas novas podem acontecer com você enquanto isso.

— Comigo? — Indaguei, incrédula. — A minha vida é mais parada que o trânsito na hora de pico dessa cidade grande. Sem novidades nenhuma e muito menos emoção.

— Mas tudo pode mudar. E de um jeito que você jamais poderia imaginar. — Disse, voltando a sua atenção para os bolinhos.

Fiquei com aquelas palavras na cabeça por alguns instantes, mas rapidamente as afastei e voltei a atenção para o nosso chá da tarde.

Minha vida era tão tranquila que eu sempre poderia antever o que iria acontecer.

Tudo seguindo o seu curso como tinha que ser.

Como sempre iria ser.

E eu não podia estar mais do que enganada.



CAPÍTULO 1

Julia

Encarei o cursor à minha frente que piscava depois de digitar a última palavra.

Palavra essa que vinha sempre acompanhada de uma emoção que nunca saberia denominar corretamente, mesmo que trabalhasse constantemente com as palavras.

E lá estava ela em maiúscula e negrito me encarando...

FIM.

Mais uma história que encontrava o seu final, e eu não poderia estar mais do que orgulhosa de ter conseguido terminar dentro do prazo.

— Winchester, consegui terminar. — Exclamei animada para o meu gato que estava deitado em cima de uma almofada num canto do escritório.

Ele se dignou apenas a levantar a cabeça, talvez tentando entender o porquê da minha alegria e de ter sido chamado na conversa, mas logo voltou a deitar novamente ronronando como sempre.

Claro, dormir era muito mais importante para aquele gato preguiçoso do que comemorar comigo.

Levantei-me da cadeira e fui me arrastando até a cozinha, sentindo as pernas reclamarem depois de ter ficado tanto tempo sentada na mesma posição.

Fiz uma anotação mental de amanhã retornar as caminhadas. Essa era uma atividade que adorava fazer, mas com o prazo final para a entrega do livro chegando, tive que sacrificar algumas coisas para otimizar meu tempo.

Olhei o pequeno relógio em cima da geladeira e constatei que passava das duas da manhã.

Maravilha, mais uma madrugada assaltando a geladeira!

Escrever sempre me colocava numa espécie de bolha, onde me desligava totalmente de tudo ao meu redor.

E quantas vezes já havia virado a madrugada sem perceber as horas passar. Ou quando, como agora, que ficara horas escrevendo e estava praticamente sem ter comido muito bem.

Fiz um lanche rápido - não queria abusar do horário para comer algo que fosse pesar em meu estômago – com pão, queijo e peito de peru.

Assim que encontrei a caixa de suco de uva minha barriga roncou, como se entendesse naquele instante que ela iria receber a atenção que merecia.

Sentei num dos bancos altos que ficava em frente ao balcão da cozinha americana que dividia o ambiente com a sala, e com a companhia do silêncio da noite, comi meu lanche improvisado.

Como o apartamento possuía dois quartos, acabei adaptando um deles para ser meu escritório. E era o cômodo que eu mais ficava durante todo o dia.

Assim que terminei de comer, voltei para o escritório e escrevi um e-mail para a editora informando que o livro havia sido finalizado, que faria uma revisão e que logo estaria encaminhando para dar sequência na preparação.

Como já era altas horas da madrugada, sabia que essa mensagem seria respondida só no dia seguinte.

Dando o meu dia como finalizado e produtivo, desliguei o

computador e rumei para o quarto.

Winchester percebendo qual seria o desfecho da história, levantou-se e foi me seguindo até chegar próximo do seu alvo tão almejado: a minha cama.

Com um daqueles saltos felinos estilo ginástica olímpica, segundos depois ele já estava procurando o lugar ideal para deitar-se.

Porque aquele gato acordar para comemorar uma conquista da sua amiga humana aqui era impossível, mas levantar da sua caminha para vir deitar na *minha* era completamente normal.

Tomei um banho e quando retornei para o quarto, Winchester estava lá, deitado na ponta da cama. Ele abriu seus olhos sonolentos e miou, como se me apressasse a ir logo para a cama.

Assim que me aninhei em meus lençóis, Win se aconchegou nos meus pés – seu lugar favorito da cama toda – e como em todas as noites, dormimos o sono dos justos.

Acordei com o telefone fixo tocando de forma ensurdecadora na sala.

Praguejei baixinho, jogando o edredom para o lado e levantando-me rapidamente para a maratona de chegar até o aparelho antes dele parar de tocar.

Eu sei que havia pensado em voltar a fazer atividades físicas, mas não assim, e não desse jeito.

Com toda a agilidade que possuía – que era péssima, só para constar – agarrei o telefone sem fio do suporte para atender.

— Bom dia, Julia. Como vai? — Lara, minha editora, anunciou bem-humorada do outro lado da linha.

Cacei com os olhos o relógio na estante, acima da televisão, e confirmei que eram oito da manhã.

Nunca fui uma pessoa adepta a dormir muito, e isso veio desde cedo.

Qualquer barulho me acordava. Era como se uma parte de mim não conseguisse se desligar por completo, nem quando todas as luzes eram apagadas. Como se existisse uma espécie de sensor que me alertasse “*você ouviu? Esse barulho parece bem interessante. Acorda, vai*”.

E era incrível como isso sempre funcionava.

Quando era criança, acordava de madrugada com frequência e ficava fitando a escuridão acima de mim, enquanto ouvia as outras meninas com quem eu dividia o quarto ressonarem baixinho.

A partir do momento em que deixei as histórias que apareciam em

minha cabeça – o que era um grande fator para eu perder o sono – para enfim escrevê-las, passei a usar ainda mais a madrugada para ficar acordada.

E a minha companhia não era mais o escuro, e sim a luz clara do monitor a minha frente.

E por mais tarde que encerrasse meus trabalhos e fosse dormir, eu nunca dormia até tão tarde no dia seguinte.

Então, o fato que estranhar o horário da ligação não foi por terem me acordado no susto, mas porque o expediente na editora começava pontualmente as oito da manhã – o mesmo horário da ligação de Lara – e nem que ela fosse ninja, teria conseguido abrir meu e-mail e ler em tanto tempo recorde assim.

— Desculpa te ligar assim, nesse horário, Julia. — Sua voz soou do outro lado da linha. — Mas foi uma notícia que recebi antes mesmo de chegar aqui na editora e precisava te avisar com total urgência.

— Está tudo bem? — Questionei, entre curiosidade e uma pitada de preocupação.

Lara tinha tendência bem forte para ser dramática quando queria, com algumas reações exageradas aumentando problemas que, às vezes, eram até simples de se resolver.

— Estou aqui com seu e-mail aberto. Você mandou o arquivo do livro nessa madrugada. E meu Deus, foi enviado era quase três da manhã, era para você estar dormindo agora e...

— Lara, foco aqui. — Interrompi seu monólogo, antes que se estendesse mais e acabasse emendando mais uns outros três assuntos aleatórios no meio.

— Certo, foi mal. — Respirou fundo e hesitou alguns segundos. Dessa vez senti, como uma espécie de intuição, que realmente o assunto seria mais sério do que eu imaginava. — Recebi uma ligação da Maria essa manhã no meu celular, antes mesmo de chegar ao prédio, e talvez eu devesse pedir desculpas novamente por te ligar.

Conforme Lara me relatara o telefonema que recebera da chefe da editora, que era a responsável pela publicação dos meus livros, fiz uma anotação mental como um lembrete para duas coisas:

Um telefone tocar tão cedo nunca é prelúdio para uma notícia boa.

E segundo, definitivamente minhas horas de sono iriam diminuir e minhas madrugadas seriam ainda mais intensas.



CAPÍTULO 2

Daniel

Fechei a última caixa e dei uma olhada ao meu redor.

Muitas outras – de vários tamanhos –, algumas até empilhadas, ocupavam o chão da minha casa.

Ou ex casa, no caso. Se é que existia mesmo essa expressão.

Um novo lugar me esperava no dia seguinte.

Nunca fui muito fã de fazer mudanças. Isso de empacotar tudo e depois desempacotar gastava muito tempo. E isso era um problema para mim.

A minha vida era meticulosa com as horas. E boa parte dela – sendo otimista para não falar quase o dia todo – eu passava no escritório de advocacia onde trabalhava.

E era por motivos profissionais que agora meus pertences estavam

sendo guardados por papelão.

Um amigo meu que morava em São Paulo havia me proposto uma sociedade em seu escritório recém-inaugurado. E eu, querendo ampliar meus horizontes, aceitei depois de muito ponderar os prós e os contras.

Foi Marcelo – esse meu amigo que conheci na faculdade de direito – que se prontificou a cuidar de tudo para a minha chegada na nova cidade.

Inicialmente, ele tinha proposto de que eu ficasse em sua casa até encontrar algo, mas a necessidade de ter um lugar só meu era bem maior.

Não que não gostasse da companhia dele, longe disso. Marcelo era um dos poucos amigos que tinha e seu bom humor e otimismo – as vezes exagerado pra caramba – era quase que sempre bem-vindo na minha vida mais contida e realista.

Ele encontrou um apartamento que ficava perto do lugar que iria ser nosso escritório, o que já foi quase que fundamental para que eu concordasse com a ideia.

Já tinha ido algumas vezes para a capital, na maioria para participar de audiências, e pude comprovar na prática o quanto o caos do trânsito de lá era verdadeiro.

E o quanto menos de tempo passasse me estressando dentro de um carro que mal se movia, melhor.

A casa de Marcelo ficava há poucos quilômetros do meu novo... do novo local que iria habitar.

Lar?

Não, pessoal demais. Não conseguia associar o local que morávamos há algo tão profundo como um lar, ou aquele lugar que consideramos nosso refúgio.

Seria apenas o meu novo apartamento e eu só torcia para que as caixas se transportassem para lá sozinhas, mas como isso não era algo possível, precisei esperar pelo caminhão de mudanças que surgiu na manhã seguinte a minha porta.

Depois de tudo ser colocado lá dentro, o vi virar a esquina e percebi que havia chegado o momento.

Nunca fui um cara sentimental e nem apegado a lugares e nem pessoas, portanto partir da cidade que cresci não seria considerado um martírio ou nada disso.

Voltei para dentro para pegar a minha pasta e dei uma última olhada no ambiente a minha volta, agora totalmente vazio.

Encontrei com o locatário na frente da residência e lhe entreguei a chave do lugar que morei por cinco anos.

Entrei no carro, afivelei o cinto e parti rumo a cidade que me esperava.

Fiz isso sem olhar para trás, nem sequer pelo retrovisor.

Prédios altos e um mundo de concreto me saudaram assim que me vi em uma das marginais mais utilizadas da cidade.

Organizei com total antecedência um horário que me fizesse fugir da hora de pico e evitar a aglomeração de carros. Poderia muito bem, nesse momento, me considerar um homem completamente satisfeito por isto ter dado completamente certo.

Por volta das duas da tarde daquela terça-feira, estava estacionando em frente daquele que seria meu novo endereço.

Um condomínio de prédios saltou a minha frente. Contando por cima, pareciam ser uns oito, todos pintados de um tom de amarelo clarinho. Todos parecendo completamente iguais.

Ótimo!

Pensei já imaginando que poderia me confundir facilmente até encontrar qual seria o prédio correto.

Como o caminhão com os meus pertences ainda não havia chegado, resolvi entrar para conhecer melhor o espaço e já ir me familiarizando com o caminho.

Meu apartamento ficava no quarto andar do terceiro prédio após a portaria, e já fiquei imaginando como seria o processo de subir com todas aquelas caixas.

Um ótimo fator era que os prédios dispunham de elevadores, o que iria facilitar e muito a minha vida.

Acabei ganhando cinco dias de “folga” – se é que poderia usar essa palavra – para organizar tudo e tentar me adaptar com a nova cidade, antes de começar a trabalhar na F&B – nome que Marcelo tivera a ideia de dar a nossa sociedade ao juntar nossos sobrenomes.

O apartamento tinha um espaço bem melhor do que imaginei de início: uma sala grande com um balcão que dividia com a cozinha; dois quartos e um banheiro. Estava mais do que perfeito.

Olhei as paredes pintadas de branco e me dei por satisfeito. Afinal, não pretendia pintar, fazer alguma reforma e nem nada parecido.

Eu não tinha aquela necessidade de transformar aquele lugar na minha cara. E nem vontade também. Essa ganhava até mais.

Poucos minutos depois, recebi uma ligação do pessoal da mudança avisando que minhas coisas haviam chegado.

Desci novamente e me dirigi até a portaria para recebe-los e autorizar a entrada deles no condomínio.

Três homens desceram da cabine, e com a ajuda de carrinhos, as caixas foram empilhadas e encaminhadas até o bloco três.

Para tentar otimizar o tempo, achei melhor juntar tudo no saguão para depois subir de uma vez – ou em menos viagens possíveis – pelo elevador.

Assim que todas foram reunidas, dispensei o pessoal da mudança, alegando que eu mesmo poderia finalizar essa parte sozinho.

Seria algo simples: colocar as caixas dentro do elevador, apertão o botão quatro, retirá-las de lá e levá-las até o meu apartamento.

Simples.

Tranquilo.

Só que acho que calculei mal o espaço daquele quadrado claustrofóbico que subia e descia, e acreditava que seriam necessárias bem mais que apenas cinco viagens.

Como estávamos no verão, – e acredito que o senso de humor de quem é responsável pelo clima estava muito aguçado, e nada ao meu favor, é claro – o calor estava praticamente insuportável.

Na sétima viagem – porque sim, acabei fazendo a contagem –, estava completamente suado, o que era muito evidente na minha camiseta.

Ficaram poucas caixas no saguão, e apenas mais uma viagem encerraria todo esse trabalho árduo.

Não queria parecer o vizinho sem noção ou exibicionista, mas o calor estava muito forte, e sabe se lá Deus onde estava as caixas com as minhas roupas.

Será que já tinha subido com elas? Ou ainda estavam lá abaixo aguardando o passeio?

Eu queria muito trocar de camiseta, por uma regata mais fresquinha para esse calor dos infernos de São Paulo, mas como não tinha a mão resolvi por outra coisa.

Ou a falta dela, no caso.

Durante todo esse tempo de vai e volta, não trombei com nenhum morador. Imaginei que, por ser dia da semana, a maioria deles estariam no trabalho e eu teria tudo liberado para mim.

E era a última viagem mesmo. Então, por que não?

Até porque não li em nenhuma das regras da extensa lista que me passaram por e-mail dias atrás, que era proibido andar sem camisa fora do apartamento. Ainda mais que o condomínio dispunha de piscina, então já concluí que não seria atentado ao pudor ou nada disso.

E por Deus, seriam apenas alguns minutos.

Retirei a camiseta com determinação e a joguei num canto da sala, onde as caixas estavam dispostas, empenhado em fazer minha última rodada da vez.

Como imaginei, não havia sinal de ninguém pelos corredores e nem pelo saguão.

Coloquei três caixas grandes – porque deixei as maiores por último – no chão do elevador, ocupando quase o espaço todo.

E como tinha uma menor, que continha objetivos frágeis que poderiam se quebrar com facilidades, resolvi leva-la nas mãos.

Segurando-a firmemente com um braço, a mão livre apertou o número quatro e vi o botão acender.

O barulho característico das portas do elevador se fechando foram perceptíveis para mim. E acredito que para outra pessoa também.

— Ei, segura o elevador, por favor. — Uma voz feminina ecoou do saguão.

Foi um pedido feito no susto quando as portas estavam iniciando para serem fechadas, imaginei que não daria tempo de colocar meu braço para impedir esse ato. E além do mais, minhas mãos estavam ocupadas.

Eu vi de relance a mulher se aproximar, mas sem me demorar muito nos seus traços, já que não teria o tempo ao meu favor mesmo.

— Win, não faça isso. — Seu tom era autoritário, quase chegando no desespero.

E quando as portas estavam quase se fechando, um borrão preto veio correndo em minha direção no elevador – no espaço do vão entre as portas e fazendo-a abrir novamente.

Completamente confuso com o ocorrido, encarei a mulher a minha frente.

O mais lindo par de olhos que vi na minha vida me olhavam de volta.

Eram um tom que lembrava chocolate derretido, mas bem expressivos.

E o que vi neles não era bom.

Nada bom, na verdade.



CAPÍTULO 3

Julia

Achei que minha cabeça ia dar um nó de tanto que queria espremer uma boa ideia dali, mas nada surgia. Nem sequer uma gota.

O telefonema que recebi há dois dias de Lara fora bem mais sério do que poderia imaginar.

Nesses dois últimos dias, vivi na frente do computador para terminar a revisão do meu último livro, assim seria uma pendência a menos para resolver. Para, enfim, começar uma nova história que teria que estar pronta em tempo recorde.

Já que a Maria – dona, fundadora e que mandava na editora toda – tinha fechado parceria com uma livraria para publicar e fazer o lançamento do novo livro exclusivo por lá.

Até aí tudo bem, mas era um livro que estava na lista para ser escrito daqui alguns meses, já que tinha outros que estavam encaminhados. Mas claro que o acordo estava feito e eu tinha dois meses para entregar o livro completamente pronto. E não tinha conseguido escrever nem um parágrafo que fosse.

Claro que o tempo, por mais apertado que fosse, ainda seria tranquilo para mim. O problema era que os personagens dessa história – que era o terceiro livro de uma trilogia – estavam tudo em rebelião.

Criava vida para eles, apresentava para o mundo e é assim que me pagam, brincando de se esconder.

Por esse motivo, resolvi fazer uma caminhada pelo condomínio para tentar espairecer um pouco, e quem sabe colocar as ideias e inspirações no lugar.

Era quase uma terapia para mim, e tenho certeza que poderia ser tachada de louca pelos meus vizinhos, já que tinha o constante habito de falar sozinha enquanto andava.

Com a menção de me aproximar da porta, Winchester que estava deitado em uma das almofadas do sofá, num segundo deu um pulo digno de um – digamos – gato e já estava se enroscando nos meus pés.

— Certo, companheiro. Vamos a nossa caminhada. — Disse, abrindo a porta e vendo Winchester se atirar para fora do apartamento como se sua vida dependesse disso.

Assim que a euforia passou, Win caminhou ao meu lado, parando vez ou outra para brincar com qualquer coisa que aparecesse em seu caminho.

Diziam que gato preto dava azar, mas nunca acreditei nessa superstição. E desde que Winchester apareceu na minha vida, podia me considerar uma pessoa de sorte.

Claro que eu desconhecia o real significado da palavra sorte, mas tudo bem. Detalhe.

Nesse momento, aquela bolinha de pelos negros estava entretido com um pedaço de grama, então resolvi sentar num dos bancos próximos para deixa-lo brincar por lá um tempo.

Passei meus olhos por aquele condomínio vazio de uma terça-feira à tarde, quando uma movimentação na portaria chamou a minha atenção.

Homens de uniformes entravam com caixas e mais caixas, e logo atrás, do outro lado do portão que nos cercava, um caminhão de mudança estava estacionado.

Sinal de que o novo vizinho soube escolher bem o dia da mudança, podendo assim evitar o tumulto que costumava acontecer nos fins de semana por aqui.

Não demorou muito para Win se entediar com aquele pedaço verde de mato e voltar a querer desbravar o local.

Ele andava trotando com aquelas quatro patas como se fosse o dono do lugar e tivesse total poder de tudo. Bem, imaginei que em sua cabeça era assim que pensava, e como ele era muito teimoso, quem seria eu para fazê-lo mudar de ideia?

Caminhamos por volta de quase uma hora, quando dei um assobio baixinho – que era o sinal para que o gato voltasse para perto de mim – para podermos voltar para a casa.

Fazia um calor infernal naquela tarde, e estava ávida para chegar no meu apartamento e tomar um belo copo de água.

Como passara os últimos dias trancada entre quatro paredes, descendo apenas para uma volta rápida para que Winchester pudesse brincar, aquela brincadeira de caminhar uma hora havia mesmo me cansado.

Que só pensar em subir quatro lances de escadas já me cansava antes da hora.

— Está cansado também, Win? — Perguntei, olhando para ele que continuava sua caminhada plena, como se não o tivesse exausto e nem abalado. Que inveja que eu sentia daquele gato.

Chegamos ao bloco do meu apartamento a tempo de ver a porta do elevador começando a fechar.

— Ei, segura o elevador, por favor. — Exclamei, no susto. Claro que poderia ter esperado e tal, mas aquele copo de água que me esperava em casa nunca foi tão tentador como agora.

Da onde estava não consegui ver quem era que estava lá dentro, se seria um dos moradores que já conhecia ou não. Mas parecia ser um homem que estava segurando... aquilo era uma caixa?

Apressei meu passo em vão, porque pelo que pude perceber, o ser humano dentro daquele cubículo não se mexeu um milímetro para tentar segurar a porta pra mim. Que desumano isso!

A parte da escritora do meu cérebro que raramente se desligava, lembrou de fazer uma anotação mental de colocar esse detalhe num personagem embuste que fosse criar mais para frente.

Não sei se foi meu movimento, ou o resmungo que eu dei, mas o meu

gato simplesmente se atirou para frente – como se fosse um foguete – na direção do elevador que seria completamente fechado em poucos instantes.

— Win, não faça isso! — Meu grito preocupado ecoou pelo saguão silencioso. A última coisa que queria ver era meu gato ser esmagado por aquela porta automática.

Mas não é que o infeliz – falando do gato, e não do homem a quem nem tinha olhado ainda – conseguiu entrar a tempo e ainda acionou a função de segurança da porta, bloqueando que a mesma fosse fechada e sendo aberta novamente em seguida.

Cheguei na porta do elevador, colocando uma das mãos na lateral para impedir que se fechassem novamente.

Procurei atentamente aquele gato safado que quase me causara um infarto dentro do elevador, mas só o que vi foi caixas e mais caixas.

Até que duas orelhinhas pretas foram se levantando devagar e olhos amarelos e grandes me encaravam como se fosse completamente inocente. Acho que ele tinha até aumentado o tamanho daquele olhar só para me dobrar no meio.

E para fechar com chave de ouro, um daqueles seus miados dramáticos para tentar me comover.

— Com licença, mas você poderia soltar a porta do elevador, por favor. — Uma voz grave soou dentro daquela caixa de metal, me fazendo lembrar que tinha um homem lá dentro que eu poderia responsabilizar por quase um homicídio de um gato, já que o infeliz – agora me referindo ao homem – nem segurou a porta.

Levantei meus olhos para ver o rosto do dono daquela voz poderosa, que parecia estar aborrecido – jura? Quem deveria estar era eu – imaginando que ia me deparar com um dos moradores conhecidos.

Porém me enganei completamente.

Por mais que eu não fosse a vizinha mais sociável da vida, meu círculo de amigos poderia ser considerado nem uma meia lua pela quantidade de pessoas que nela existiam.

Mas de uma coisa eu sabia: a minha memória fotográfica era ótima e com certeza – a mais absoluta de todas – nunca o vi antes por aqui.

Não pelos olhos azuis que me encaravam com impaciência ou pela sobancelha arqueada com uma leve cicatriz do lado esquerdo. Esse homem tinha um letreiro de impertinente escrito em neon na testa.

Pigarreou alto, tentando chamar a atenção para si.

Pronto.

Agora ele era o Deus do Elevador e eu não sabia.

— Moça, você poderia fazer a gentileza de me dar licença? Preciso subir com o elevador. — Uma voz rouca se fez ouvida e deu pra perceber o toque de impaciência que nela continha.

— Claro, não seja por isso. Eu também uso o elevador pra subir, já que estamos no térreo e não existe a possibilidade dele descer. — Devolvi com ironia. — Agora, se o moço me der licença, posso entrar? Também preciso subir.

Olhei com mais atenção o pequeno quadrado que parecia ser tão disputado por nós dois, e percebi que o espaço todo estava sendo ocupado por caixas – provavelmente as que vi chegando no caminhão de mudança agora pouco – e nem que eu fosse a contorcionista mais bem preparada, conseguiria arranjar um espaço mínimo para mim.

— Teria como você esperar só um minuto? — Tentou falar com calma, embora a voz denunciasse o quanto a situação o irritava. *Bem, querido, você não está sozinho nessa.* — Essa é a última viagem que farei com a minha mudança. Vou primeiro e depois você sobe.

— E por que tem que ser nessa ordem? — Alfinetei.

Se ele tivesse falado com educação e gentileza, claro que não me importaria de ceder a vez de usar o elevador, ainda mais levando suas coisas consigo.

Mas o que acontecia ali não dava para explicar.

É como se o moço que estava querendo monopolizar o elevador para si ativasse uma parte de mim que eu raramente usava. Aquela “pior” parte.

Porque enquanto encarava aqueles olhos que pareciam me desafiar a liberar seu caminho, a única coisa que conseguia pensar era que queria tirar aquele semblante vitorioso da cara dele, mesmo que os meus argumentos fossem péssimo para isso.

— Olha, moça, eu só quero subir agora. Depois o elevador pode ser todo seu. Quem sabe você até coloque uma plaquinha com o seu nome nele. — Falou, soltando o ar.

Eu só queria ir para o meu apartamento e não ficar competindo como uma criança disputa por um brinquedo.

Eu jamais iria fazê-lo tirar as caixas de lá de dentro, por mais imbecil que ele parecesse ser, não ia dar esse trabalho todo.

— Vem, Win. — Chamei por meu gato que ainda estava lá dentro,

deitado no espaço livre minúsculo que as caixas deixaram. — Vamos deixar esse... esse... senhor sozinho com o ego dele que mal cabe dentro desse elevador. Win?

O gato que atendia por esse nome mal se manifestou. Ficou apenas me encarando em desafio.

Às vezes eu tinha medo daquele gato.

— Winchester, venha comigo de escada mesmo. A gente não precisa da gentileza e nem da educação de ninguém — encarei os olhos azuis aborrecidos que olhavam para mim. Não podia perder a chance de alfinetar. — Ou a falta delas, no caso.

E apesar do momento não sei o melhor possível – porque realmente não era – meus olhos recaíram mais para baixo, precisamente para o fato dele estar descamisado bem a minha frente.

Como só reparei nisso agora?

E pensando bem, porque estava querendo me prender a esse detalhe minúsculo?

Claro que o homem à minha frente tinha um corpo que poderia ser classificado como comum...

Julia, quem você está querendo enganar? Comum? Minúsculo onde?

Se comparasse a visão a minha frente com um furacão, poderia classifica-lo como setor cinco na Escala Richter. Era um ciclone completo, mas que vinha de combo os trovões de suas palavras nada gentis.

O sujeito pigarreou alto, tirando-me do transe que me encontrava, levantando-a cabeça para encarar seu rosto.

O sorriso de lado presunçoso que encontrei ali deixava evidente que tinha sido pega no flagra encarando seu peito nu.

Claro, uma vergonha a mais na minha conta. Por que não?

Desviei o olhar e abaixei a cabeça para tentar, mais uma vez, convencer aquele gato teimoso a sair de lá. E aproveitar a oportunidade para esconder o quanto meu rosto parecia um pimentão de tão vermelho que deveria estar. Eu sentia minhas bochechas queimarem.

— Sério, Win? — Coloquei os braços na cintura, na melhor pose que pensei de uma mãe querendo dar bronca no filho. O que no caso, era isso mesmo. — Quando chegarmos lá em cima, te dou aquela ração que você tanto gosta.

Comilão como Winchester era, imaginei que aquela oferta chamaria sua atenção, mas nem isso o fez se mexer do lugar.

Quem era aquele homem?

Uma espécie de bruxo ou algo assim?

Teria hipnotizado meu gato?

Seria uma espécie do flautista de Hamelin. Só que sem os ratos e sem a flauta.

Comprovei que nem teria como entrar para retirá-lo. Ele teria que sair pelas próprias pernas, ou melhor, pelas próprias patas.

— Deixa o gato aí. — Novamente a voz de trovão ecoou naquele cubículo. — Aposto que seu amigo sabe onde é o seu apartamento e pode ir depois. Ou você o espera aqui até o elevador descer com ele.

Com um suspiro profundo, afastei-me do elevador e permiti que subisse, levando lá dentro o cara arrogante junto com meu gato.

— Amigão, você quer se afastar da sua dona, né? Te entendo. — Ouvi ele dizer ao meu, bem MEU, gato antes das portas se fecharem.

Aquilo que ouvi era um miado do Win? Como se ele tivesse querendo concordar?

Gato traidor!

Sozinha no hall e com o sangue fervendo, estava prestes a subir as escadas até o quarto andar, porque não daria o gosto para esse cara de ficar esperando aqui embaixo, quando alguém chamando meu nome me deteve no primeiro degrau.

— Que bom que te achei. — Oscar, um dos porteiros do condomínio, falou aliviado. — Liguei para você no interfone do seu apartamento, mas não foi atendido. Vi que a senhorita estava caminhando há pouco e resolvi arriscar em vir pessoalmente mesmo.

— Aconteceu alguma coisa? — Questionei, surpresa.

— A senhorita poderia me acompanhar até a portaria, por gentileza? Chegou uma correspondência que foi solicitada que entregasse imediatamente. Algo muito urgente.

Concordei em acompanhá-lo e pensando no que poderia ser de tão importante que havia sido entregue para mim?

Antes de sair, dei uma última conferida para o elevador e, ao erguer o olhar, notei que ele estava parado no segundo andar.

Bom saber que seria naquele lá que o Deus do Elevador iria morar.

Fiz uma anotação mental – que depois até pensei em escrever de fato e anexar na minha geladeira – de permanecer bem longe daquele andar.



CAPÍTULO 4

Daniel

Déjà-vu.

Era o que parecia.

Um enorme déjà-vu ao ver aquelas caixas novamente no chão, mas agora tinha o fator que elas teriam que ser todas organizadas no meu novo apartamento.

Gastei a tarde toda e boa parte da noite ajeitando o máximo de coisas que consegui.

Ainda teria alguns dias pela frente para me organizar da melhor maneira possível antes de começar no escritório, na segunda-feira da próxima semana.

Fiz um lanche prático e rápido, sentando num dos bancos em frente ao

balcão da cozinha que dividia espaço com a sala para comer.

No silêncio do ambiente, me lembrei do embate que tive mais cedo com aquela mulher.

A madame do prédio.

Claro que reparei que apesar de estar prestes a explodir – e a me matar também –, ela tinha os olhos numa cor de chocolate mais profundos que já vi.

E a forma como eles se arregalaram ao perceber que eu a tinha flagrado encarando meu corpo foi muito divertido.

Claro que na hora queria ter feito um comentário sobre isso, mas do jeito que ela estava, era capaz de botar fogo no elevador.

Comigo dentro.

O gato que tinha um nome que não consegui decorar, subiu comigo até o meu andar e ficou observando enquanto eu retirava todas as caixas do elevador para o meu apartamento.

Ele parecia um supervisor que estava inspecionando o trabalho do seu funcionário, com aqueles olhos avaliadores que tinha.

Aquele gato era uma figura.

Até cheguei a chama-lo, estalando os dedos, para entrar e lhe dar um pouco de leite, talvez. Ou água, já que o calor daquela tarde estava fritando. Literalmente.

Mas ele apenas me encarou, virou em suas patas e se pôs a descer as escadas.

Provavelmente voltando para o andar do apartamento da sua dona.

Sua dona...

Por um mísero segundo, cheguei a pensar em seguir o bendito gato para descobrir onde morava.

No intuito de me manter afastado da sua fúria, é claro.

Só que do mesmo jeito que a ideia veio, ela foi embora.

Seria um completo absurdo.

Dormi por volta de meia noite e acordei de súbito com um barulho que não consegui identificar da onde vinha, mas parecia que era de dentro do meu apartamento.

Acendi o abajur que ficava no criado-mudo ao lado da minha cama e sentei-me, tentando me situar melhor.

Percebi que o som não vinha de fato de dentro de casa, mas sim do vizinho.

Da parede do vizinho, para ser mais exato, que refletia na do meu

quarto.

Pancadas ritmadas na parede como se... algo estivesse batendo de encontro a parede fina – bem fina – que dividia nossos apartamento. Uma cama, com certeza era o motivo disso tudo.

E isso só podia significar uma coisa.

Virei em direção ao relógio despertador ao lado da cama e confirmei que era três da manhã.

Três da manhã e o vizinho estava em plena atividade sexual.

Isso que eu chamo de inspiração da madrugada.

Bufando alto, voltei a deitar na cama e usei os travesseiros para abafar o som. Acreditando que logo voltaria o silêncio, mas não foi o que aconteceu.

Meu Deus, esse casal não ia descansar, não?

Eu não queria ser plateia para isso.

Estiquei o braço para pegar meu celular e pesquei na gaveta do criado mudo meu fone de ouvido. Pluguei no aparelho e coloquei numa pasta aleatória de músicas, sem nem conferir quem era o artista em questão.

Foi necessário o tempo de cinco músicas completas para pegar no sono novamente.

Acordei com os raios do sol perfurando o vão da cortina indo direto ao meu rosto, me fazendo despertar pela claridade.

Retirei os fones do ouvido e fui conferir meu celular.

Sem bateria, é claro.

Depois de ficar tocando por horas para abafar certos barulhos.

Conectei-o no carregador e me dirigi a cozinha.

Precisava de um café bem forte para mais um dia de organização. E esperava que fosse o último.

Estava abrindo exatamente a última caixa, quando me celular – que assim que atingiu uma certa carga de bateria, ligou novamente - começou a tocar lá do quarto.

Me dirigi rapidamente para lá, arrancando o aparelho do carregador para poder atender.

— Boa tarde, sócio. — Marcelo saudou, bem-humorado — O que achou do seu mais novo apartamento?

— Bem amplo e espaçoso, além de ser bem localizado. Agradeço por ter encontrado essa água no meio do deserto pra mim.

— Que é isso, Dan. Pode contar comigo sempre, não só na sociedade do trabalho. Você é quase um irmão pra mim e sabe disso.

— Eu sei, Marcelo. E digo o mesmo também.

— Certo, tivemos nosso momento sensível de hoje. — Brincou do outro lado da linha. — Mas te liguei por outro motivo também. Fiquei esperando sua resposta ontem sobre a correspondência.

— Que correspondência? — Indaguei, confuso.

— Pedi para um motoboy levar até o seu prédio as pastas com os arquivos dos casos que temos aqui. Para você ir dando uma verificada e quando chegar na segunda-feira já estar por dentro dos assuntos.

— Marcelo, eu não recebi nada.

— Como não? Ele me informou que havia sido entregue e pedido pra passar ao destinatário com urgência. Só não te liguei ontem porque imaginei que estaria ocupado ajeitando a mudança.

— Sério, Marcelo. Não foi entregue nada para mim ontem — esclareci. — Mas vou ligar para a portaria e ver o que aconteceu. Te retorno a ligação em seguida pode ser?

Ele concordou e nos despedimos antes de desligar.

Fui até o interfone e disquei o número da portaria, sendo atendido pelo porteiro quase que imediatamente e expliquei todo o ocorrido.

— A correspondência era do senhor, então? — O porteiro, que havia me informado que se chamava Oscar, perguntou. — Não tinha nome no destinatário, apenas o endereço impresso. Fui eu mesmo que recebi o pacote, e confesso que na parte do apartamento estava um pouco borrado, e jurei que era 46 e não 45. Peço desculpas pela confusão.

— Sem problemas por isso. — Falei com sinceridade. — Mas foi devolvido novamente para o senhor, certo? Posso aí buscar?

— Senhor, o engano foi nos informado ontem à noite. Ainda está na casa do apartamento 46. Como não veio remetente, achei mais seguro deixar lá do que trazer para a portaria, para não correr o risco de acabar indo por acidente para os correios e acabar extraviando. — Justificou-se sem graça. — A moradora se chama Julia, ela é um amor de pessoa, e se prontificou a entregar para o dono assim que ele aparecer.

Acabei concordando com a atitude dele e o agradei, desligando em seguida.

Eu iria saber quem era minha vizinha dessa vez, embora não fosse para pedir um copo de açúcar emprestado.

Saí do meu apartamento, dirigindo-me para o que ficava ao lado do meu.

Um fato me passou pela cabeça ao me lembrar do ocorrido na madrugada. Ia conhecer os responsáveis pelo barulho da parede.

Apertei a companhia e aguardei alguns instantes.

Assim que a porta foi aberta, cheguei a dar um passo para trás de surpresa.

Era ela.

A mulher do elevador.

A madame do prédio.

Ela era a minha vizinha.



CAPÍTULO 5

Julia

Reabasteci minha garrafa térmica com mais café.

Já tinha perdido as contas de quantas xícaras – que na verdade eram canecas – havia tomado.

Na noite anterior, deitei cedo para dormir, mas fiquei um bom tempo encarando o teto escuro acima de mim.

E foi com essa visão, junto ao silêncio do quarto, que uma inspiração surgiu.

Motivada, levantei-me num pulo, acendi a luz e fui ao meu escritório decidida a colocar meus dedos para trabalharem, mas antes lembrei-me de um quadro branco que eu tinha comprado recentemente e acabei pregando-o na parede, com a intenção de fazer algumas anotações e sempre que preciso

fosse, seria minha forma de consulta. Quase uma cola de prova, mas onde não seria proibido e nem teria professor para me reprovar.

Acabei me atrapalhando com o martelo e os pregos e demorei mais tempo do que o necessário para essa atividade, mas como o apartamento ao lado estava vago, não estaria incomodando ninguém mesmo.

Apesar de parecer estranho, amava esses estalos que vinha do nada. Sempre rendiam boas ideias para os livros que queria escrever.

Consegui finalizar o roteiro de madrugada, lá pelas cinco da manhã. E isso já me animava ao mesmo tempo que me aliviava também.

Eu iria conseguir finalizar no prazo.

Teria que conseguir.

A madrugada fora preenchida pelo som incessante do teclado, conforme digitava freneticamente. Com medo de que se demorasse um segundo a mais, a história poderia desaparecer do mesmo jeito que viera.

Com a base das anotações finalizadas, consegui descansar por poucas horas, mas assim que abri os olhos, estava novamente em frente ao meu computador para dar início a história escrita em si.

E acompanhada da minha inseparável amiga cafeína.

Em um determinado momento, o som da companhia preencheu aquele apartamento silencioso, salvei o arquivo e levantei-me para atender.

Não cheguei a conferir quem era no olho mágico, o que de fato, foi meu erro.

Um grande erro.

Se tivesse olhado antes, com certeza nem teria aberto a porta para o homem que me encarava surpreso – e talvez assustado – com seus intensos olhos azuis assim que me viu. Evidenciando ainda mais a cicatriz na sua sobrancelha arqueada.

Bem, talvez eu estivesse da mesma forma também.

Assumi uma postura defensiva assim que o vi, já me preparando para um possível embate.

Porque quando se tratava do Deus do Elevador, coisas gentis que não podiam ser.

— Você que é a Julia? — Perguntou, levemente desconfortável.

— Boa tarde para você também, colega. E sim, estou muito bem, obrigada por perguntar. — Ironizei. — E porque está querendo saber o meu nome? Resolveu virar o personagem simpático e vai se apresentar para todos os moradores desse bloco?

— Você é sempre angelical assim? — Implicou.

— E você? É sempre esse exemplo lorde de cavalheiro? — Rebatu.

— Olha, eu sei que a gente começou mal e...

— Começou o que? Não começamos nada, nem definição de conhecidos nós somos.

— Olha, moça. Eu sei que ontem não fui a melhor pessoa, mas você tem que assumir que também não foi a miss simpatia comigo.

— Eu não tenho que assumir nada. — Bufe, impaciente. — Você descobriu o meu apartamento e subiu dois andares até aqui só pra jogar isso na minha cara? — A pouca paciência que tinha estava querendo me abandonar. E o cara facilitava para ela ir embora mais rápido ainda.

— Como assim subi dois andares? — Suas sobrancelhas se franziram diante a minha constatação.

— O seu apartamento é no segundo andar que sei. Vi ontem quando o elevador parou lá.

— Sim, ele parou porque outra moradora tinha apertado o botão. E olha, posso falar que ela foi mais compreensiva e educada, até se dispôs a me ajudar com a mudança.

— Ah, ela foi? Deixa-me adivinhar... — Fiz uma pausa, fingindo pensar muito antes de jogar os fatos. — Você quase esmagou o gato dela também?

— Eu não “*quase esmaguei*” o seu gato. — Fez sinal de aspas com o dedo para dar ênfase. — Foi ele que se atirou no elevador.

Como se soubesse que estávamos falando dele, Win saiu do meu apartamento, passou no meio das minhas pernas, e foi...

Foi se esfregar nas pernas dele?

— Oi, novo amigo! — E ele teve a audácia de cumprimentar meu gato dessa maneira, agachando-se para fazer um afago entre suas orelhas. — Eu vi você descendo as escadas ontem, imaginei que morasse em outro andar, mas pelo visto você só estava querendo passear mais.

Ele estava mesmo conversando com o meu gato como se fosse amigos de anos?

Gato vendido de bonitão, pensei.

— Então quer dizer que você me acha bonitão? — Comentou, levantando-se e depositando seus olhos em mim. Pela primeira vez, deu um sorriso completo. Claro que ainda continha um toque de presunção embutido em seu esticar de lábios, mas não poderia negar que ele tinha um sorriso bem charmoso e...

O que? Como ele sabia o que eu tinha pensado?

— Você com certeza entendeu errado. Eu não disse isso. — Seria a palavra dele contra a minha. Isso, negaria até a morte se fosse preciso. — Ele só quer chamar a atenção, que nem você. Vou começar a aderir o uso de lingerie para andar de elevador também. Já que você pode andar sem camisa ontem.

Percebi as palavras ousadas assim que elas saíram pela minha boca. E já era tarde demais para recolhê-las de volta.

Seus olhos escrutinaram meu rosto por um tempo considerado mais longo que o necessário, e desceram um pouco, para abaixo do meu pescoço.

Olhei para a mesma direção que ele, me dando conta que o roupão que havia colocado desde cedo tinha aberto em algum momento da nossa conversa e nem percebi.

E como o universo adora conspirar – contra mim, é claro – lá estava eu com meu sutiã preto semi exposto para um desconhecido.

Fechei rapidamente de forma brusca, dando um nó mais forte do que o necessário, e como segurança, cruzando os braços sobre ele também.

Com esse movimento, ele voltou a atenção para meu rosto. Era impressão minha ou seus olhos estavam mais escuros do que de fato eram?

— Realmente assim você iria chamar bem a atenção mesmo. — E sua voz parecia estar mais grossa também.

— Estou um pouco ocupada, será que você pode falar o motivo de ter tocado a minha companhia. — Pedi, querendo mudar de assunto, adiantar o conversa e poder fechar a porta. Na cara dele. Com força. Bem naquele nariz arrebitado.

— Confundiram nossos apartamentos e te entregaram uma correspondência ontem que me pertence. — Foi direto ao ponto. — Liguei na portaria e falaram que estava aqui com você. Claro, isso se você for a Julia que o porteiro me informou.

— Posso concluir que você é o Daniel Belmonte, então?

— Um ótimo poder de percepção esse seu. — Percebi que ele começava a ficar impaciente. Bem-vindo ao clube, querido. — Será que você poderia pegá-los para mim, por favor. São documentos importantes do meu trabalho.

Era só isso que queria? Seria simples, era só entregar aquelas pastas que vieram até mim por engano para que ele voltasse para o apartamento e me deixasse trabalhar em paz?

Isso era fácil de fazer.

— Certo irei buscar. — Abri a porta e ameacei entrar. De soslaio vi que ele se movimentou também. Ah, mas é claro que não iria entrar. Esse sujeito não foi convidado. Parei o movimento e o encarei novamente. — O gato entra e você espera aqui fora.

— Eu não pretendia entrar, *Julia*. — A forma como ele deu ênfase no meu nome não passou despercebido. — Eu só ia me abaixar pra me despedir do meu amigo. Porque alguém aqui tem bom gosto.

— Winchester, vamos entrar. — Chamei pelo gato em questão.

— Winchester, claro. Eu estava tentando lembrar o seu nome ontem. — Disse, abaixando-se novamente para fazer mais um carinho no gato. — Eu já devia imaginar que a sua dona é um pouco violenta, não é mesmo? Você tem nome de uma arma de fogo.

— Sério que esse a única definição de Winchester que você conhece? — Exclamei, indignada. — E não, não é pela arma. É por causa do seriado Supernatural.

— Super o que? — Indagou, ficando em pé.

— Supernatural. Sam e Dean. Os irmãos Winchester. “Caçar coisas, salvar pessoas, o negócio da família”. — Cheguei até a fazer uma voz diferente para realçar o quanto aquela frase era importante para o seriado. — Desisto. Você acabou de ganhar mais um ponto negativo comigo.

Não esperei pela sua resposta, entrei no meu apartamento sendo seguida dessa vez pelo meu gato – ponto para mim dessa vez, cara pálida! – Peguei as pastas que havia deixado desde o dia anterior na mesa e voltei para fora.

Assim que o encontrei novamente, o barulho do elevador chegando no quarto andar soou, atraindo minha atenção.

Cumprimentei a vizinha do 44 que saía e acenou para mim, mas meus olhos continuaram fixos no elevador vazio e aberto à minha frente.

— Nem pense nisso. — Uma voz autoritária me fez desviar a atenção do elevador, que se fechava nesse instante.

— Pensar no que? Eu não ia fazer nada, *Daniel*. — Falei no mesmo tom que ele tinha usado ao pronunciar meu nome instantes atrás. — Não sou burra, sei que se jogasse esses seus preciosos documentos lá dentro antes de fechar, a porta iria abrir novamente e daria tempo de você pegar. Não teria nem graça direito. — Estiquei o braço para entregar os documentos ao seu devido dono.

— O seu gato é exemplo disso. — Ele pegou os documentos. — Bem, obrigado. Pode voltar a fazer o que estava fazendo e... digo, referente aos

barulhos... e... obrigado de novo.

Era impressão minha ou ele tinha ficado vermelho como um tomate?

E que diabos eram esses barulhos a que se referia?

Daniel deu um meneio de cabeça e o vi se afastar, acreditando que tomaria a direção das escadas ou do seu tão querido e exclusivo elevador.

Mas não, ele foi até a porta do apartamento ao lado – que estava vago há meses – encaixou a chave na fechadura, abrindo-a e entrando em seguida sem olhar em minha direção.

O que foi bom, porque evitou de ver minha cara de espanto.

Eu não podia acreditar no que os meus olhos estavam vendo.

O deus do elevador era meu vizinho!



CAPÍTULO 6

Julia

— *E com um beijo de amor, o príncipe despertou a princesa Aurora de seu sono profundo. Eles se casaram e viveram felizes para sempre. Fim.*

O final da história chegou sendo acompanhada por palmas infantis e olhinhos que me encaravam com alegria e encanto.

Eu amava muito o trabalho voluntário que fazia, pelo menos umas duas vezes ao mês, no orfanato onde cresci.

Enquanto Joana ficava na cozinha assando aqueles seus bolinhos mágicos e deliciosos, eu me envolvia com as crianças, seja contando histórias, brincando ou conversando.

Só queria dar a elas o carinho que todas mereciam receber.

Atualmente o Lar Dona Luz tinha quinze crianças com idade de três a

quinze anos. As maiores costumavam fazer cursos também com voluntários, tanto que elas nem estavam no nosso momento de leitura.

Hoje, a minha plateia eram as crianças mais novas e as que mais gostavam de abraçar e receber atenção.

— Tia Ju, o beijo tem esse poder todo de acordar uma princesa? — Miguel, com seus oito anos, perguntou. — Porque eu acho tão nojento. Eca!

— Nos contos de fadas sim, meu amor. Quando você crescer, vai entender melhor.

Luna, a caçula do grupo, e a criança que era mais apegada a mim – tanto que estava sentada ao meu lado – levantou um dos bracinhos, querendo chamar atenção para si.

— Pode perguntar, querida.

— Tia, o príncipe e a princesa tiveram bebês?

— Bem, eles viveram felizes para sempre. Então, podemos acreditar que sim. — Respondi tocando seu narizinho de leve.

— E ele nasceu normal? Os papais abandonaram o bebê deles também? — A vizinha triste daquela pequena de quatro aninhos quebrou meu coração.

As crianças eram mais sensíveis para algumas coisas, como a falta de uma família para cuidar deles, por mais que lá no Lar não faltasse amor. No fundo, a gente sabia que não era a mesma coisa.

E claro que elas eram curiosas e sinceras em suas perguntas e isso era uma coisa que sempre me desmontava.

— Ô, meu amor, vem cá. — Puxei Luna para o meu colo e fiquei fazendo carinho em seus cabelinhos castanhos que ia até a altura dos ombros. — Você é normal, assim como todo mundo aqui nesse Lar. Entenderam, crianças? — Passei meus olhos para as demais presentes na sala. O recado seria para todos também. — Vocês são especiais para muita gente. Principalmente pra mim.

Algumas das crianças criavam tendências de acreditar que elas que eram o problema para terem sido deixadas para trás.

Eu fui uma delas que pensava assim também.

— Quem daqui gosta da tia Ju? — Vários bracinhos esticaram-se para cima, numa animação tão grande que um sorriso terno surgiu em meus lábios. — Então, já que vocês gostam de mim, todos também devem gostar de quem eu gosto, né? E eu amo muito vocês, e quero que vocês sintam o mesmo, combinado? — Acenos animados concordaram comigo. — Agora quero um abraço coletivo bem apertado.

Fui atacada – no melhor sentido da palavra – por demonstração de

carinho daquelas crianças que ocupavam boa parte do meu coração.

A tarde passou num borrão que quando dei por mim, Joana já me chamava para irmos embora.

Ali, naquele lugar, com aquelas crianças, eu não gastava meu tempo. Eu sempre ganhava.

E eu sabia que elas me ajudavam mais do que eu a elas.

Joana sempre me dava carona nos dias que eu fazia o trabalho voluntário. Aproveitávamos para colocar o papo em dia, mas dessa vez permaneci em silêncio por boa parte do caminho.

— Bela Adormecida, hein? — Joana perguntou, depois de um tempo.

— Oi? — Estava entretida em olhar pela janela, mas sem prestar atenção de fato ao caminho.

— A história que leu hoje para as crianças. Da princesa Aurora. Passei na sala quando você estava lendo para eles. — Ela deu um sorriso doce. — Era o seu conto de fadas favorito quando criança, lembra?

— Lembro sim. E você vivia contando essa história pra mim, quando eu ia para sua cama depois de um pesadelo durante a noite.

— Essa história sempre te acalmava.

— Mas agora eu cresci e aprendi que dragões, bruxas, fadas e príncipe encantado – esse por último ainda mais – não existem.

— Uma escritora falando que não acredita em magia? — Ela brincou.

— Apenas uma pessoa normal que deixou de acreditar em algumas coisas — suspirei.

Chegamos na frente do meu prédio, despedi-me da minha amiga e estava prestes a saltar do carro, quando ela me chamou novamente:

— Estava quase me esquecendo. — Disse, entregando-me um pote branco. — Separei um pouco dos bolinhos de chuva pra você, já que não comeu nenhum no café da tarde.

Agradei o gesto da minha amiga tão querida e nos despedimos. Esperei seu carro virar na esquina para entrar pelos portões.

Eu realmente não conseguira comer nada quando estivera com as crianças.

O que a Luna falou na nossa tarde de leitura havia mexido comigo mais do que imaginei. E mais do que gostaria também.

Caminhei até chegar ao bloco três, agradecendo pelo elevador já estar parado no térreo.

Assim que encaixei a minha chave na fechadura, meus olhos recaíram no

apartamento do meu vizinho que já morava ali há quase quatro meses.

Eram raras as vezes que o via – e eu agradecia aos céus por isso -, já que ele passava mais tempo no trabalho do que no apartamento.

Claro que não estava reparando tanto assim nele.

Nunca mais conversamos depois do dia que ele bateu a minha porta, o que foi bom, devido ao que acontecera naquele embate.

Eu só queria me jogar no sofá por alguns minutos. Depois sentar-me novamente em frente ao computador para dar continuidade em um dos meus livros.

Consegui terminar aquela história dentro do prazo, e ela acabou se tornando a mais rápida que escrevi. Foram várias madrugadas acordada para conseguir dar conta do prazo que Maria tinha estipulado de surpresa.

Assim que passei pela porta, senti como se meu corpo todo pesasse ainda mais no dia de hoje.

Não que estivesse cansada por ter brincado com as crianças, ou pelo fato de ter dormindo poucas horas durante a noite.

Eram as lembranças que pesavam. Os pensamentos também contribuía na balança.

Lara tinha me mandado uma mensagem mais cedo, avisando que mandaria alguém da editora me entregar um documento importante – o contrato do próximo livro que iria publicar.

Com um resmungo baixo, que fez até as orelhas de Win levantarem um pouco – embora ainda continuasse deitado em seu sono de beleza -, levantei-me do sofá e decidi tomar um banho rápido.

Sabendo que a visita viria depois das seis e meia, eu tinha tempo. Como a editora tivera um problema na impressão, ou algo assim, seria entregue bem depois do expediente deles.

Assim que saí do chuveiro, já vestida e com os cabelos molhados, meu interfone tocou.

O porteiro do turno da noite, me informou que tinha uma mulher querendo subir para falar comigo. Me disse que seu nome era Laís – e embora eu não tivesse reconhecido, mas cheguei a imaginar que poderia ser uma funcionária nova – e autorizei que subisse.

Dei uma penteada nos meus cabelos loiros e lisos que batiam no meio das minhas costas enquanto esperava pela visita.

A campainha tocou poucos minutos depois e me apressei em atender.

Imaginei que essa Laís estivesse louca para poder voltar para casa depois

de finalizar seu expediente numa sexta-feira.

Assim que abri a porta, deparei-me com uma moça loira de olhos azuis que me encarava surpresa e que me deixou bem confusa.

Desci meus olhos para suas mãos, imaginando que ela deveria estar segurando alguma pasta com o contrato. Mas não.

Suas mãos estavam vazias e espalmadas em sua barriga.

Numa barriga que estava para explodir de tão grávida.

— Ele realmente não demorou para arrumar alguém depois que se mudou. — Sua voz estava ácida e me olhou de cima a baixo.

— Como? — Perguntei, sem entender nada do que ela queria dizer com aquele comentário aleatório. — Desculpe-me, mas você não veio me entregar os documentos da editora?

— Não, eu não vim para entregar nada. A não ser uma notícia, mas não para você. — Ela respirou fundo antes de continuar. — Será que você poderia chamar o Daniel? Ele e eu precisamos conversar.

— Chamar quem? — Eu deveria estar parecendo uma louca só respondendo com perguntas. Mas eu estava completamente perdida com tudo isso.

— Olha, moça. — Ela parecia mais impaciente a cada minuto. — Eu sei que aqui é o apartamento do Daniel Belmonte. Não quero atrapalhar o momento casal de vocês dois, só preciso falar com ele. Serei rápida.

— Está havendo uma confusão enorme aqui. O Daniel não mora aqui, e sim, no apartamento ao lado. — Apontei para a cabeça para a porta correspondente ao seu morador.

Seus olhos acompanharam o meneio de cabeça que fiz, e toda aquela impaciência dela se dissolveu. Percebi um certo constrangimento em seus olhos.

— Me desculpa pelo engano. Consegui o endereço do Daniel no seu antigo trabalho, mas o número do apartamento estava um pouco borrado e acabei me confundindo com o seu. — Ela parecia muito sem graça por tudo. — E me desculpa pela forma que falei com você.

Respondi que não tinha problema. Ela agradeceu e dirigiu-se a porta – a certa dessa vez – do meu vizinho.

Assim que se virou, percebi que tinha uma mochila em suas costas.

Quando ela estava prestes a bater na porta dele, eu fechei a minha.

Meu interfone tocou novamente logo em seguida.

E dessa vez – diferente da outra – eu reconheci o nome da pessoa que me

procurava.

Abri a porta novamente recebendo o devido documento pelas mãos da Giovana – a assistente da editora – já indo embora logo em seguida, mesmo que eu a tivesse convidado para entrar um pouco.

Nos despedimos e, aproveitando o elevador que estava parado no andar, entrou e foi embora.

Olhei para o lado e vi que a moça loira de antes continuava no corredor, encostada na porta de Daniel.

Provavelmente não havia chegado ainda do trabalho. Já havia percebido anteriormente que sempre chegava em casa tarde, pelo barulho da sua porta ao ser fechada.

Não que ficasse a noite toda com o ouvido na parede esperando que ele chegasse. Claro que não era isso!

Mas éramos vizinhos e tinha coisas que davam para perceber pelos barulhos.

— Laís. — Chamei, atraindo sua atenção para mim. Não iria deixá-la do lado de fora do apartamento, sozinha, esperando que ele chegasse para conversarem. Ela estava grávida, poderia querer ir no banheiro e se sentar para ser mais confortável a espera.

Assim que seus olhos viraram para mim, notei que eles estavam vermelhos e com o rímel borrado. Sinal de que estivera chorando ainda a pouco.

— Não quer usar meu telefone para avisá-lo? — Ofereci. — Assim ele pode voltar para casa mais rápido.

— Não precisa. — Ela fungou, secando as lágrimas com uma das mãos. — Ele não sabe que eu vim e nem do assunto que me trouxe aqui. Prefiro falar pessoalmente.

— Não quer entrar enquanto espera? Eu posso fazer alguma coisa por você? Precisa de ajuda? — Questionei, solicita.

— Preciso sim, moça. — Respondeu, com os olhos marejados, colocando as mãos sob a barriga proeminente. — Eu preciso da ajuda do Daniel. Do pai do meu filho.



CAPÍTULO 7

Daniel

Apenas um dia difícil no escritório.

Literalmente.

Aquela sexta-feira foi capaz de juntar num dia só todos os problemas que deveriam ser resolvidos em uma semana.

Acabei excedendo meu horário por lá, só para evitar trazer trabalho acumulado para casa.

Eram exatamente vinte horas quando desliguei meu computador, apanhei as chaves do meu carro na gaveta da escrivaninha, apagando as luzes em seguida para, enfim, ir para casa.

Estava cansado, com fome e levemente nervoso com os acontecimentos do dia assim que pisei no meu andar.

Só mais alguns passos e estaria dentro do meu apartamento pronto para encerrar aquela semana caótica.

Mas detive o pensamento assim que me aproximei da minha porta. Havia um papel preso por um pedaço de fita adesiva nela.

Arranquei com cuidado para não rasgar e deparei-me com uma letra bonita.

Daniel Belmonte, assim que chegar, venha até o meu apartamento.

Precisamos conversar.

É muito importante.

Julia Assis

Li o bilhete duas vezes para ter realmente certeza do que estava escrito lá.

Olhei para a porta do apartamento ao lado, confuso com o que poderia ser esse assunto tão importante que a minha vizinha queria tratar comigo.

Eu a via muito pouco, eram raras as vezes que nos encontrávamos no saguão, já que minha rotina era completamente fora daquele prédio.

Com essa minha correria, até o gato – que ainda tinha um nome diferente ao meu ver – não via mais pelos corredores.

Analisando todo o meu histórico com a vizinha do 46, já previa que boa coisa não podia ser.

Julia não estaria me esperando com um bolo recém-saído do forno, sorridente e tranquila.

Aquilo deveria ser uma armadilha!

Algo que envolva uma faca e ela querendo me atacar seja mais realista. Embora eu não me lembrasse de ter feito nada para incitar sua ira.

Não recentemente, pelo menos.

Afastei os pensamentos sacudindo a cabeça.

Deveria ser apenas para conversar – ou brigar – sobre alguma coisa. Aposto que seria algo que eu tenha “feito” e quisesse jogar na cara.

Decidindo que isso poderia ser resolvido no dia seguinte, já que minha paciência não estava a das melhores, entrei no meu apartamento.

Afrouxei o nó da gravata e retirei o paletó, jogando-o de qualquer jeito sobre o sofá.

Por mais que eu gostasse de organização, poderia dar um jeito nele depois.

Desabei sentado sobre o estofado e quando dei um suspiro profundo, a campainha gritou aos meus ouvidos, atrapalhando meu momento solitário.

Levantei, praguejando baixo para quem quer que fosse do outro lado da porta.

Conferi no olho mágico e qual não foi minha surpresa em ver, por aquele buraco minúsculo, que era a minha estimada vizinha que apertava o botão da campainha sem piedade alguma.

Se a intenção dela era me deixar surdo e mais mal-humorado do que já estava, o seu resultado estava sendo atingido com sucesso.

Isso que nem tinha aberto a porta ainda.

Realmente ela deveria estar muito irritada comigo para querer trazer o assunto hoje e que não poderia aguardar até o dia seguinte.

Pensei por um momento em fingir que não estava em casa, fazendo-a desistir por cansaço e voltar para o seu apartamento. Mas Julia deveria ter ouvido o barulho do elevador que denunciou a minha chegada.

Maldito elevador!

Se bem que do pouco que a conhecia, teimosia poderia ser considerada seu nome do meio. E eu não queria perder a audição por causa disso.

Vencido pela insistência e com um bufar, abri a porta e a encontrei com os braços cruzados em frente ao corpo.

Seus olhos – como das outras vezes – guardavam um incêndio inteiro dentro de si.

Já estava prestes a perguntar o que eu tinha “feito de errado”, mas ela começou a falar primeiro:

— Por favor, vem comigo. — Pediu e a minha cara de perplexidade devia estar evidente para ela. — Você não leu o bilhete que deixei aqui? — Apontou para a porta agora vazia. — Você não tinha chegado ainda, então a convidei para ficar te esperando no meu apartamento. Vem logo que vocês dois precisam conversar.

— Ela quem? Nós quem? — Aquilo estava ficando a cada minuto mais confuso.

Julia não respondeu as minhas perguntas e seguiu em direção ao seu apartamento, parando na porta e fazendo sinal com a cabeça para que eu a entrasse.

Recordei-me daquela vez, há quatro meses, que ela pensou que eu fosse entrar e me condenou sem nem motivo.

E agora, lá estava a mesma mulher, com um semblante ansioso para que a seguisse.

Sem muitas opções, fui e entrei logo atrás dela em seu apartamento.

O cômodo que me recebeu era muito parecido com o meu, mas bem mais decorado. Tão diferente do vazio que via todos os dias. Tinha cores nas paredes e alguns porta-retratos também.

Se bem que, talvez, pela falta de decoração em meu apartamento, acabasse sendo a minha cara também.

Uma bola de pelos miou aos meus pés, querendo chamar a minha atenção.

— Está sumido, amigo. — Abaixei para acariciar entre suas orelhas.

— Aproveitando que você está entretido, eu já volto. — Julia anunciou, entrando no que julguei ser um quarto.

Será que ela tinha ido chamar o marido? Se bem que, por mais que não a visse com frequência – não que estivesse reclamando, é claro – nunca tinha visto outro homem circular por esse andar. A não ser os outros dois vizinhos.

Como as paredes que dividiam nossos apartamentos eram finas, nunca tinha ouvido uma voz masculina. E nenhuma briga.

Ou eles eram o casal paz e amor que nunca brigavam e só ficavam batendo a cama na parede mesmo que nem a da minha primeira noite no prédio.

Se bem que esse barulho não se repetiu mais desde que me mudei.

E porque esse pensamento estava tão insistente na minha cabeça?

Claro que a Julia era uma mulher bonita e chamaria a atenção de todos a sua volta, mas eu tinha quase conseguido esquecer do seu rosto.

Quase.

E por mais que tivesse evitado me esbarrar com ela pelos corredores, visando a paz do prédio e a minha própria vida, seu rosto – principalmente seus olhos – me acompanharam durante alguns dias.

E aquilo era uma coisa que me incomodava de um jeito que não saberia explicar.

Talvez o nosso desentendimento tivesse deixado assuntos inacabados que me assombravam de alguma maneira.

Mesmo que, estando agora frente a frente, todos os comentários que havia pensando para poder ganhar uma batalha inexistente no momento tivessem evaporado.

Escutei passos – de mais de uma pessoa se aproximando – e virei-me para olhar.

Ao lado da mulher que quase derrubou o elevador aquele dia, estava outra que eu conhecia bem.

E não poderia estar mais surpreso ao ver Laís na minha frente.

Nós chegamos a sair juntos algumas vezes, há um pouco mais de oito ou nove meses.

Não chegou a ser um relacionamento oficial. Apenas gostávamos da companhia um do outro e saíamos de vez em quando.

A última vez que há vi, ela tinha ido até o meu apartamento pôr um fim – embora, novamente, não tivéssemos começado nada para terminar – nas noites que costumávamos dividir.

Alegara que estava de mudança para outra cidade, que foi bom enquanto durou, mas como nosso lance não tinha futuro mesmo para que adiar o inevitável?

Nunca mais a vi desde então.

Continuava a mesma mulher bonita de alguns meses, com os cabelos loiros ondulados até o meio das costas, os olhos azuis grandes, embora parecessem estar vermelhos.

Ela estava chorando?

Mas o que mais me chamou a atenção foi onde suas mãos estavam repousadas.

Laís estava grávida?

— Oi, Daniel. — Cumprimentou com a voz num sussurro, mas fui capaz de ouvir.

Estava tão surpreso com o que via a minha frente, que as palavras demoraram a surgir em minha boca.

— Laís, você... O que está acontecendo aqui? — Isso eu queria muito saber.

— Vou deixar vocês sozinhos para conversarem e terem privacidade. — A voz de Julia preencheu o espaço. — Laís, estarei no outro cômodo se precisar de mim, tudo bem?

Ela chegou a concordar com a cabeça e estava prestes a dizer alguma coisa, quando seu rosto ficou completamente pálido, curvando-se para a frente.

Apressei-me em chegar até ela para ampará-la, mas não chegou a ser necessário. Julia também pressentindo alguma coisa, a confortou como pode

de onde estava.

Ela apenas levantou o rosto com a expressão de dor evidente em cada vinco de sua testa, com as mãos espalmadas com mais força na barriga.

— Acho que chegou a hora do nosso filho nascer, Daniel.

Poderia apostar que quem estava pálido agora era eu.

Seria uma noite muito, muito longa pela frente.



CAPÍTULO 8

Julia

De todas as maneiras que pensei em finalizar a minha semana, essa, sem sombra de dúvidas, passava muito longe da minha cabeça.

Estava sentada no banco traseiro segurando a mão de Laís ao meu lado que a apertava constantemente.

Ela tentava controlar a dor através das respirações mais profundas, e acredito que todos nós que estávamos no carro tínhamos nos esquecido como era respirar normalmente.

Daniel dirigia o mais atento possível ao caminho à sua frente, mas sempre que parava num semáforo, seus olhos olhavam para o retrovisor para saber se estava tudo bem.

Laís não chegou a perceber, já que sua atenção estava focada em outra

coisa.

Mas eu sim.

E eram os meus olhos que os dele repousavam através daquele espelho, procurando uma resposta a aflição que ele sentia.

Apenas acenava com a cabeça que estava tudo bem e assim permanecemos o caminho até o hospital. Em completo silêncio, tendo apenas o som das respirações pesadas e gemidos de dor da grávida em trabalho de parto ao meu lado.

Por sorte e pelo horário em que estávamos – um pouco depois das nove da noite – as ruas se encontravam praticamente vazias e o que facilitou e muito chegarmos rápido ao hospital.

Daniel estacionou do jeito que deu e saiu correndo para o hospital, dali em diante foi tudo um borrão de enfermeiros trazendo uma cadeira de rodas, colocando Laís nela com todo cuidado e entrando pelas portas automáticas da maternidade.

Conseguia me lembrar com nitidez da cara de surpresa de Daniel quando viu a barriga de Laís no meu apartamento, os segundos que demorou para raciocinar até absorver toda a notícia. Ou tentar, pelo menos, já que nem tivera tempo para isso.

Daniel olhou para mim por um momento, antes de correr atrás deles pela porta.

Fiquei completamente sem saber muito bem o que fazer.

Poderia chamar um taxi e ir embora para o meu apartamento, mas sabia que não ia conseguir sair de lá sem notícias de Laís.

E do bebê também.

Acabei metida nessa situação até o pescoço e não iria abandonar o barco logo agora.

E foi com esse pensamento que me vi adentrando as portas da maternidade e indo para a sala de espera aguardar. Era a única coisa que poderia fazer.

Fiquei horas sentadas naquelas cadeiras nada confortáveis aguardando notícias.

Se bem que Daniel não sabia que eu tinha ficado ali esperando, mas qualquer enfermeira que passasse perto da onde estava, acabava abordando e perguntando sobre como estava lá dentro.

E a resposta era sempre a mesma: o bebê ainda não havia nascido.

Quando o sol começava a despontar no horizonte, pronto para nos saudar

para um novo dia, Daniel passou pelas portas vaivém da emergência.

À primeira vista seu estado me alarmou, fazendo-me levantar da cadeira. Parecia muito cansado e abatido e com os olhos baixos, tristonhos.

E meu coração se apertou em ver aquela cena.

Ele parou de andar, surpreso, assim que me viu em pé encarando-o. Devagar, veio se aproximando até onde eu estava.

E com a ansiedade e preocupação que me consumia, me adiantei para encontra-lo no meio do caminho.

— Você ficou... — Ele suspirou e eu não soube concluir se fora um desabafo ou uma pergunta.

— Claro. Como eles estão? — Perguntei de pronto.

— A Laís está bem, perdeu muito sangue e parece que teve uma anemia, mas já está no quarto descansando.

— E o bebê? Como está o seu... — hesitei. — O seu filho?

— É uma menina. — Deu um pequeno sorriso ao falar. — Meu Deus, eu tenho uma filha. — Exclamou, colocando as mãos na cabeça.

— Você realmente não sabia? — A pergunta saiu antes que eu conseguisse segurá-la. Percebi que ela acertou o alvo em cheio pelo seu olhar.

— Você acha mesmo que eu seria capaz de abandonar uma mulher grávida de um filho meu? — Ele parecia ofendido com o meu pensamento. E aquilo que via eu seus olhos azuis eram mágoa?

— Desculpa, não devia ter perguntando isso. Porque não tenho nada a ver com a sua vida. — Respondi, sem graça.

— Jamais a teria deixado desamparada ou distante. Eu nunca iria afastar um filho de mim. — Respondeu e nesse momento, vendo o abandono em seus olhos, ele me pareceu um menino perdido que não sabia para onde ia. — Descobri que sou pai há poucas horas e eu nem sei se... — Sua voz tremeu.

— Não sabe o que? — Aproximei-me ainda mais, colocando minha mão em seu braço, no intuito de confortá-lo. — Está tudo bem com a bebê?

— Foi um parto complicado e aconteceu tanta coisa lá dentro. Ela passou da hora e nasceu sem oxigênio, roxinha e sem chorar. — Conforme Daniel descrevia, seus olhos iam se tornando uma piscina rasa de lágrimas que eu imaginava que ele tentava não derrubar. — Eu não ouvi minha filha. A vi tão rapidamente e nem sequer pude pegá-la em meus braços. Os médicos correram para leva-la para a incubadora com o oxigênio que estava na sala, mas não me deixaram nem chegar perto.

— Sinto muito por isso. — Vi que uma lágrima solitária deslizava de seu rosto e, num ato um tanto sem pensar, sequei com meus dedos e mantive a minha mão em seu rosto. — Mas vai ficar tudo bem. Eles sabem o que estão fazendo e daqui a pouco ela estará bem e você irá vê-la.

— Estou com tanto medo, Julia. — Ele pressionou delicadamente a sua mão em cima da minha que ainda continuava em seu rosto. — Apesar de ter sido pego de surpresa, vim pensando no carro a caminho do hospital. Nunca me imaginei pai, ainda mais assim no susto, mas, porra... quando vi que era real, que eu ia mesmo ser pai de um bebê que estava para nascer, algo dentro de mim mudou. E tenho muito de perde-la sem nem ter ganhado direito.

Não sabia quem foi que tomou a iniciativa primeiro, mas no segundo seguinte, estávamos presos num abraço. Ali num corredor frio de um hospital.

A cabeça dele descansava sobre a minha e eu podia ouvir o seu coração bater num ritmo totalmente desenfreado.

— Obrigada por ter ficado. — Sussurrou em meus cabelos.

Continuamos embalados por um tempo que não soube precisar, mas iria permanecer ali.

Enquanto sentisse que era para estar.

Enquanto precisassem de mim.



CAPÍTULO 9

Daniel

As últimas horas da minha vida eram de momentos que jamais iria esquecer.

Se fechasse um pouco os olhos, poderia me lembrar com exatidão de cada instante.

Dos gritos de Laís, do médico tentando acalmá-la, da voz anunciando “nasceu” e “é uma menina”... Mas as palavras que mais me assombravam foram ditas em seguida e da correria da equipe médica que se empenhava em cuidar da minha filha ao máximo.

E aqui estava eu, horas depois desse momento, aguardando por notícias.

Esperar por essa informação me deixava num estado de extrema

angústia.

Estava com Laís, no quarto do hospital, algumas horas depois do parto. Embora ela ainda permanecesse quieta, mesmo eu tendo feito algumas perguntas.

Não chegamos nem a conversar depois que a vi no apartamento da minha vizinha. Tudo aconteceu tão rápido que culminou nesse instante num estalar de dedos.

Por que você demorou tanto tempo para contar sobre a gravidez?

Foi a primeira pergunta que fiz, mas teve só o silêncio como resposta.

Apesar de ávido em descobrir seus motivos de esconder algo tão importante de mim, não queria pressioná-la naquele momento.

Tinha presenciado o quanto o parto havia sido complicado e imaginei que ela gostaria de um pouco de paz agora.

O médico que viera ao quarto vê-la há alguns minutos, vendo meu estado de preocupação, garantiu que voltaria com notícias de minha filha em breve.

E fazia dez minutos que ele havia saído e ainda não retornara.

— Você pensou em um nome para ela? — Sua voz saiu baixa, cansada, mas Laís continuava com os olhos focados na parede oposta que eu estava.

Por que ela não olhava nos meus olhos?

— Bem, não tive muito tempo para assimilar. — Respondi, em seco.

Ela se afastou de mim, escondeu algo que muito me interessava saber por meses e me faz uma pergunta daquelas?

— Eu não cheguei a pensar também — disse, dando de ombros. — Achei que seria menino, embora não tivesse pensado num nome para ele. Nunca tive isso de instinto materno mesmo.

— Você não sabia que era uma menina? — Questionei, surpreso e um pouco indignado. — Laís, você não fez todos os exames necessários?

— Fiz sim, Daniel. — Seu rosto virou em minha direção pela primeira vez. — Só pedi para o médico não me falar o sexo do bebê.

— Você queria que fosse surpresa ou algo assim? — Com a minha pergunta, Laís virou-se novamente para a parede, deixando claro que a nossa pequena conversa havia terminado.

Por hora. Ela não iria poder fugir disso para sempre.

Olhei novamente o relógio em meu pulso.

Vinte minutos.

Cadê esse médico que não voltava mais?

Como se sentisse que eu o chamava em pensamento, a porta se abriu e a pessoa que mais esperava ver apareceu na minha frente.

— Como ela está, doutor? — Nem esperei ele fechar a porta e se aproximar de nós.

— Vou ser direto a vocês. O estado dela ainda precisa de cuidados, mas está reagindo bem.

— Posso vê-la? — Estava ansioso por isso. Não, acho que isso nem chegava perto. A vontade era tão grande que eu tinha a impressão que iria enlouquecer.

— Claro. Posso acompanhá-los até lá e podem ficar por alguns minutos.

Era a primeira vez naquele dia longo – que fora a extensão do anterior – que me animava com alguma coisa.

Claro que havia ficado tocado com as palavras que Julia falou para mim mais cedo, na sala de espera.

Me lembrava também do abraço forte – por mais que ela fosse bem mais baixa que eu – que compartilhamos e me fez nunca mais querer sair de dentro dele.

— Só esperem um minutinho aqui, tudo bem? Vou chamar uma enfermeira para vir com uma cadeira de rodas para te acompanhar. — O médico, doutor Laerte, anunciou próximo da cama onde Laís ainda estava deitada.

Ela nem tinha se mexido depois que ele comentou que poderíamos ver a nossa filha.

— Não precisa, doutor. — Sua voz baixinha respondeu. — Eu prefiro ficar aqui no quarto hoje. Amanhã eu a vejo.

— Você não vai ver a *sua* filha? — Perguntei, incrédulo.

— Hoje não, Daniel. Agora eu quero descansar.

Respirei fundo e acenei com a cabeça para o médico como sinal de que estava pronto

Porque eu estava mais que pronto para conhecer a minha filha.

E esperava que ela também estivesse para me conhecer. Mesmo sabendo que era pequena demais para entender a situação.

Coloquei a mão na maçaneta, fazendo pressão pra baixo para abri-la, levando um susto ao encontrar Julia com a mão a caminho da porta, como se estivesse prestes a bater.

— Desculpe se estou incomodando, mas queria muito saber se a bebê está bem? — Fitou o chão, um pouco embaraçada. Nunca pensei que ia ver aquela vizinha que quase me matou e deu de ração para o seu gato, assim, com tímida com alguma coisa.

— Pensei que tivesse ido embora. — Respondi, surpreso em vê-la ali. Ainda no hospital. Desde a noite passada.

— Eu não consegui ir. E só saio daqui quando souber como ela está. — Disse simplesmente, batendo os pés como se estivesse sendo contrariado ou algo assim. E mesmo que eu não entendesse o porquê, fiquei muito tocado ao notar o quanto ela se importava com a minha filha.

— Estava indo conhece-la agora.

Seus olhos se iluminaram ainda mais ao ouvir minhas palavras.

Julia saiu do caminho da porta, indo em direção a parede do corredor para que saíssemos do quarto.

— Que notícia maravilhosa! — Ela se animou, do tipo muito, por alguns segundos. — Eu vou ficar na sala de espera aguardado. Depois você me conta como ela está?

— Claro — concordei.

Vi Julia virar, na intenção de retornar para onde estivera todo esse tempo, mas não a deixei ir muito longe.

— Julia, espera! — Estancou assim que me ouviu chamar pelo seu nome, virando novamente em minha direção.

Uma distância de quatro passos nos separavam.

Olhei para o médico, que pareceu entender o que queria pedir e apenas acenou concordando com um pequeno sorriso nos lábios.

— Você quer ir vê-la também? — Perguntei.

Claro que não iria ficar chateado se ela falasse que não.

Aliás, Julia não era nada minha e nem da bebê. Não tinha que se sentir na obrigação de aceitar algo apenas porque tinha e...

— Você está falando sério? — Falou alto, um pouco mais do que o recomendado para um hospital. — Eu posso mesmo? A Laís não vai?

— Hoje não. — Repeti as mesmas palavras que ela me dissera, há pouco, dentro do quarto. Muito perspicaz, Julia percebeu que meu humor deu uma mudada e pareceu entender a situação.

Será que entendia mesmo?

— Então, se não vai incomodar, quero ir sim. Obrigada por convidar. — Ela esticou uma das suas mãos e tocou a minha rapidamente. Por mais que

o contato tenha sido mínimo, um calor brotou ali, onde sua mão delicada havia me tocado. E continuou mesmo depois que a recolheu, com os olhos arregalados de surpresa.

Será que ela tinha sentido também?

O médico começou a caminhar a nossa frente e nós o seguimos em silêncio.

Ele nos explicou no caminho que a nossa visita seria de apenas alguns minutos na UTI Neonatal e que a veríamos apenas através da incubadora.

— Quando poderei pegá-la nos braços? — Não consegui me conter em perguntar. Sentia uma necessidade tão forte de embalá-la em meus braços que chegava a doer fisicamente.

— Tudo será uma questão de tempo, Daniel. — Doutor Laerte explicou, como sempre com toda a paciência, que diferenciava e muito da minha agitação. — Será necessário que ela fique por alguns dias, mas em breve estará bem e saudável.

O otimismo e confiança do médico me acalmou um pouco. Tinha plena confiança de que todos ali estavam fazendo tudo o que podiam.

Ao chegarmos ao local de destino, vestimos jalecos e toucas antes de entrarmos na sala.

O médico apontou para a incubadora, bem no canto esquerdo, e meus pés tomaram a direção da onde tanto queriam chegar.

Ela estava dormindo tranquila e serena que chegou a me transmitir uma paz que eu precisava muito sentir.

Era tão pequenininha que, embora meus dedos pinicassem de vontade de pegá-la no colo, num primeiro momento teria medo de ter algo tão frágil – e valioso – em minhas mãos.

Porque isso que ela era. Valiosa.

— Oi, querida. Aqui é o papai. — Sussurrei próximo ao casulo que a guardava lá dentro. Sabia que era necessária para mantê-la bem e que logo não existiria mais essa barreira entre a gente.

Parecendo que tinha me ouvido, seus olhinhos se abriram devagar e a cor azul como um céu sem nuvens, ainda sonolentos, olhavam tudo ao redor.

Mudei de posição – não mais na lateral e sim acima dela – para poder observá-la melhor.

Percebi que minha visão ficou um pouco embaçada, e passei uma das mãos em meus olhos para evitar que lágrimas caíssem.

Toquei a incubadora, desejando tanto que fosse sua mãozinha tão

pequena que estivesse pegando.

Senti um soluço vindo as minhas costas e vi que Julia estava com ambas as mãos na boca, como se tivesse tentando conter a emoção.

Mas seus olhos não estavam contidos. Lágrimas deslizavam por seu belo rosto.

Seus olhos castanhos, naquela cor de chocolate que sempre brilhavam, seja por fúria como no episódio do elevador, de incredulidade quando seu gato preferiu subir comigo do que ir com ela... ou como agora, que brilhavam com a mais linda emoção que pude presenciar.

E naquele momento, ela me pareceu ser a mulher mais bela que tivesse visto.

Seus olhos subiram e pousaram nos meus, retirando as mãos da boca e abrindo um pequeno sorriso para mim. Era o primeiro. E ela ficava ainda mais linda quando sorria.

Acenei com a cabeça em direção a incubadora a minha frente e ela se aproximou de nós.

— Oi, bebê mais linda. — Seu tom de voz exalava doçura ao contemplar a minha filha.

Quem podia imaginar que, aquela mulher capaz de me matar, teria a voz e o olhar tão doce para mostrar.

Julia ficou em silêncio por um tempo olhando para a minha filha e eu fiz o mesmo.

Em seguida, colocou a sua mão também em cima da incubadora – ao lado da minha – e assim ficamos. Aquela cena foi capaz de me aquecer por completo, principalmente o coração que batia ensandecido no peito.

— Já escolheram o nome para ela? — Julia perguntou depois de alguns minutos.

— Eu iria perguntar exatamente isso para você mais tarde, Daniel. — A voz do médico se fez ouvir atrás de nós. — Precisamos do nome para colocar na ficha, e mais tarde, para fazer a certidão dela.

Eu olhei para aquela pequena que despertara em mim um sentimento tão grande, e pude tomar a minha decisão.

— Ela vai ter o nome da minha mãe. — Falei, abaixando-me para ficar ainda mais próxima dela, o quanto fosse possível. — Bem-vinda ao mundo, Aurora.



CAPÍTULO 10

Julia

Aurora.

Pensei pela milésima vez no nome daquela bebê linda.

E no quão grande era a coincidência que ontem mesmo – embora parecesse que fizesse mais tempo – eu estava lendo sobre a Princesa Aurora para as crianças do Lar.

Adentrei meu apartamento num estado enorme de cansaço.

Não queria ter vindo embora, mas Daniel insistiu muito para que eu assim fizesse, já que estava no hospital desde a noite anterior quando tudo começou.

Mas iria voltar no dia seguinte, ainda mais porque esqueci de pegar seu número de telefone para poder ligar para saber se a bebê estava bem.

Se a Aurora estava bem...

Assim que coloquei os pés dentro de casa, senti Winchester se esfregar nas minhas pernas. Ele era um dos grandes motivos de eu ter voltado.

Cheguei a ligar para Lara e pedi para que passasse no meu apartamento naquela mesma manhã para alimentar o meu gato.

Como ela morava bem perto do meu condomínio e possuía a chave do meu apartamento, além de ser uma amiga muito querida, pedi esse favor enorme, que sem hesitar o fez. Liguei para a portaria para que autorizassem a sua entrada sem problemas. Se bem que o porteiro do turno da manhã já conhecia a minha amiga e a liberaria para subir, mas achei melhor garantir.

Sentei-me – para não falar que despesquei – no sofá e Win deu um dos seus pulos de gato e veio no meu colo.

— Senti minha falta, seu rabugento? — Indaguei, brincando enquanto acariciava seu pelo escuro. — Você nem acreditaria em tudo o que aconteceu.

Fiquei mais alguns minutos ali, acariciando meu gato que em poucos instantes adormeceu em meu colo.

E aquele era o meu ponto fraco. Como iria levantar daquele sofá sem acordá-lo?

Mas o que seria esperar só mais alguns minutinhos...

O barulho da campainha soou, mas mesmo assim não foi capaz de despertar o pequeno dorminhoco em meu colo.

Com todo o cuidado que pude ter, ajeitei-o com calma nos braços e o coloquei deitado no sofá, ao lado de onde estava sentada.

Ele apenas ronronou e se ajeitou novamente.

Winchester era, de fato, a versão Bela Adormecida na forma de um gato.

Assim que abri a porta, deparei-me com Lara com seu sorriso sempre presente no rosto.

Pelo jeito, o porteiro do turno da noite também a conhecia e a deixou entrar sem anunciar. Uma visita surpresa que adorei receber.

Éramos amigas desde que entrara para a editora. Foi ela que me descobriu, inclusive.

Eu publicava meus livros em formato digital e independente num site e ela acabou lendo um deles uma vez, me bombardeou de perguntas e comentários em uma das minhas redes sociais.

Me apresentou, junto com a minha história, para Maria que se interessou e acabei sendo uma das contratada da casa editorial.

Tínhamos o gosto muito parecido para quase tudo e por isso nos

identificamos quase de pronto.

Lara foi uma das poucas que entendera a referência que continha no nome do meu gato. E isso já era pontos extras a seu favor.

— Eu trouxe o seu jantar. — Ela mostrou a caixa de pizza que segurava e eu a amei ainda mais por isso.

Ela era um anjo na minha vida também.

A minha fada madrinha. Não que eu acreditasse em contos de fadas, é claro.

— Calabresa? — Perguntei, deixando ela entrar em casa.

— E com muito queijo e azeitonas. — Lara complementou.

— Já falei que te amo hoje? — Questionei, indo até a cozinha para pegar dois pratos.

— Acho que hoje não, mas vou te perdoar porque eu tenho um bom coração.

— O melhor deles. — Concordei.

Ela depositou a pizza no balcão que dividia o espaço entre a cozinha e a sala e abriu a tampa. O cheiro do meu sabor favorito chegou até mim e minha barriga se manifestou em concordância.

Terminamos de ajeitar rapidamente a mesa – que eu raramente usava por ser morar sozinha – e peguei um suco de caixinha que tinha na geladeira e levei para o nosso jantar.

— Como está a bebê? — Lara perguntou depois de comer o seu primeiro pedaço de pizza.

Na ligação que tinha feito de manhã, contei bem por cima a situação em que estava e assim que saí do hospital, mandei uma mensagem avisando-a também.

— Está na incubadora da UTI Neonatal, mas o médico disse que casos assim acontecem e está bem otimista pela recuperação da Aurora.

— Ela tem nome de princesa. — Ela suspirou, pegando outro pedaço de pizza.

— Ela é uma bebezinha linda.

— Você chegou a vê-la? — Seus olhos brilharam diante a pergunta.

Contei para ela tudo o que tinha acontecido naquele dia. Só achei melhor não mencionar o que aconteceu quando – por impulso – peguei na mão de Daniel. O pequeno choque que despertou meu corpo inteiro tinha que ter uma explicação racional.

E Lara era muito romântica e dada ao sentimentalismo. Já ia começar a

criar uma história de romance onde não tem.

— E a mãe não quis ver a filha? — Seu tom chegou bem perto do que poderia ser considerado ultraje.

— Ela teve um parto complicado. Provavelmente não estava em condições de ir... não sei...

Pareceu concordar meio que a contragosto e continuou a comer.

Conversamos mais sobre assuntos diversos e me diverti muito com aquela minha amiga maluquinha e de coração maior que ela.

Lá pelas onze da noite, ela foi embora – mesmo eu insistindo para que dormisse em casa, já que estava ficando tarde -, não sem antes me prometer que mandaria uma mensagem avisando assim que chegasse em casa.

Sozinha novamente – já que meu gato tinha sido nocauteado pela preguiça e pelo sono, fui até o meu escritório.

Fiquei na frente do computador por alguns minutos, com o cursor parado no mesmo lugar desde que abri o arquivo.

Eu não conseguia parar de pensar em Daniel e Aurora.

Como será que eles estariam?

Estava prestes a digitar algo, mas a imagem de Daniel mais cedo me deteve com os dedos ainda no ar.

A forma como ele olhava para a filha dentro da incubadora, o tom amoroso que se dirigiu a ela...

E quando ele olhou para mim com lágrimas contidas naqueles olhos azuis lindos que tinham, eu vi uma emoção ali e uma vontade de abraça-lo novamente me surgiu, mas me contive.

Quando me convidou para aproximar da menina, de participar daquele momento que deveria ser só dele, meu coração quase saiu do peito.

Suspirei e recolhi novamente as mãos.

A ideia que tinha surgido foi embora diante a essa lembrança marcante do meu dia.

Aurora...

Ela havia nascido praticamente junto com o nascer do sol.

Aurora...

Amanhecer.

Luz.

Sol.

Uma ideia surgiu repentinamente na minha cabeça e meu coração pareceu concordar com ela.

Coloquei-me a digitar freneticamente sobre o teclado o que seria uma nova história que ganharia vida.

A de uma bebê que seria o sol na vida de seu pai.

Daquela que seria um doce amanhecer.



CAPÍTULO 11

Daniel

Três dias se passaram desde que Aurora nasceu e ainda estávamos no hospital. Era lá que eu passava a maior parte do dia, voltando para casa apenas para tomar um banho e comer alguma coisa rápida. Hoje seria o primeiro dia que iria para dormir.

Nos últimos dias, passei as noites na sala de espera, mas o médico veio conversar comigo, convencendo-me a ir para casa e retornar mais descansado no dia seguinte.

Poderia considerar a sala de espera daquele hospital como uma extensão da minha casa.

Ontem, a segurei pela primeira vez em meus braços e a emoção de ter uma vida ali, comigo, foi capaz de me desestabilizar completamente.

Aurora era tão pequena, mas ao mesmo tempo tão guerreira. Acreditava que logo poderia sair daquele lugar e leva-la para minha casa.

Infelizmente a segurei por menos tempo do que queria, mas sabia que ela tinha que voltar para a incubadora. De acordo com o médico, teve uma melhora significativa e que em poucos dias, poderia sair do oxigênio.

Essa notícia conseguiu acalantar meu coração angustiado de pai. O mesmo que começara a bater diferente desde que soube – no susto – da sua vinda.

Julia vinha todos os dias para saber notícias dela e para ver a minha pequena. Chegando até a me passar seu número de celular para que eu pudesse avisá-la das novidades.

Ela parecia genuinamente preocupada com Aurora.

Enquanto a mãe dela...

Laís veio duas vezes ver a filha. A última tinha sido no dia anterior, mas não quis segurar a menina. Não chegou nem a mostrar alguma reação quando contei o nome que tinha escolhido para ela.

Cheguei a reparar que nem chegou a olhar direito para a nossa filha.

Queria perguntar e entender o que estava acontecendo, mas Laís não queria falar.

Nós nunca tivemos a conversa que ela alegara querer ter quando foi até o meu apartamento. Laís sempre se esquivava quando eu tocava no assunto e ficava encarando a parede.

A minha preocupação maior era a minha filha. Aurora passou a ser toda a minha prioridade.

Contei a novidade para Marcelo, que aparentou enorme surpresa – não o julgo – e chegou a fazer algumas visitas aqui também. Ele acabou me dando uma espécie de licença paternidade estendida, garantindo que conseguiria dar conta do escritório. Além de dar a possibilidade que eu poderia cuidar de alguns casos nossos de casa mesmo até me organizar melhor.

Ele realmente era um irmão para mim.

Laís tinha acabado de receber alta do hospital – já que tivera a anemia e precisou ficar uns dias hospitalizada – e a gente precisava muito conversar e tomar as decisões necessárias.

Estava voltando ao quarto de hospital que ela ficara nesse tempo, para, pelo menos convidá-la para ficar lá no meu apartamento.

Quem sabe se, longe do hospital, finalmente se sentisse mais a

vontade para conversar.

Mas a minha opinião mudou assim que virei no corredor onde seu quarto ficava e a vi saindo de lá, sem perceber que eu estava próximo, indo para outra direção.

A direção da saída.

Estava com uma mochila grande nas costas – a mesma que usava quando apareceu em casa há alguns dias.

Ela estava indo embora sem falar comigo?

Laís estava mesmo fugindo?

Chamei alto pelo seu nome e ela parou de andar assim que ouviu. Acelerei o meu passo para chegar até onde estava.

— Para onde você está indo? — Perguntei, levantando uma sobrancelha. Não que eu fosse um homem controlador e a quisesse manter presa, mas saindo de fininho do hospital assim era alarmante. Que eu saiba, Laís não conhecia ninguém na cidade e não tinha onde ficar.

— Não está claro, Daniel? — Havia ironia em seu tom de voz. — Recebi alta, estava indo embora.

— Embora para onde? Vai ficar num hotel? Você pode muito bem ficar em casa, posso te dar a chave agora mesmo e ligar na portaria autorizando a sua entrada.

— Eu não vou ficar na cidade. Vou voltar para a cidade que estou morando. — Jogou a notícia em cima de mim como se fosse a coisa mais simples.

— Vai voltar quando? — Questionei, assustado. — Quando a Aurora receber alta? Você vai embora daqui e levar a minha filha para longe de mim?

— Daniel, eu não consigo. Não vou conseguir. — Não me passou despercebido que ela havia ignorado as minhas perguntas.

— Não consegue o que, Laís? — Não estava entendendo aonde ela queria chegar com tudo isso, mas uma vozinha na cabeça – uma intuição, talvez – me dizia que eu não iria gostar nada do que viria a seguir.

— Isso! — Ela gesticulou ao redor. — Essa vida. Não estou preparada para ser mãe.

— Você acha que eu também não estou assustado? — Falei, um pouco mais alto que o necessário. — Nunca fiquei com tanto medo que nem agora. Eu virei pai da noite para o dia, e por mais que isso me apavore, quero tentar fazer o meu melhor. Por ela. A gente pode conseguir, juntos.

— Aí é que está o ponto da coisa, Daniel. — Falou, dando de ombros. — Eu não quero tentar.

— É por isso que você iria embora sem falar comigo? E deixando a sua filha para trás?

— Eu vim atrás de você exatamente por isso! — Ela se exaltou, aproximando-se alguns passos de mim. — Não vou querer isso para a minha vida.

— Isso? Ela não é um objeto. Aurora é sua filha, Laís. Nossa filha! — Esbravejei.

— Eu demorei para te procurar porque realmente não estava nos meus planos te contar.

— Nunca? Você iria escondê-la de mim para sempre?

— Não ia esconder de você pelo simples fato de que eu não iria ficar com ela. — Revelou e aquilo foi um soco no meu estômago. Fui tão pego de surpresa que dei um passo para trás. — Quando disse para você que não tinha escolhido o nome e nem sabia que era menina era por isso. Eu não queria ser mãe... na verdade, ainda não quero.

— Você ia fazer exatamente o que se não tinha vindo até mim? — Temia a resposta, mas precisava muito saber. Nunca imaginei que pudesse esperar isso dela.

— Iria coloca-la para adoção. Ela com certeza iria encontrar pais melhores, pelo menos uma mãe com certeza.

— E aí que você se engana, Laís. Posso não ser o melhor pai para ela, mas *eu* com certeza farei o possível para ser.

— Imaginei que você iria fazer isso. Acho que foi esse o motivo que me fez procura-lo antes da bebê nascer.

Chegou ao ponto de não conseguir pensar em palavras que poderia usar naquele momento.

— Eu só preciso viver, Daniel. Eu sei que a... a menina ficará bem com você.

— Aurora. O nome dela é Aurora. E pode ter certeza que ela ficará ótima comigo. — Encarei seus olhos, de cabeça erguida. Aquilo era uma promessa, mas não só para ela. Era uma promessa para mim mesmo. E principalmente, para a minha filha.

E foi com esse juramento me rondando que eu vi Laís virando-se novamente até perde-la de vista, caminhando em direção a porta.

A saída do hospital. E a mesma que a levava para longe da vida de sua

própria filha.

Sentei-me um tempo na sala de espera, tentando pensar em como seria dali para frente.

Conferi no meu relógio e percebi que estava na hora da visita na UIT Neonatal, e eu, mais do que depressa me dirigi para lá.

Peguei novamente a minha pequena no colo e a fiquei olhando por um tempo que não saberia dizer quanto. Aproveitava ao máximo todo e qualquer instante que pudesse passar ao seu lado.

— Agora seremos apenas você e eu, Aurora. — Sussurrei. — E vou fazer o meu melhor.

Apoiei seu corpinho em um braço, e com a outra mão fiz carinho na sua mãozinha tão pequena e ela segurou um dos meus dedos com determinação. E ficou um bom tempo sem soltá-lo

Aquele gesto – por mais simples que poderia ser – teve um outro significado para mim.

Estávamos juntos. De mãos dadas. Para o que vier.

Eu iria cumprir a minha promessa.



CAPÍTULO 12

Julia

Coloquei a lasanha no forno e olhei para o relógio para marcar a hora que iria retirá-la de lá.

Era quase nove horas da noite, mas parecia que o dia tivera umas quarenta e oito horas de duração de tão corrido que foi.

Precisei ir a editora resolver alguns assuntos pendentes e acabei ficando por lá mais do que imaginei. Com isso, acabei perdendo o horário de visita no hospital.

Mandei uma mensagem para Daniel mais cedo, perguntando como a Aurora estava e ele respondeu com apenas uma palavra:

Melhor.

Claro que, por mais objetivo e econômico que ele tivesse sido, essa

palavra me fez respirar mais aliviada. Era a que esperava receber sempre que perguntava pela bebê.

Escutei o barulho característico do elevador denunciando que tinha parado no andar.

Pensei se seria Daniel que tinha chegado e minhas suspeitas foram confirmadas ao ouvir a porta de seu apartamento bater com um pouco mais de força do que o necessário.

Será que tinha acontecido alguma coisa no hospital?

Não queria vestir a personagem de vizinha curiosa e intrometida, mas me preocupava com a bebê.

Fui colocada naquela história como coadjuvante, mas eu me importava com a vida daquela pequena que vi alguns dias no hospital.

E não podia negar que me preocupava com ele também.

Até o meu primeiro conceito de Daniel havia mudado nessa última semana. Eu via o quanto ele se esforçava e dedicava seu tempo para a filha recém-nascida.

Não podia fingir que não ouvi nada e apenas deixar para lá.

Foi com esse pensamento que saí determinada do meu apartamento e, quando vi, já estava tocando a campainha do meu vizinho.

Ele não demorou para abrir a porta e deu para perceber o quanto parecia exausto. Olheiras escuras marcavam seu rosto.

— Desculpa vir aqui bater, mas precisava perguntar uma coisa. Está tudo bem? — Indaguei, preocupada.

— A Aurora está respondendo muito bem. O doutor Laerte falou que amanhã ela sairá da incubadora, mas ainda ficará alguns poucos dias em observação.

— Ai, que bom! Você não tem ideia de como fico feliz em saber que ela está melhorando cada dia mais. — Apesar das boas notícias que me deu, percebi uma tristeza em seu olhar. Como uma nuvem espessa que estivesse cobrindo a luz do sol. — E você está bem?

A minha pergunta o pegou de surpresa, fazendo que prendesse seus olhos nos meus por alguns instantes.

— Apenas cansado. — Respondeu, simplesmente.

Assenti com a cabeça e imaginei que ele gostaria de descansar para estar no hospital novamente no dia seguinte.

Despedi-me com um boa noite e recebi um sussurrado de volta. Virei-me para voltar ao meu apartamento, mas um impulso me fez voltar na direção de

Daniel, que já estava fechando a sua porta.

— O que você vai comer?

— O que? — Suas sobrancelhas se uniram em confusão com a minha pergunta.

Nem poderia culpa-lo. Nem eu estava entendendo muito bem o que estava prestes a fazer.

— O que você vai comer? — Repeti a pergunta, mas pausadamente dessa vez. E nem sei porque fiz assim. — O que irá jantar?

— Provavelmente um lanche rápido, como foi das outras noites. Ou o que tiver na cozinha. — Falou dando de ombros.

— Bem... fiz uma lasanha. Está até no forno, aliás. — Por que eu estava gaguejando e minhas mãos estavam suando? — E a forma é grande... Sabe, dá para colocar mais um prato na mesa.

— Obrigada, Julia. De verdade, mas não precisa se incomodar comigo.

— Não vai ser incomodo nenhum. E você merece comer outra coisa além de sanduiches ou o *que tiver*. — Dei ênfase nas palavras que usara instantes atrás. — Está certo que não sou nenhuma chefe de cozinha, mas essa lasanha é minha especialidade.

Passou a mão pelos cabelos, bagunçando-os e respirou fundo antes de assentir em afirmação, pedindo um minuto. Entrou rapidamente em seu apartamento, trazendo de lá uma garrafa de vinho e trancando a porta em seguida.

— Muito obrigado! — Agradeceu, assim que entramos na minha sala.

O aroma delicioso da cozinha fez minha barriga protestar.

Realmente lasanha era a minha especialidade. Master chef que se cuide!

Winchester percebeu que tínhamos visita e levantou a cabeça, curioso que só, para poder ver quem era.

Levantando-se no seu andar preguiçoso pós cochilo, o gato veio cumprimenta-lo, rodeando as suas pernas.

Ah, é. Tinha me esquecido que eles eram amigos.

Daniel me ajudou na cozinha – mesmo insistindo que não era necessário – e poucos minutos depois, estava tudo pronto.

Com a pequena mesa posta e a lasanha convidativa sobre ela, sentamos um de frente para o outro, ainda permanecendo em silêncio.

Win também acabou se acomodando perto de nós. Olhei na direção do meu gato e vi aqueles olhos amarelos grandes dele a nos observar.

Era impressão minha ou o Winchester estava vigiando Daniel e eu?

Cortei um pedaço generoso da minha lasanha – e obra prima –, soltando um pequeno gemido de satisfação ao degustar meu prato favorito.

Ao erguer a cabeça, notei que Daniel me observava com um olhar diferente. Um que não consegui decifrar.

— Está uma delícia. — Elogiou, após a primeira garfada — Estava mesmo precisando de uma refeição caprichada. Obrigado, Julia.

O agradecimento dirigido a mim veio num tom doce, e me peguei observando as nuances de sua voz. Nunca o tinha ouvido falar assim. Uma voz sussurrada, quase uma brisa de vento num dia de verão escaldante.

Estava prestes a comentar que não era necessário agradecer, quando ele deu uma risada curta.

As risadas também eram interessantes.

— O que foi? — Perguntei, curiosa.

— Nada é que... bem... você ter me chamando para vir ao seu apartamento é um caso engraçado e curioso. Já que na primeira vez que apareci na sua porta, você quase me expulsou. Isso que nem tinha entrado. Mesmo eu tendo, esses dias, vindo aqui quando essa história toda começou.

Acabe rindo também da lembrança que parecia distante, mas ao mesmo tempo me dava a sensação que tinha acontecido ontem mesmo.

Se tivessem me falado há alguns dias atrás, que eu estaria aqui hoje, jantando com meu vizinho, o *deus do elevador*, e tendo um diálogo sem trocas de acusações, eu acharia a piada do ano.

Mas bem, as coisas mudam.

Daniel abriu o vinho que trouxera e nos serviu. Tinha que admitir que era um par e tanto. O vinho com a lasanha, é claro.

Quando ficamos satisfeitos de comer, continuamos bebendo. Embora tivesse total controle de não abusar muito, já que era totalmente fraca para qualquer bebida com o mínimo teor alcoólico. Uma taça já tinha o dom de me deixar levemente alegre.

Até que em certo momento, lembrei-me de uma coisa que ele havia me contado no dia anterior.

— E a Laís? Teve mesmo alta do hospital hoje?

Sua expressão ficou mais séria depois da minha pergunta. Por um momento cheguei a pensar que não ia me responder, mas depois de respirar bem fundo, falou:

— Sim, ela recebeu alta.

— Foi embora do hospital? — Continuei com as perguntas.

— E embora da cidade também. — Respondeu, na lata.

Parei com o garfo a caminho da boca, devolvendo-o ao prato e lançando um olhar confuso para Daniel.

Ele me contou sobre o ocorrido dessa tarde no hospital.

E ao terminar, não conseguia pensar no que poderia dizer em seguida.

Laís tinha planos de abandonar a Aurora num orfanato? Ela não queria ser mãe?

A primeira coisa que veio na minha cabeça foi pensar como que alguém poderia virar as costas assim? Ainda mais na situação em que a filha se encontrava?

Uma bebê tão pequena, mas que mostrava uma força gigante. Que me conquistara desde a primeira vez que a vi. Eu já sentia um afeto muito grande por ela.

Meu coração se doeu ao pensar em como ela iria crescer, como seria as respostas de Daniel quando comesse a perguntar sobre a mãe.

Deus, se eu tivesse a oportunidade de participar de sua vida, eu faria sem nem hesitar. Aceitaria de bom grado e coração aberto.

Depois, comecei a prestar atenção nas coincidências.

Será que comigo foi assim também? Pensei com meus botões.

Essa era uma pergunta que ficaria a vida toda sem saber a resposta. Não tinha pistas e nem por onde começar a procurar, já que fui abandonada numa igreja e encaminhada a um orfanato logo em seguida. Mas parecia que essas pessoas tinham evaporado logo em seguida.

— Está tudo bem, Julia? — A voz de Daniel me trouxe de volta. — Ficou um pouco pálida e parecia bem distante.

— Está sim. Quer dizer, na medida do possível. Estou um pouco espantada com tudo isso. — Falei, torcendo para que não insistisse na resposta. Daniel não tentou perguntar novamente.

Conversamos por mais alguns minutos, quando notei que minha taça estava vazia.

Inclinei-me para pegar a garrafa, mas Daniel teve a mesma ideia e acabamos trombando com nossos dedos quando chegamos ao mesmo tempo nela.

Por mais que o contato tenha nem durado um mísero segundo, podia jurar que havia sentido um pequeno choque nas pontas dos dedos.

Aquilo só podia ser efeito do vinho, afinal já estava indo para a segunda taça. Ou será que era terceira?

Palavras eu entendia, números eu não era muito fã mesmo.

Claro que a explicação lógica era a bebida que me fez ter essa sensação. Onde já se viu achar que levei um choque do nada? Ele era um fio desencapado humano por acaso?

— Deixa que eu sirvo. — Ofereceu, educado.

— Olha ele todo cavalheiro. Quem vê assim não imagina que negou carona no elevador uma vez. Só porque tem um rosto bonito.

— Carona no elevador? Rosto bonito? — Indagou, com um sorriso de lado.

— Eu falei alto? — Realmente tinham sido três taças. — Finge que não escutou para manter a minha dignidade intacta, por favor.

— Como quiser. — Respondeu, mas o sorriso de canto ainda estava presente. Aposto que o ego dele devia estar no último andar desse prédio.

— Você é advogado, né? — Perguntei, tentando desviar do assunto de antes. — Quando recebi aqueles documentos por engano, acabei vendo uns dois papéis, mas juro que parei assim que percebi o erro.

— Isso mesmo. — Concordou, bebericando mais um pouco de vinho. — E você?

— Eu sou escritora. — Inflei o peito para falar, toda orgulhosa. — Por mais que alguns considerem mais um passatempo do que uma profissão. — Dei de ombros, encarando a taça quase vazia a minha frente e já imaginando que iria ouvir o que já estava acostumada.

— Mas isso é incrível! — Seu tom de voz era empolgado, o que chamou a minha atenção de imediato, fazendo com que levantasse a cabeça para olhar para ele. — Você não deveria se importar com esses tipos de comentários. Escrever histórias, criar vida através de personagens... é um trabalho que deveria ser exaltado sim.

E o que vi ali me deixou bem desarmada. E surpresa também claro.

Algo muito parecido com admiração e orgulho.

— Você gosta de ler? — Indaguei, curiosa.

— Sim, gosto bastante. Claro que não tenho tanto tempo para me dedicar a leitura quanto gostaria, mas sempre que posso estou com um livro nas mãos.

Bem, ele não conhecia Supernatural, mas gostava de ler. A balança estava bem equilibrada.

Não que eu estivesse anotando mentalmente as coisas de descobria sobre ele. *Claro que não.*

O motivo de ter pensando isso? O vinho, com certeza.

Mas foi um pensamento rápido que já passou e foi embora.

— Quantos livros você escreveu? — Ele realmente tinha ficado interessado nesse assunto, induzindo-me a continuar a falar sobre isso.

— Publicados por editora eu tenho oito, mas tenho alguns digitais independentes também.

— Tudo isso? Com quantos anos começou a escrever?

— Com quinze anos. Sempre gostei muito das palavras e elas me ajudaram muito em determinados momentos da minha vida. Esse ano faz dez anos que comecei a minha primeira história.

— Uma década. Isso é mais que um motivo para um brinde.

Como já tínhamos esvaziado a garrafa, acabamos brindando com o pouco que tínhamos na taça mesmo.

Daniel me faz mais perguntas sobre os meus livros, inclusive qual fora o que eu mais tinha gostado de escrever.

— E namorado? Você tem? — Questionou do nada, mudando completamente de assunto. Perguntei-me mentalmente se ele também estava sobre o efeito do vinho que bebera.

— Não tenho. — Respondi, simplesmente.

— Mas tinha quando eu me mudei para cá? — Eu estava bem surpresa pelo rumo que a conversa estava tomando. E ele estava bem mais comunicativo.

— Também, não. Faz algum tempo que terminei meu último namoro. — Respondi, dando de ombros. — O que te fez pensar o contrário?

— Por causa dos barulhos.

— Que barulhos? — Agora eu que estava curiosa.

Percebi que ele ficou sem graça, mas não ia deixa-lo fugir pela tangente. Daniel teria que me responder de um jeito ou de outro.

Talvez percebendo a minha determinação, continuou:

— Aqueles que aconteceram de madrugada, na primeira noite que estive no apartamento. Os da parede... Por favor, Julia, não me peça para dar mais detalhes. — Impressão minha ou suas bochechas estavam adquirindo um tom avermelhado? Como se estivesse com vergonha ou algo parecido? — Acho que estou um pouco bêbado para ter tocado nesse assunto. — Sussurrou como que para si mesmo, mas acabei ouvindo.

Afastada a névoa do vinho, puxei pela memória aquele dia.

Caminhada pelo condomínio. O encontro do elevador. A vontade de

cometer um homicídio contra aquele mesmo sujeito que estava agora jantando na minha casa. A falta de inspiração para escrever a história. A ideia que surgiu de madrugada e me fez correr para o escritório. Eu prendendo o quadro branco na parede e...

Até que essa última lembrança me fez entender o tal barulho que mencionara. E segundos depois, compreendi o que ele deduzira sobre o que ouviu naquela noite.

Uma gargalhada explodiu e cheguei a me curvar para a frente, com uma mão na barriga.

— O que tem de tão engraçado? — Perguntou, um tanto quando frustrado. E perdido, muito perdido.

Assim que controlei a risada – que ainda queria aparecer –, consegui responder:

— Sério que foi isso que você achou que era? — Ele me olhou com olhos confusos. — Tinha comprado um quadro branco, um tipo de lousa, e preguei na parede para poder anotar tópicos da história que estava escrevendo.

— Ai, meu Deus. — Cobriu o rosto com as mãos grandes que tinha. Um detalhe que não podia passar despercebido. — Vou morrer de vergonha. Não que tivesse alguma coisa a ver com isso, mas pode culpar a bebida.

— Bem, estamos quites então. — Dei de ombros. — Não era eu com alguém que estávamos “trabalhando naquela noite. E sim o prego e o martelo mesmo.

Ele retirou as mãos daquele seu rosto bonito e percebi um leve estivar em seus lábios, que não demorou muito tempo e explodiu também em uma gargalhada.

Percebi de soslaio, que Winchester levantou a cabeça para analisar o que estava acontecendo, talvez um pouco assustado com o barulho que o despertara. Daniel acompanhou o meu olhar e acabou rindo ainda mais.

Eu estava completamente encantada – como já disse, culpa do vinho – por vê-lo tão entregue ao riso assim.

Assim que recuperou o folego, acabou mudado de assunto e continuamos conversando noite adentro.

— Caramba! É quase meia noite. — Constatou, após conferir o relógio em seu pulso. — Nem reparei na hora.

Também não tinha reparado.

Engraçado que aquele que imaginei que seria um poço de arrogância, sabia ter conversas interessantes e se mostrara um bom ouvinte também.

Pois é. Vivendo e aprendendo, Julia.

— Está na hora de ir embora. — Disse, levantando-se da mesa. — Amanhã, antes de ir no hospital, pretendo ir em alguma loja para encontrar um berço para a Aurora o mais rápido possível. Nem tive tempo para ver antes, então espero que consiga achar um que entregue com urgência.

— Daniel, conheço o dono de uma loja aqui perto posso te indicar e... — Levantei-me da cadeira, falando apressada e gesticulando com as mãos ao mesmo tempo. Dei um passo para me aproximar dele, mas acabei tropeçando no pé de uma das cadeiras vazias. Aliás, quem tinha colocado ela ali?

Zonza pelo vinho, não consegui ter reflexo a tempo de tentar me segurar e evitar uma queda iminente que se aproximava.

Estava prestes a cair que nem uma fruta podre de uma árvore na frente do meu vizinho. Que cena, senhoras e senhores.

Fechei os olhos, preparando-me para o impacto com o mesmo chão que tinha varrido mais cedo, mas ele não chegou.

O que veio ao meu encontro foi algo mais quente do que um chão duro.

Senti que braços fortes me seguravam, com uma mão espalmada em minha cintura e outra nas minhas costas, impedindo o meu encontro com o piso.

Agradei mentalmente o impedimento daquela catástrofe, e estava prestes a agradecer também ao grande responsável a isso tudo.

Abri meus olhos, dando de encontro com um peito largo e grande. Sabia muito bem desse detalhe porque o vira sem camisa naquele dia fatídico do elevador.

Bem, eu tinha uma memória visual muito boa. Não tinha culpa se esse fato voltou a minha mente nesse momento. Ainda mais por estar com a lateral do rosto de encontro aquela escultura humana.

Percebi que seu coração batia acelerado no peito. E mesmo vestido com uma camisa social, podia sentir o quanto aquele corpo estava quente.

Ergui meu rosto até encontrar o seu, na intenção de agradecer e me desculpar, mas minhas palavras morreram na minha boca assim que nossos olhos se cruzaram.

O azul que era tão característico – e que me chamava muita atenção, confesso – estava mais escuro do que sempre foi. Seus olhos também continham um fogo que seria capaz de queimar o apartamento todo, assim como suas mãos que ainda me tocavam. Senti quando uma delas – a que estava em minhas costas - deslizou lentamente, até chegar a minha cintura,

fazendo companhia a outra que permaneceu do outro lado.

Olhei para seu belo rosto e sabia o que aconteceria a seguir. Escrevia sobre romances, e aquele era um dos sinais mais clichês possíveis.

Fechei meus olhos num convite mais que direto para que ele fosse em frente.

Senti sua respiração se aproximar mais. E mais. E mais...

E naquele instante, o mundo pareceu parar.



CAPÍTULO 13

Daniel

A minha última ação tinha sido completamente por impulso.

Vi uma Julia levantar-se da cadeira de forma afobada, tropeçando e perdendo o equilíbrio ao mesmo tempo.

Estava próximo o bastante para conseguir evitar uma queda, mas o que não poderia prever era que tê-la em meus braços fosse mexer tanto comigo.

Com as mãos espalmadas no meu peito, Julia levantou a cabeça e nossos olhares ficaram presos pelo que pareceu uma eternidade, embora não tenha passado nem um minuto completo.

Esse contato só foi quebrado quando ela fechou os olhos e inclinou o rosto em minha direção.

Aquilo era um convite. E eu não iria recusá-lo.
Senti sua respiração quente em meu rosto, fechei meus olhos e...
Um barulho alto e agudo me tirou daquela bolha.
Um som que eu poderia considerar como...
Aquilo era um miado? Aquele gato não estava domingo até agora pouco?
Assustei-me com o som estridente do gato de Julia, dando dois passos para trás, afastando-me dela.

Olhamos ao mesmo tempo para o responsável, e ele nos encarava de volta. Como se tivesse feito aquilo de propósito.

Se não fosse por Winchester – esse nome que eu ainda não conseguia entender a tal referência – eu teria beijado Julia.

Foi uma vontade quase física que me deu de aproximar nossos lábios que os sentia formigar nesse momento por não ter, de fato, acontecido.

Mas pensando pelo lado da razão, foi bem melhor assim.

Tínhamos bebido uma garrafa toda de vinho e não queria que acontecesse algo que pudesse haver arrependimento da parte dela. Porquê da minha não teria.

Ela me odiava – ou um outo sentimento bem próximo a isso – até a semana passada. Seria um passo maior do que a perna para dar.

Enrubesceu diante da constatação do que quase aconteceu. Seus olhos de chocolate estavam ainda mais brilhantes. Seus cabelos amarrados num rabo de cavalo com alguns fios soltos deixava o seu rosto mais em evidência.

Meu Deus, ela era linda!

Foi uma surpresa ela ter aparecido na porta do meu apartamento e mais ainda o convite que se sucedeu.

Acabou se tornando uma ótima companhia naquela que tinha tudo para ser mais uma noite solitária para mim.

Quem diria que a madame do prédio, a quase assassina do elevador, fosse tão agradável de ter por perto.

Um silêncio constrangedor se fez presente.

Até o gato – que miou como se sua vida dependesse daquilo – também estava quieto. Com seus olhos a nos observar, olhando de um para o outro. Como se nos assistir fosse a coisa mais interessante para ele.

Ajudei a recolher a louça e a limpar a cozinha, mesmo com ela negando no começo a minha oferta.

— Julia, obrigada pela lasanha. Estava mesmo deliciosa. — Agradei, assim que terminamos de organizar tudo.

Parabéns, Daniel. Uma ótima maneira de sair de um clima como aquele. Falar de comida.

Ela agradeceu ao elogio e me acompanhou até a porta.

— Você comentou que iria comprar um berço amanhã? — Indagou, assim que me vi fora do seu apartamento

— Isso mesmo. Acabei até me esquecendo de uma coisa tão importante como essa, mas sabe como é, né? Primeira vez que descubro que sou pai, e ainda no susto.

Julia sorriu e eu fiquei refletindo o quanto aquilo iluminava o seu rosto por completo.

— Tem um amigo meu que tem uma loja de artigos para bebês. Nós podemos ir lá amanhã e conversar para tentar fazer com que a entrega seja até mais rápida.

— Nós? — De toda a frase que Julia falou, aquela palavra – aquela que nos unia – me chamou mais a atenção.

— Sim. — Confirmou sem hesitar. — A não ser que... Bem, você prefira ir sozinho e não queira a minha companhia.

— Não por isso. Eu só não quero incomodá-la.

— Não var ser incômodo nenhum. — Animou-se muito com a ideia. — Pode ser amanhã, as nove horas?

Confirmei e deixamos combinado para o dia seguinte.

Despedi-me de Julia e voltei para o meu apartamento. Assim que tranquei a porta e acendi a luz da sala, o lugar solitário onde vivia me cumprimentou novamente.

Pelo menos por pouco tempo, porque daqui uns dias, traria minha filha para casa.

Minha filha.

Ainda era uma coisa que me assustava – e muito -, mas cada vez que pensava nela, meu coração se aquecia de um jeito que nunca imaginei ser capaz.

Eu pretendia ter filhos, mas era um acontecimento que imaginava que aconteceria daqui um bom tempo – não que fosse muito novo, com vinte e oito anos, mas ainda era algo longínquo para mim. Ainda mais dada as circunstâncias.

Deitei-me na minha cama imaginando o que Julia estaria fazendo? Será que também iria dormir em breve, estaria conversando com aquele gato maluco dela, ou se estaria escrevendo...

E foi com ela em meus pensamentos que acabei adormecendo, sabendo que a veria no dia seguinte.

E esse fato me animava muito.

Um pouco depois das nove da manhã, Julia e eu estávamos entrando na Loja do bebê, que era desse tal amigo que mencionara no jantar de ontem.

— Julia, que bom vê-la aqui! — Um homem loiro de olhos verdes veio todo cheio de sorrisos para abraça-la.

Um abraço que demorou mais do que o necessário na minha opinião.

— Matheus, que bom te reencontrar. — Ela respondeu, simpática.

Julia nos apresentou e começou a falar sobre o que procurávamos na loja.

— Quando você me mandou a mensagem hoje mais cedo, falando sobre o berço, eu cheguei a me assustar por uns minutos. Achei que estava grávida, mas confesso que fiquei mais aliviado quando mencionou que seria para o seu vizinho. — Deu um sorriso enorme na minha direção.

Claro, era para mim, meu chapa. Estou de cinco meses, a propósito.

Qual era o problema daquele cara?

Percebi que Julia ficou um pouco incomodada com o comentário idiota desse tal de Matheus, mas acabou mudando de assunto pedindo para ver os berços que tinham disponíveis.

Ele nos mostrou, falando detalhes de cada um dos que estavam de mostruário, mas sempre se dirigindo a Julia para falar, como se eu não estivesse presente. Ou fosse apenas um intruso na conversa.

Aquilo começou a me incomodar muito, principalmente pelos olhares que vez ou outra lançava para ela.

Em pouco menos de uma hora, havia comprado o berço, a cadeirinha para o carro e um carrinho de bebê. Primeira fase de pai iniciada com sucesso.

E claro, já tinha imaginado vários esbarrões naquele cara só para tirar aquele sorriso idiota da cara dele.

A cadeirinha e o carrinho eu já iria levar comigo, mas o berço escolhido não tinha no estoque e seria entregue depois.

— Mas você consegue entrar quando, Matheus? — Julia perguntou.

— Vou ligar para o meu fornecedor que fica aqui perto. Acredito que hoje mais para o fim da tarde já estará aqui.

— Posso vir buscar a partir de que horário? — Perguntei, intrometendo-me. Acho que esse tal de Matheus não gostou de ter que responder para mim.

— Eu posso entregar. Moro no mesmo condomínio de vocês. — Disse, dando um sorriso. Sério que esse cara queria tanto assim mostrar todos os

seus dentes? Mas que porra que ele era praticamente nosso vizinho. Eu só torcia para que o prédio que ele morasse ficasse o mais distante possível do nosso. — Levo assim que fechar a loja.

Apesar de tudo, aceitei a oferta. Seria uma ajuda e tanto, mesmo que o cara não fosse lá a minha pessoa preferia do mundo.

Depois passamos numa outra loja de roupas de bebê, num shopping ali perto e compramos bastante coisas para Aurora.

Percebi que Julia tinha se distraído num momento, mas quando perguntei o que tinha acontecido, acabou alegando que não era nada e achei melhor não insistir.

Quando estávamos saindo, ela recebeu uma ligação da editora, pedindo que comparecesse para assinar um contrato que não fora assinado no dia anterior, além de ver algo relacionado com as edições de seus livros.

Desculpou-se novamente por não poder ir comigo ao hospital naquele dia. Ofereci uma carona, mas acabou recusando, alegando que a editora ficava no próximo quarteirão e preferia ir caminhando.

Antes de se despedir, Julia pediu se não poderia ficar com a chave do meu apartamento. Num primeiro momento estranhei, mas acabou me explicando que como eu ficaria no hospital o restante do dia todo, ela receberia o berço e pediria para deixar já dentro da minha casa. Era uma ideia bem inteligente, tive que concordar e lhe entreguei as minhas chaves.

Agradei pela ajuda e companhia – que foi mais que agradáveis.

A vi se afastar até virar em um dos corredores do shopping.

Com as sacolas das compras feitas, comecei a me dirigir até o estacionamento, mas me detive assim que passei em frente de uma livraria.

Sem nem pensar duas vezes, entrei e perguntei sobre um determinado livro para uma das atendedoras. Um que fora citado na noite anterior como o favorito que ela escrevera. Me dirigi ao caixa para pagar e vi quando a atendente colocou o livro com o nome da escritora Julia Assis na capa dentro de uma sacola.

Permaneci no hospital pelo restante do dia, retornando para casa quase oito da noite, mas dessa vez com uma novidade maravilhosa que me deixava flutuando.

Doutor Laerte me deu a melhor notícia que podia receber naquela tarde. Aurora sairia do hospital em alguns dias. Três no máximo.

Estava ansioso para contar essa novidade para Julia, que sabia que ficaria exultante também.

Eu gostava de ser o motivo que a fazia sorrir. Gostava muito, na verdade.

Fui primeiro a sua porta, tocando a campainha para falar e pegar a minha chave também, mas não fui atendido.

No segundo seguinte, um barulho no apartamento ao lado chamou a minha atenção.

O meu apartamento.

Dirigi-me até ele e virei a maçaneta, constatando que a porta estava aberta. O barulho de marteladas ficou mais evidente conforme eu entrava.

Entrei em casa, sendo recebido por Win e por um momento fiquei confuso.

Será que tinha entrado no apartamento certo?

Para aumentar ainda mais a minha surpresa, vi saindo do quarto vago – aquele mesmo que iria ser da Aurora – o mesmo homem de hoje cedo. O tal do Matheus da loja de artigos para bebê que estava monopolizando Julia nesta mesma manhã.

E por falar em Julia Assis, eis que ela saiu da mesma porta que aquele sujeito.

— Mas que diabos está acontecendo aqui?



CAPÍTULO 14

Julia

Se tinha uma cena que amava escrever em meus livros, eram os de primeiro encontro dos protagonistas. A forma como os olhares se perdiam um no outro quando se viam pela primeira vez, o despertar de sensações... E todas aquelas emoções que fazem a gente suspirar.

Mas aqui estava eu, completamente travada exatamente na vez que meus personagens iriam ter esse momento tão singular.

Entre escrever e apagar, a noite chegou. Fui despertada do modo escritora em desespero pelo som da campainha, dando um pulo da cadeira.

Matheus me esperava do lado de fora com uma caixa grande e retangular que apoiou no chão, segurando-a de lado.

No rosto, o mesmo sorriso que atendera a mim e Daniel naquele mesmo

dia mais cedo.

Ele era muito gentil comigo quando nos encontrávamos por acaso no condomínio. Sempre solícito e educado, mas hoje tive uma impressão diferente que me incomodou um pouco.

Como prometido, trouxera o berço, ou no caso aquilo que seria um quando montado.

Pedi um minuto e entrei no meu apartamento para pegar as chaves que Daniel me entregara.

— Você conhece algum montador de móveis que eu possa ligar e consiga vir entre amanhã ou depois? — Perguntei, assim que abri a porta de Daniel e entramos em seu apartamento.

Winchester como bom perseguidor na versão gato, veio atrás de mim.

— Conheço sim e, aliás, você está conversando com ele nesse exato momento. E posso montar aqui agora mesmo, se você quiser.

Pensei se deveria mandar uma mensagem para Daniel para perguntar o que achava sobre isso, mas imaginei que seria uma grande surpresa ao chegar e já vê-lo montado.

E eu queria muito surpreendê-lo.

Aceitei a oferta de Matheus, que pediu apenas um momento para ir buscar as ferramentas no carro e o pequeno colchão que não conseguiu trazer. Ofereci minha ajuda, mas garantiu que não era necessário e que conseguiria trazer tudo sozinho.

Poucos minutos depois, retornou e fomos nós dois – três na verdade, com Win em nosso encalço – até o cômodo que Daniel me contara que seria o futuro quarto de sua filha.

Matheus havia finalizado a montagem berço poucos minutos depois e estávamos saindo do quarto, quando ele, que estava andando na minha frente, simplesmente parou assim que chegamos na sala.

— Mas que diabos está acontecendo aqui? — A voz poderosa, que eu reconheceria de olhos fechados, ecoou pelo ambiente silencioso. Embora o tom não fosse o mais simpático, poderia até arriscar que havia uma irritação presente ali.

— Oi, Daniel. — Contornei Matheus que ainda estava parado para poder conversar direito com o meu vizinho. — Temos uma surpresa para você.

— Percebi. — Falou, cruzando os braços com uma expressão fechada. — Tive uma surpresa enorme vendo vocês dois aqui. Cheguei até a pensar se não tinha errado de apartamento quando entrei.

— Como assim? — Falei, confusa.

— Bem, vocês dois aqui, sozinhos, saindo de um quarto. É difícil não imaginar que errei e ainda que estou atrapalhando o momento romântico de vocês.

— Sério que foi essa conclusão brilhante que você chegou, Daniel? — Falei, começando a ficar impaciente.

— Que é isso, cara. Não é nada disso que você está pensando, não. — Matheus começou a se justificar. — Nós dois só estávamos...

— Não precisa se explicar, Matheus. — O interrompei antes que concluísse. — Nós não temos que dar justificativa de nada. E deixa ele pensar o que quiser.

O clima naquela sala estava tão denso – tudo por culpa de Daniel, claro – que seria possível pegá-lo entre os dedos e apertar. Com muita força. Que era o que pretendia fazer com o pescoço daquele homem.

Matheus falou algo, da qual nem consegui entender uma palavra, e saiu do apartamento sem nem olhar para trás.

Ele estava mesmo fugindo?

Desviei, incrédula, meus olhos pelo corredor que saíra, já que nem quis esperar pelo elevador e acabou descendo pelas escadas.

— O que foi que...

— Vai perguntar como eu entrei aqui? — Cortei antes que finalizasse a pergunta e nem esperei que respondesse a minha. — Caso não se lembre, Daniel, hoje mesmo você me entregou a chave.

— Claro que eu lembro. Você ficou encarregada de receber o... — Arregalou os olhos, talvez se dando conta da situação. — O berço.

— Parabéns pelo grande desempenho da memória. — Falei, irônica e pronta para voltar para minha casa.

— Espera, Julia... — Sua mão segurou meu braço. Não impondo força nenhuma, apenas querendo que eu continuasse ali. — Eu chego em casa e vejo vocês saindo do quarto. O que eu posso pensar?

— Que a sua vizinha está te fazendo um favor? Que tal isso? — Virei-me em sua direção.

— Não você, Julia. — Respirou fundo, como se a sala estivesse sufocante. — Estou me referindo ao seu amigo que não tirou os olhos de você essa manhã.

— O Matheus apenas ofereceu ajuda, Daniel. Algumas pessoas têm a tendência a serem gentis.

— E tem pessoas que são gentis apenas por interesse em conquistar alguma coisa e...

— Tem ninguém querendo conquistar nada aqui. — Bufei, impaciente. — Gentileza, sabe? Aliás, você deveria experimentar um dia. Quem sabe assim não parar de pensar só em si. Por um momento, deixe de ser esse egoísta.

Percebi o impacto que minhas palavras causaram em Daniel. Minha vontade era recolhê-las, mas sabia que era impossível.

Vi o quanto ele estava se empenhando para ser pai. Colocando a filha em primeiro lugar. E a convivência que tivemos nessa última semana tinha mudado muito a minha visão.

E afirmar aquilo, ainda mais do jeito que falei, era muito injusto. Pena que percebi tarde demais.

— Daniel, desculpa. Eu não queria dizer isso e...

— Mas disse. — Agora foi a sua vez de me cortar. — Peço desculpas pela confusão e agradeço o favor. E se não se importar, estou muito cansado e gostaria de descansar.

Não precisava ser mais claro do que foi.

Recado dado. Mensagem recebida.

Assim que saí pela porta – sendo seguida pelo meu gato novamente –, indo em direção a minha, sua voz me chamou novamente.

Virei-me para olhar, esperando pelas palavras que diria.

— A Aurora receberá alta daqui três dias. — Apesar da chateação que sua postura mantinha, seus olhos e sua voz o traíam mostrando o quanto essa notícia o tocava.

— Que maravilha! Realmente fico muito em saber.

Ele não respondeu mais nada após isso.

Nem uma palavra. Nem mesmo um olhar. Nada mais do que a porta sendo fechada entre nós.



CAPÍTULO 15

Daniel

Revirei na cama pela décima vez – ou mais – naquela noite.

Dormir parecia uma realidade muito distante de mim.

Estava ansioso e animado, já que amanhã traria minha filha para casa. Finalmente.

Só que sabia que a minha insônia da noite tinha outro motivo também.

Ele atendia por outro nome. Para ser mais específico, o da vizinha ao lado.

Depois do nosso desentendimento – embora não seja nenhuma novidade isso ter acontecido –, não a via há dois dias.

Mesmo assim, as suas palavras estavam comigo até uma hora atrás. Não por apenas lembrar o que havia dito e que me acertara como um soco bem

dado no estômago – sim, as palavras tinham o poder para isso -, mas pelo livro que havia comprado recentemente e estivera lendo até agora pouco.

Era como se ela estivesse aqui, mesmo não estando.

E isso não fazia sentido nenhum.

Mas tinha que reconhecer – e muito – que Julia e as palavras formavam uma bela dupla.

Sempre apreciei a leitura, mas romances não eram o meu estilo preferido de livros. E ao abri-lo, fiquei submerso numa história que me fez perder a noção do tempo.

E aqui estava eu, encantado por um romance que ela criou e, ao mesmo tempo, completamente irritado pelo provável “romance” no passado que poderia ter vivido com aquele tal cara que nem lembrava mais o nome.

Será que ele era o antigo namorado que mencionara?

Porque o jeito que ele olhava para ela... O cheio de sorrisos que queria esfregar o quanto os escovava muito bem a ponta de não fechar a boca

Ironia, seja bem-vinda como companhia essa noite.

Não entendia porque a cena deles estava me perturbando tanto, mas imaginar Julia com outro homem me incomodava demais. E sabia que não tinha o direito de agir ou sequer pensar assim.

Para afastar essa ideia da minha cabeça, peguei novamente o livro que escrevera e voltei a ler.

Num minuto, estava na parte que Heitor e Amanda – seus personagens – se declaravam um ao outro e davam um beijo apaixonado. No minuto seguinte, eu estava batendo na porta de Julia.

Foi uma vontade súbita que me fez fechar o livro, deixá-lo sobre a minha cama, vestir uma camiseta e vir até o apartamento dela.

O olhar de surpresa ao me ver ali, parado à sua porta, quase dez da noite, era evidente. E essa reação foi o meu balde de água fria.

O que eu tinha na cabeça para vir até aqui?

Essa pergunta ficou martelando na minha cabeça por alguns instantes, fazendo com que Julia cruzasse os braços e com um olhar me desafiasse a falar os meus motivos da visita inesperada.

E o que eu poderia dizer? Pensei em voltar para o conforto e segurança do meu apartamento como um covarde mesmo, mas conhecendo a dona daqueles olhos de fogo, sabia que me não deixaria afastar dessa maneira.

— Precisa de alguma coisa? — Tomou a iniciativa ao perceber que eu não falaria primeiro.

— Sei que estou incomodando, mas precisava muito conversar com você.
— Na verdade não precisava, mas queria. Muito.

— Já que você veio me visitar, é melhor entrar antes que os vizinhos venham reclamar de barulhos no corredor. — Abriu mais a porta para me dar passagem, fechando-a assim que entrei. — Daniel, antes de você falar o motivo de ter vindo aqui, eu queria me desculpar. Foi errado te falar aquelas coisas. Ainda mais depois de ver por tudo o que você passou.

— Tudo bem. — Dei de ombros. — Você tem o direito de falar o que pensa.

— Mas não é o que eu penso. Realmente foi, confesso. Mas não é mais tem um tempo. — Sua voz saiu não mais que um sussurro, mas ouvi muito bem o que disse.

— Eu que te devo um pedido de desculpas. Pela minha atitude do outro dia. Agi que nem um idiota.

— Isso tenho que concordar. — Comentou, rindo. — Ainda mais que não teve nem motivo.

— Como assim, não teve? — Perguntei, dando um passo em sua direção.
— Foi por causa daquela cara. Mário, eu acho.

— Matheus. — Corrigiu. — Mas continuo sem entender.

— Eu não gostei do jeito que ele olhou para você, é isso. — Confessei num fôlego só.

— E por que isso te incomoda? — Agora foi a vez dela de dar um passo em minha direção.

— Vocês chegaram a namorar antes? — Perguntei, temendo qual seria sua resposta.

— Não. — Respondeu, simplesmente, mas me olhando de um jeito que me incitava a continuar. — Como ele olhava para mim?

— Do mesmo jeito que olho para você. Com o mesmo encantamento com tudo que você fala... sei que eu não tenho o direito de reclamar, mas eu... — Mais um passo.

— Você? — Ela instigou.

— Julia — Respirei fundo. — Se quiser que eu vá embora, vai ter que se afastar de mim. Apenas um passo para trás.

— O que vai fazer se eu não seguir seu conselho? — Provocou.

— O que estou com vontade de fazer há dias. — Sussurrei, com a voz rouca.

Seus olhos se prenderam nos meus numa fração infinita de tempo, mas

estava atento a qualquer reação que ela pudesse ter.

Contrariando minha oferta, aproximou-se de mim, com os olhos em chamas, até ficarmos um de frente para o outro. Tão próxima que poderia tocá-la. E assim o fiz.

Enlacei sua cintura com as minhas mãos e a puxei ao meu encontro, selando nossos lábios num beijo que ansiava por fazer há dias.

Suas mãos enroscaram-se em meu pescoço, trazendo-me para mais perto dela, aprofundando o nosso contato.

O beijo que começou delicado tornava-se mais abrasador a cada instante, principalmente quando ela abriu os lábios permitindo o acesso da minha língua.

Aquele momento o mundo pareceu parar de rodar, mas mesmo assim era consciente de tudo. Dos lábios macios de Julia que me beijavam com a mesma gana, do seu corpo quente de encontro ao meu. Toda a presença dela fazia-se sentido naquele momento e eu queria repetir mais e mais vezes.

Caminhei com ela até encostá-la na parede. Não que quisesse prendê-la aquele momento. Até porque, a maneira como suspirava em minha boca e suas mãos me tocavam eram indícios mais do que fortes de que ela não queria parar. Assim como eu.

Deslizei meus lábios por seu rosto até o seu pescoço, onde deixei muitos beijos ali, sentindo-a ofegar.

— Onde está o gato? — Perguntei, sem fôlego. Ele não iria atrapalhar dessa vez.

— Dormindo no meu quarto. — Sussurrou.

— Ótimo. — Falei, levando meus lábios de volta aos dela.

Uma das minhas mãos se enroscaram em seu cabelo e eu pude comprovar o quanto eles eram macios.

Quando estávamos quase sem fôlego – embora isso não fosse motivo para parar -, Julia se afastou, dando dois passos para trás.

Seu cabelo estava bagunçado pelo o que minha mão havia feito, seus lábios inchados por causa dos meus e seus olhos de chocolate em brasa. Nunca a tinha visto tão linda como agora.

— O que estamos fazendo? — Perguntou, depois um tempo em silêncio. Seu peito subia e descia como se respirar fosse algo difícil no momento. E eu entendia isso completamente.

— Nos beijando. — Respondi, com a voz rouca. Louco de vontade de puxá-la novamente para mim.

— Eu sei. — Corando lindamente, abaixou a cabeça, dando um sorriso tímido. Adorava quando ela sorria, qualquer um dos sorrisos que ela tinha. Depois de alguns segundos, levantou novamente a cabeça para me encarar. — Estava me referindo ao que aconteceu aqui.

— Eu também não sei explicar, Julia. Nem mesmo eu entendo, e pela primeira vez isso me fascina.

Continuamos com os olhos ligados, mesmo que alguns passos de distância, num silêncio até que confortável.

Realmente não saberia denominar tudo que havia acontecido. Era algo que me assustava, mas ao mesmo tempo me fascinava. Com vontade de sair correndo e ao mesmo tempo ficar.

Julia desviou o olhar e deu uma risada. Acompanhei para ver o motivo e encontrei Win saindo do quarto de sua dona.

— Chegou tarde demais hoje, amigo. — Falei para o mesmo gato que atrapalhara aquele dia nós dois.

Ouvi uma risada abafada e levantei meus olhos na direção de Julia.

Compartilhamos olhares e sorrisos, até que achei melhor voltar para meu apartamento.

Despedi-me dela, que me acompanhou até a porta.

Assim que abri a minha, olhei para o lado e ela continuava a me observar. Com um último sorriso, entrei em meu apartamento e escutei quando fechou a porta do seu.

Deitei-me novamente na cama sentindo-me muito mais leve e a última coisa que pensei foi no beijo – não dos personagens do livro dela que tinha lido há pouco, mas sim no real que acontecera há minutos.

E foi sentindo meus lábios formigarem que peguei no sono.



CAPÍTULO 16

Julia

Seria mentira se eu falasse que tinha conseguido dormir bem naquela noite. Porque era mentira.

E nem foi pela história que ficou na minha cabeça até tarde, mas por causa de um beijo que ficou gravado nos meus pensamentos. E o que martelava dessa vez era o meu coração quando eu sempre recordava do que acontecera durante aquela noite.

Depois de conseguir dormir por umas cinco horas, desisti de ficar deitada e levantei da cama.

Tomei meu café precioso e resolvi fazer uma caminhada para tentar esfriar um pouco a cabeça, que parecia estar pegando fogo.

Dessa vez, o meu gato não quis vir comigo, mesmo chamando-o várias

vezes. A cama e o sono de beleza dele parecia ser mais interessante.

Mesmo sozinha, desci e aproveitei aquele dia tranquilo para caminhar e mergulhar no silêncio. Seria uma boa companhia nesse momento.

Sentei num dos bancos numa parte mais arborizada entre os prédios e deixei minha cabeça vagar para longe. Ou não tanto, já que o dono dos meus pensamentos morava naquele mesmo condomínio. Ao lado do meu apartamento para ser mais exata.

Lembrava com nitidez de suas mãos em meus cabelos, da sua barba curta pinicando prazerosamente meu rosto, do seu corpo firme junto ao meu, dos seus lábios que me viciavam mais a cada segundo.

E como o destino tinha lá as suas brincadeiras – e como se fosse atraído só por lembranças –, Daniel saiu do prédio e caminhou até a parte de trás, onde seu carro ficava estacionado.

Ele não me viu, o que achei que foi a melhor coisa.

Deveria estar indo buscar a Aurora no hospital para, enfim, trazê-la para casa.

Parecia que tinham passado meses desde a última sexta-feira – quando tudo começou –, e não apenas uma semana.

Cheguei a cogitar a hipótese de perguntar se poderia ir junto, mas tiveram dois motivos que me refrearam nessa vontade.

Primeiro que Daniel e eu juntos, próximos demais dentro de um carro não seria uma boa ideia. Ainda estava confusa com os últimos acontecimentos e, talvez, evitar que ficássemos sozinhos poderia ser uma boa.

E segundo, que o momento devia ser deles dois. De pai e filha. E eu não era nada para eles.

Mesmo depois do beijo de ontem – que não esqueceria tão facilmente –, sabia que não tinha significado nada. Pelo menos não para ele.

Não iria me iludir apenas porque ele era um homem bonito e que sabia beijar bem – maravilhosamente bem, para ser sincera.

Vi quando seu carro passou pelo guichê da portaria e resolvi voltar para o meu apartamento.

Winchester tinha acordado e estava – como sempre – com seu andar altivo de uma majestade pela sala.

Enchi seu potinho de ração e voltei para o escritório onde pretendia passar o dia inteiro, estendendo até a madrugada se fosse necessário.

Mas antes, precisava fazer uma coisa.

Quando nós dois fomos ao shopping comprar roupas para Aurora, me

distraí um minuto ao ver algo que entre as roupas. Daniel, observador como era, chegou a perceber, mas eu inventei uma desculpa e ele – graças a Deus – não insistiu mais.

Tinha que aprender a ser mais discreta quando queria fazer uma surpresa.

Acabei retornando para essa mesma loja no dia anterior, mesmo que ainda estivéssemos magoados com as palavras que ambos trocamos um com o outro. E claro, antes do beijo também.

Porque apesar de tudo, Aurora merecia um pequeno presente de boas-vindas.

Ao invés de ir para o escritório, desviei para meu quarto, onde um balão de sol sorridente estava amarrado numa das gavetas do meu guarda-roupa.

Desamarrei com cuidado e o levei para a sala, onde peguei um papelzinho amarelo e escrevi um pequeno bilhete saindo com eles até a porta do apartamento vizinho.

Amarrei o balão na maçaneta de Daniel e coleí o bilhetinho com fita adesiva na porta – exatamente da mesma forma que fiz com o recado da semana anterior. Retornando rapidamente para o meu, como se eles fossem chegar a qualquer momento e me pegassem no meio do caminho

Voltei novamente para frente do computador, tentando deixar a minha história pessoal de lado e me concentrar na que estava escrevendo.

Sofia e Jean – meus personagens da vez – mereciam toda a minha dedicação. E por eles, mergulhei naquele trabalho que tanto me encantava.

Por volta das onze da manhã, meu celular apitou com o toque de mensagem, e o peguei para conferir.

Obrigada pelo balão e pela mensagem.

Aurora adorou.

E eu também.

Sorri lendo o pequeno recado que Daniel me respondera, e prontamente digitei uma resposta.

Fico feliz com isso.

Não teve resposta depois disso, e acabei deixando o celular de lado para trabalhar.

Mas a minha vontade maior era de estar do outro lado daquelas paredes, visitando a mais nova pequena moradora do prédio.

Apenas por causa dela.

Mas concluí que minha visita poderia esperar mais um pouco.

Meus dedos trabalhavam agitadamente sobre o teclado a minha frente, enquanto palavras iam formando a história que minha cabeça e coração queriam escrever.

Até que o celular ao meu lado começou a tocar a música tema de Star Wars, tirando minha atenção do monitor.

Ao pegá-lo na mão e conferir quem estava ligando, meu coração parou por um momento.

Era do orfanato. Eles raramente ligavam e isso acendeu um alerta em mim.

— Julia? — Reconheci a voz de Zenaide, diretora do Lar Dona Luz. — Você está podendo falar, querida?

— Claro! — Afirmiei com veemência. Eu sempre teria tempo para ela e para as crianças que lá viviam.

— Desculpa te ligar assim, mas eu achei que era a melhor coisa. Aconteceu uma coisa com a Luna.

Com a menção do nome, meu coração se encheu ainda mais de preocupação.

— Ela está bem? — Indaguei, nervosa. Será que tinha ficado doente?

— Lembra que eu tinha comentado que nos últimos dias apareceu um casal interessado em adotá-la?

Sim, me lembrava muito bem. Como esquecer?

Foi no dia seguinte da minha última visita, quando Luna fez aquela pergunta que deixou meu coração tão pequenininho.

Esse certo casal apareceu no Lar no sábado visitando as crianças, retornando na segunda-feira para informar que queria adotar a minha pequena linda.

Como a adoção tem todo um protocolo e procedimento burocrático para seguir, acabaria levando muito tempo até eles terem, de fato, a guarda de Luna, mas eles poderiam visita-la nesse longo intervalo para que ela se acostumasse com a ideia.

E foi isso que esse casal fez. A levou para passear e contou a novidade para ela.

— Tia Ju, eu vou ter uma mamãe e um papai. — Lembro da vizinha alegre da Luna me telefonando essa semana. Chegando até a pedir autorização da Zenaide para me ligar e contar a novidade para mim.

Fiquei tão feliz e emocionada quando soube.

Todos ali mereciam amor, atenção, afeto, zelo, carinho e uma família que pudesse dar tudo isso e muito mais.

De todas as crianças do Lar, a pequena era a que demonstrava mais vontade e o sonho dela era ter uma mãe e um pai. Sonho esse que me contara em uma das vezes que fui fazer meu trabalho voluntário lá.

Cheguei a pedir para o Lar me deixar a par das notícias que a nova família de Luna pudesse dar, porque eu queria – se possível e o casal permitisse, é claro – visita-la as vezes.

Então, não estava entendendo o que poderia ter acontecido para que refletisse tanto aflição a voz de Zenaide.

— Eles não querem mais adotá-la. E o pior é que falaram isso para ela. Antes mesmo de me comunicarem da nova decisão. — Sua voz embargou.

— O que? — Perguntei, confusa. E completamente surpresa. — A Luna é uma das crianças mais amáveis que conheço. Como conseguiram fazer isso com ela?

— O casal veio aproveitar o sábado para vir pegá-la e levar para um passeio. Voltarem nem duas horas depois com a Luna chorando e informando que estavam desistindo da adoção. Alegaram que não conseguem lidar com a condição dela.

— Condição? Que condição não conseguem lidar? Luna é completamente saudável. — Questionei, perplexa.

— Alegaram que tomaram a decisão da adoção num impulso e que a Luna não se enquadraria nas regras deles. — Conforme dona Zenaide ia falando, percebi o quão ela irritada estava. — Chegaram a mencionar que seria inútil continuar.

— Como assim inútil? — Minha voz saiu alterada. — Que tipo de pessoas são essas?

Conforme a indignação passava, outra emoção tomava conta: a decepção.

Como poderiam ter feito isso com ela?

— Ju, pensei em te ligar para ver se teria como vir até aqui? Você sabe o quando a Luna gosta de você.

— Claro, Zenaide. Vou só me arrumar e daqui a pouco estarei aí e... — Foi quando me ocorreu uma ideia. — Posso trazê-la para casa comigo? Para passar o fim de semana aqui? Levo-a de volta na segunda-feira a tempo da aula. — Pedi.

Sabia o quanto os fins de semana podiam ser quietos demais para uma

criança, sem atividades que poderiam distrai-la.

E estávamos num sábado à tarde, fazia questão de ficar com ela até segunda. Dar todo o carinho que a Luna merecia.

Zenaide concordou com o meu pedido, desligando a ligação em seguida. Me arrumei rapidamente para buscar a que seria minha companheira nesse final de semana.

Assim que entrei no elevador, lembrei de como foi na minha época.

Tinha a Joana ao meu lado em todos os momentos, me ensinou sobre o que era certo e o errado. Grande parte do que sou hoje era graças a ela.

Gostaria muito de poder passar para frente toda a gentileza e amor que recebi – e ainda recebo.

E eu faria isso pela Luna.



CAPÍTULO 17

Julia

Meu coração se encolheu no peito ao encontrar Luna deitada em sua cama, sozinha e chorando.

Sentei na beirada, anunciando minha presença, conversei até o ponto que ela saiu de baixo das cobertas e se atirou no meu pescoço, com um choro baixo, fazendo algumas lágrimas deslizarem pelo meu rosto.

Ali, naquele abraço sofrido, mas cheio de carinho, eu me vi na versão Julia menina, sofrendo por motivos similares da pequena que soluçava em meus cabelos.

Ficamos por um momento assim, enlaçadas pelo carinho. Tendo a certeza que se pudesse, arrancaria de dentro daquele coraçõzinho toda a tristeza que

estivesse sentindo.

Quando ela se acalmou, até voltando a conversar sobre as novidades que acontecera na escola durante a semana, contei sobre a novidade do nosso final de semana.

Percebi que tinha tomado a decisão certa ao ver seus olhinhos – que antes estavam apagados – iluminarem numa pequena chama.

Vi uma criança empolgada pegar a mochila para arrumar suas coisas rapidamente, tamanha a euforia de vir comigo para casa.

Luna segurava a minha mão quando entramos no elevador. Na verdade, ela não a soltou desde que descemos do táxi.

— O que você acha de pedirmos pizza e fazermos uma festa do pijama? — Perguntei.

— Eu quero, tia! — Aquela voz doce que Luna tinha respondeu, animada. Soltei sua mão rapidamente e estava abrindo a bolsa para pegar a chave do apartamento, mas parece que a danada acabou se perdendo num buraco negro lá dentro, o que significava uma quase uma busca impossível.

A encontrei no momento que as portas do elevador se abriram, revelando do outro lado dois homens que pareciam espera-lo.

Um deles eu não conhecia. Agora o outro era outra história.

— Boa tarde, Julia. — A voz de trovão de Daniel preencheu o espaço todo.

— Boa tarde. — Saudei os dois homens que estavam me encarando.

— Então você é a famosa Julia? — O desconhecido perguntou com um sorriso que eu não consegui entender.

— Famosa? — Indaguei, confusa. E curiosa também.

— Marcelo, achei que você tinha dito que ia ver seu sobrinho e está atrasado. — Daniel cortou antes que ele pudesse me explicar.

— Claro, Dan. Obrigada por me lembrar do meu compromisso. — O tal Marcelo, a que fui rapidamente apresentada, deu uma risadinha para o amigo, que ao contrário, não devolveu sorriso nenhum. Na verdade, Daniel estava quase fuzilando-o com os olhos.

Despediu-se de Daniel, de mim e deu um tchau para Luna, que acenou animadamente antes das portas do elevador se fecharem.

— Como está a sua filha no primeiro dia em casa? — Perguntei, balançando nos meus próprios pés. Agarrei a alça da bolsa com um pouco mais de força.

— Está bem. Dorme a maior parte do tempo. É uma bebê tranquila. —

Respondeu, com um sorriso.

— Uma bebê? — Luna se animou num nível que eu nunca tinha visto antes. — Eu amo bebês. Eu posso *ver ela*? — Seus olhinhos alternaram entre Daniel e eu, sem saber exatamente para quem deveria pedir.

— Outro dia, querida. Eles devem estar cansados e...

— Claro que pode! — Daniel me interrompeu, para alegria da criança de quatro anos ao meu lado.

— Oba! — Ela chegou até a pular. — Pode ser agora, tio? — Perguntou, com seus olhos brilhantes na direção de Daniel.

Tio?

Sério que já estava assim?

— Claro, pequena. Vamos lá? — Ele convidou.

— Tio, espera só um pouco que eu preciso te fazer uma pergunta. — Colocou as mãos na cintura, numa pose que queria passar seriedade. Era uma coisa fofa. — Qual é o seu nome? Porque me ensinaram na escola que a gente não deve falar com estranhos. E como não sei o seu nome, você é um estranho, né?

Tapei a boca com a mão para abafar uma risada. Aquela menininha era uma figura.

— Meu nome é Daniel. — Ele se abaixou para da altura dela – ou o mais perto disso – e lhe estendeu a mão, que aceitou rapidamente. — E o seu?

— Luna. — Disse, sorrindo.

— Um nome lindo, sem dúvidas. E você está certa sobre não falar com estranhos. Só que eu sou um... — Ele hesitou por um momento, e eu entendi o motivo. — Amigo da sua tia. Então não ou um completo estranho, não é?

— Tia Ju, posso gostar dele, então? — Questionou, virando-se em minha direção.

— Claro que pode. — Confirmei, alternando meu olhar entre os dois.

— Então *tá* tudo certo. É que você disse da outra vez que como a gente ama você, também devemos gostar de quem você ama. E ela te ama, né, tio?

Aquela pequena queria que eu fizesse cosplay de tomate? Pimentão, talvez? Porque as minhas bochechas estavam praticamente no tom certo.

Querendo mudar de assunto, Daniel a chamou novamente para entrar em seu apartamento para conhecer a bebê.

Quando os dois me deram as costas, pude soltar o ar que estava respondendo desde que fui colocada na berlinda por uma criança.

— Vem, tia. — Luna me chamou quando olhou para trás e viu que eu não

a acompanhava.

E que escolha eu tinha?

Enquanto ia até o quarto buscar sua filha, ficamos aguardando os dois na sala.

Poucos instantes depois, Daniel surgiu trazendo consigo uma Aurora bem acordada.

Aquela era a primeira vez que a via fora da incubadora, e também a primeira visão que tinha dela nos braços do pai.

Daniel sentou-se no sofá e Luna ocupou o seu lugar ao lado deles.

— Oi, neném. Meu nome é Luna, muito prazer. — Seu encantamento para com a bebê era enorme. Ela segurou a mãozinha de Aurora, que foi correspondida com um apertão delicado.

Luna apesar de ser bem pequena, entendia que a bebê ao seu lado necessitava de cuidados, por isso nem chegou a pedir para pegá-la no colo.

— Qual o nome dela, tio? — Seu olhar subiu para o homem que olhava a filha encantado.

— Aurora. — Ele respondeu, orgulhoso.

— Igual a Bela Adormecida? — Falou, virando-se para mim. — Tia, lembra que você contou essa história pra gente esses dias?

— Claro que lembro, meu amor.

Com um sorriso, Luna voltou sua atenção para a bebê e assim permaneceu, até abordar um certo assunto conosco:

— Eu tenho uma dúvida. — Ela olhou para nós dois. — Se a Aurora é a princesa, o Tio Daniel é o rei? E você, tia Julia? É a rainha dele?

Daniel levantou os olhos surpreso para a criança que o questionara, lançando em seguida seu olhar em minha direção.

Como se estivéssemos numa mesma sintonia, acabamos rindo ao mesmo tempo.

— O que eu fiz? — Luna perguntou, confusa.

— Nada, querida. É que nós não somos rei nem rainha. — Daniel respondeu. — A única coisa que existem aqui são as princesas. Você e a Aurora.

— Eu sou uma princesa? — Juntou as mãozinhas no queixo e eu nunca a tinha visto tão encantada com um elogio.

— Claro que é. — Confirmou, mas seus olhos acabaram voltando-se para os meus, e podia jurar que vi algo mudar naquela íris. — E a sua tia também.

Sorri, desviando a atenção para o motivo da nossa visita, que se mexia

sem parar no colo do pai.

— Ela é mesmo. Pena que não é minha tia de verdade. Eu ia gostar muito se fosse.

— Mas eu sou, meu amor. — Aproximei-me mais deles, agachando na frente de Luna. — Sou tia de coração e isso é muito forte.

— Igual você com a tia Joana? — Indagou, animada.

— Exatamente igual.

— Oba! Vocês são as minhas duas tias favoritas do orfanato todo. — Levantou os braços, comemorando.

— Orfanato? — Daniel perguntou, confuso.

— Isso, tio. Eu moro lá, mas hoje a tia me trouxe pra passar o fim de semana com ela porque eu estava triste. — Comunicativa que só, já imaginei que ela tinha arrumado um novo amigo. — A Tia Ju morou lá no orfanato também.

Ao falar sobre o meu passado, percebi que Daniel desviou sua atenção da pequena que ainda falava sem parar, pousando seu olhar e mim.

Eu não sentia vergonha nenhuma sobre a minha origem, ela moldara quem sou. E me sentia muito orgulhosa disso.

Já estava até acostumada quando tocava nesse assunto, perceber os olhares de pena que dirigiam a mim. Eu os entendia, não era algo que eles pudessem controlar ou querer.

Mas encarando o belo homem à minha frente, com seus olhos límpidos e a cicatriz na sobrancelha que lhe conferia certo charme, o que enxerguei ali não foi pena ou qualquer emoção semelhante. O que vi ali foi admiração.

Ficamos lá por mais algum tempo, até que Aurora adormeceu novamente e Daniel a levou para o berço.

— Tia, ele é seu namorado? — A pergunta repentina me surpreendeu, agradei aos céus por Daniel ter saído e assim não ouvir.

— Claro que não. — Respondi rápido demais, para terminar logo o assunto antes que ele retornasse para a sala. — Somos só... — O que nós éramos afinal? — Vizinhos... Amigos, talvez.

— Ah, que pena. Vocês dois formam um casal muito fofo. E assim eu teria um tio também.

Estava prestes a chamar Luna para irmos ao meu apartamento, mas ela tomou a frente e falou primeiro. De novo.

— A gente pode pedir a pizza e comer aqui, né? Vai que o Daniel também quer. — Falou, simplesmente. Se convidando para comer na casa do

meu vizinho.

— Querida, acho que ele deve estar cansado e talvez queira ficar um pouco sozinho com a filha e...

— Alguém falou sobre pizza? — A voz que já sabia reconhecer em qualquer lugar me interrompeu. Virei-me e o vi com os braços cruzados e descansado o corpo no batente da porta do quarto de Aurora. Quanto tempo ele estava ali, afinal? Será que tinha escutado o que Luna falara? Pelo sorriso de lado que me dirigia, suspeitava que sim.

— Eu e tia Ju íamos fazer uma festa do pijama e pedir pizza. Você quer? — Ofereceu, animada.

— Luna, festa do pijama acontece mais entre meninas. — Tentei explicar e até tentar encontrar um motivo para que ela viesse comigo para o meu apartamento.

— Então a gente faz uma festa de roupa mesmo só *pro* tio participar. — Ela realmente tinha resposta para tudo? Nem tinha mais o que argumentar.

— Não estou cansado e adoraria a companhia de vocês duas. — Respondeu, falando pela primeira vez após o convite inusitado que recebe. — E aceito a pizza também.

Aquilo que a Luna estava dando era um pulinho de comemoração?

Realmente aquele homem tinha algum feitiço para encantar as pessoas ao redor.

Já tinha sido meu gato, agora a minha sobrinha de coração.

Mas eu poderia garantir que isso não iria acontecer comigo. Que seria completamente imune a Daniel Belmonte.

Poderia até apostar isso com a certeza que ganharia no final.



CAPÍTULO 18

Daniel

Se buscasse uma palavra para definir aquele dia seria: surpresa.

Primeiro por meu amigo ter aparecido na porta do condomínio sem me avisar, só para me acompanhar até o hospital. O que foi de ótima ajuda, já que Marcelo tinha sobrinhos e experiência com bebês e crianças. Foi ele que veio dirigindo meu carro na volta e pude vir no banco traseiro com os olhos presos em minha filha.

A felicidade que sentia ao vê-la ali, bem e saudável, era a maior que já senti.

Assim que nós três saímos de elevador e nos dirigimos até a minha porta, notei um balão de sol sorridente amarrado a minha maçaneta e um papel colado na madeira.

Retirei com cuidado para não rasgar e conferir o que estava escrito.

Bem-vinda Aurora.

Bem-vinda, sol de menina.

Reconheci a dona daquela letra tão bonita, fazendo surgir um pequeno sorriso em meus lábios e meus olhos recaírem para a direção da porta dela.

Não podia me enganar dizendo que não pensara nele durante a noite toda. E durante boa parte do dia também.

O beijo da noite anterior era bem nítido em minhas lembranças e eu sentia algo muito próximo de saudade de vê-la novamente.

— Julia? — A voz de Marcelo ao meu lado me trouxe de volta ao presente. — Aquela mulher que quase fez churrasquinho de você no primeiro dia? E no segundo também? Vocês se entenderam, foi?

Contei por alto sobre todo o apoio que Julia tinha dado nessa última semana, mas acabei deixando de contar sobre o quase beijo no jantar daquela noite em sem apartamento. E sobre o beijo de fato.

Ainda era uma coisa que queria guardar comigo.

Brincalhão e debochado como Marcelo era, claro que não iria perder a oportunidade de fazer um comentário desses.

Ele ficou conosco boa parte do dia, fazendo companhia e dando dicas, o que me era muito bem-vindo.

Quase no fim da tarde, ele teve que ir embora para um compromisso que teria com um dos seus sobrinhos. Marcelo era um tio muito babão, como já tinha visto anteriormente. Mas estava comprovando ainda mais pela forma que olhava com carinho para a minha filha.

E podia apostar que já a tinha abraçado como sobrinha, mesmo não sendo de sangue.

Ele apertou o botão do elevador e esperamos até chegasse ao nosso andar. Qual não foi a surpresa em ver saindo de lá a pessoa que queria – devia confessar – tanto ver no decorrer daquele dia.

Ao seu lado tinha uma criança pequena, de uns quatro ou cinco anos, com os cabelos escuros e com bochechas rosadas na pele alva.

Nos cumprimentamos educadamente e recebi um sorriso muito animado da adorável pequena.

— Então você é a famosa Julia? — Meu amigo, ou o que eu achava que era, perguntou ao meu lado.

Suspirei alto para chamar sua atenção – o que deu resultado – e se um olhar pudesse matar, ele cairia mortinho aos meus pés nesse momento.

— Marcelo, achei que você tinha dito que tinha que ir ver seu sobrinho e já está atrasado. — Falei, entredentes. Pelo menos foi camarada o suficiente para entender a deixa, despedindo-se de todos e indo embora em silêncio, mas pude perceber que segurava um sorriso que queria muito aparecer em seu rosto.

Filho da mãe.

Julia nos olhou confusa, mas também não chegou a perguntar nada sobre.

Conversei com a pequena – que descobri que se chamava Luna – e acredito que acabei fazendo uma nova amizade.

Fui até chamado de tio. E a cara de surpresa e choque da Julia nesse momento foi impagável.

Elas entraram no meu apartamento para ver minha bebezinha, que estava acordada no momento.

Luna era uma graça de criança, principalmente com sua espontaneidade.

A reação de Julia quando ela perguntou se nós dois éramos namorados era impossível de descrever. Assisti a conversa toda de camarote, encostado na porta sem que percebessem a minha presença.

Notei também o quanto Julia queria arrumar uma desculpa para ir embora, como se estivesse constrangida de estar perto de mim.

Eu não queria que ela se sentisse assim, deslocado ao meu lado e querendo correr para a direção contrária a que eu estava.

Luna era boa de lábia e acabou ganhando o argumento que convenceu Julia a ficar.

Menos de uma hora depois, estávamos nós três sentados nas banquetas do balcão, comendo uma pizza no capricho.

Luna não deixava o silêncio imperar naquela cozinha, então sempre estava falando sobre alguma coisa, mudando de assuntos de minuto a minuto.

Até que ela soltou algo que me deixou sem palavras:

— Obrigada, tia, por ter ido me buscar. Eu estava triste porque não ia mais ter papai e mamãe, mas tô me divertindo agora com você e o tio.

Quando ela contou sobre o orfanato e que Julia também crescera lá, pude entender melhor algumas coisas. Uma delas é como costumava reagir quando comentei que Laís não iria me procurar e entregar a Aurora para adoção.

Pensar novamente nisso me deu um calafrio, apesar de tudo que fizera, eu era grato por ter me procurado antes de tomar essa atitude extrema.

Julia também pareceu ficar sem palavras para o agradecimento da sobrinha, mas virou-se com o olhar cheio de carinho para a menina e lhe fez um afago em seus cabelos escuros.

Após o jantar em que virei um convidado improvisado, Luna pediu se podia ir para o sofá ver e assistir alguma coisa.

Fui junto com ela, que deitado seu corpinho pequeno no estofado, liguei a televisão e coloquei num canal que estivesse passando algum desenho para entretê-la.

Voltei a me sentar onde estava e percebi que Julia observava a pequena com um sorriso nos lábios. Nos lábios lindos que tinha e que eu havia provado na noite anterior.

Balancei a cabeça, afastando tais pensamentos. Tinha uma bebê dormindo no quarto ao lado e uma criança assistindo desenho a poucos metros de mim. Não devia ficar pensando esse tipo de coisa. Remexi na cadeira, um pouco desconfortável.

Meu movimento um tanto que brusco e sem sentido acabou chamando a atenção de Julia.

— Está tudo bem? — Perguntou.

— Claro, tudo ótimo. — Dei um sorriso amarelo que não convencia ninguém. Ainda mais uma pessoa esperta e sagaz como ela.

Mas eu não poderia externar as coisas que passavam pela minha cabeça, ainda mais que todas as imagens envolviam a linda mulher que estava do outro lado do balcão.

Tivera uma prova do quanto seu corpo era quente de encontro ao meu na noite anterior e tê-la assim tão perto – mesmo com algo a nos separar – era bem tentador.

Respirando fundo, resolvi entrar num assunto seguro para tentar ir para um caminho onde pudesse entrar no céu quando chegasse a minha hora.

— Ela é uma graça. — Falei, apontando a cabeça em direção da Luna, que ria – não tão alto, porque lembrava que tinha uma bebê dormindo no cômodo ao lado – de alguma coisa que acontecia no desenho que assistia.

— Ela é sim. — Um sorriso doce surgiu, mas em seguida deu um suspiro desanimado. — É triste vê-la passar por algumas coisas.

— Ela falou sobre isso agora no jantar, não é? Tem alguma coisa que eu possa ajudar? — Ofereci.

— Obrigada, mas você já ajudou sim. E muito. A atenção e carinho que deu a ela hoje foi muito especial. Ela precisava demais. — Seus olhos

marejaram e a voz soou embargada nas últimas palavras.

Sem nem hesitar, num gesto um tanto que repentino, coloquei a minha mão sobre a dela que descansava em cima do balcão.

Aprendi que não gostava de vê-la cabisbaixa ou triste e que se fosse possível, faria algo para trazer de volta aquele sorriso dela que iluminava tanto.

Ela relatou os últimos acontecimentos que Luna passara, e a cada palavra dita, mais indignado eu ficava.

Julia chegou a derrubar algumas lágrimas enquanto falava e minha mão permaneceu abraçando a dela por todo o tempo.

Como podiam existir pessoas que pudessem fazer isso com uma criança?

— Quer que eu entre com algum processo contra esse casal? Posso tentar descobrir algumas coisas também — Perguntei, bem puto da vida. — Posso fazer isso por vocês.

— Obrigada pela oferta, Daniel, mas acho melhor não expor a Luna mais a isso, sabe? Não que eles não mereçam, mas a Luna tem mais gente que gosta dela para suprir essa maldade toda. E esse vai ser o melhor pagamento, o amor.

— Belas palavras, sabia? — Suspirei. — Você é maravilhosa ao usá-las, tanto para falar com essa sua voz doce, quanto para escrevê-las. — Confessei, encarando-a.

Julia remexeu-se no banco, retirando a mão debaixo da minha com delicadeza e colocando uma mexa de seu cabelo atrás da orelha.

— Como assim, palavras que escreve? — Indagou, curiosa e um tanto quanto surpresa. E parece que um pouco de espanto também.

Pedi um minuto e fui até o quarto, pegando o livro que estava no meu criado mudo e alcancei uma caneta antes de voltar para a cozinha.

O assombro que passou em seus olhos assim que mostrei o que carregava nas mãos foi evidente.

— Meu Deus. — Ela falou um pouco mais alto, cobrindo a boca logo em seguida. — Desde quando você tem?

— Comprei naquele dia que fomos ver o berço e as coisinhas dela, lembra? Quando você foi embora, passei em frente a livraria do shopping e acabei comprando.

— Lembro sim. Aliás, eu vi o balão naquele dia também e voltei depois para pegar. — Rimos juntos e percebi que gostava do clima harmonioso que a gente se encontrava. — Você chegou a... a ler?

— Estou lendo, ainda não terminei, mas já passei da metade. Suas palavras têm me feito companhia nas últimas noites. Estou adorando tudo. — Confessei.

— Muito obrigada. — A vi enrubescer diante do elogio. — Espero que continue gostando até o final.

— Eu tenho certeza que irei. E para aproveitar o momento... você pode autografar o meu exemplar? — Pedi, entendendo o livro e a caneta em sua direção.

Surpresa – pelo jeito eu estava fazendo muito isso com ela esta noite. — Ela pegou ambos, e aproveitando o balcão como apoio, dedicou-se a escrever.

De onde estava, não conseguia ler o que estava escrevendo, mas eu iria conferir depois. Quando ela fosse embora.

Pensar nisso me deixou um pouco cabisbaixo.

Eu gostava da companhia de Julia, era agradável estar do lado dela para conversar e até mesmo aproveitar o silêncio se assim fosse.

Quem diria que tanta coisa podia mudar.

Ela terminou de escrever, fechando o livro em seguida e colocando ao seu lado, no balcão. Pelo jeito, não queria que eu lesse na sua frente.

— Bem, acho melhor irmos. — Disse levantando-se, contornando e indo em direção a sala. Eu a acompanhei logo atrás. —Tenho que colocar a pimentinha na cama para dormir. Ela é tão agitada que vai ser difícil e...

Ela estancou, com a frase inacabada.

Segui seu olhar e vi uma criança adormecida em meu sofá.

— Parece que hoje não vai ser um dia complicado para ela dormir. — Sussurrei.

— Concordo. Não vou nem ter coragem de acordá-la.

Percebendo qual era a sua ideia, me adiantei e peguei a pequena em meus braços, que remexeu um pouco, mas continuou adormecida.

Ela foi na frente me ajudando a abrir todas as portas até, enfim, colocá-la na cama de Julia.

— Aurora que é o nome da Bela Adormecida, mas essa daí também está querendo pegar a fama. — Falou assim que saímos do quarto, fechando a porta atrás de si.

— Está parecendo mesmo. — Concordei.

Por mais que eu quisesse prolongar a noite, não me demorei em me despedir de Julia – e de Winchester que assim que ouviu minha voz, saiu do

cômodo em que estava.

Retornei para o meu apartamento, notando de imediato o livro que estava descansado no balcão, peguei-o, caminhando até o sofá. Abri até chegar na página que a letra de Julia se destacava.

Papai da Aurora,

Obrigada pelo apoio e carinho com essa história.

Espero que sinta cada palavra assim como eu as sinto.

P.S.: Prometo pensar em colocar um personagem deus do elevador num próximo livro. Quem sabe?

Com Carinho,

Julia Assim



CAPÍTULO 19

Julia

O choro autoritário de bebê atravessou as paredes, chegando até os meus ouvidos.

Olhei a hora no monitor e constatee que acabava de passar das duas da manhã.

Nessas duas semanas em que Aurora estava em casa, eu quase não a ouvia chorar. Era uma bebê tranquila e bem dorminhoca também.

O nome da princesa Bela Adormecida fazia jus para ela.

Costumava visita-los com frequência, ajudando sempre no que podia.

Escutei o som de algo chocando contra a minha parede, imaginando na hora que Daniel devia ter acordado e estava a caminho do quarto da filha.

Sorri ao lembrar o quanto seu olhar era terno para aquela bebê que já

tinha o coração dele nas mãos. E o meu também.

Retornei para a história, onde Jean e Sofia tinham a primeira briga. E essa era uma parte das histórias que eu mais tinha dificuldade para construir.

Mas querendo ou não, a trama tinha que ter uma emoção, um gás para lá na frente ter aquela cena fofa e apaixonante do casal esquecendo as desavenças e intrigas, fazendo as pazes e vendo que o que importa não é o orgulho e, sim, o amor.

Finalizei o capítulo numa grande parte de tensão e estava prestes a iniciar o seguinte quando o som da minha campainha me assustou de uma maneira que até pulei da cadeira.

Eu nem precisei abrir a porta para ter uma resposta de quem poderia ser. E não apenas pelo choro que ficava mais alto conforme me aproximava da minha porta.

Nós não chegamos a conversar realmente depois do... do beijo que trocamos e achava que era melhor assim. E afinal de contas, já havia passado, não é mesmo?

Então, sem conferir o olho mágico, abri a porta deparando-me com Daniel e Aurora em seus braços.

— Desculpa te incomodar, mas você poderia vir comigo, por favor? — Pediu, sussurrando. Um fato que eu achei muito curioso, aliás. Os vizinhos não iriam ouvir o que falou, mas com certeza ouviriam Aurora.

Ele nem chegou a esperar a minha resposta, entrando em seu apartamento e deixando a porta aberta. Encostei a minha e o segui logo atrás.

— Está tudo bem? — Questionei, realmente preocupada.

— Acho que a Aurora não está bem. Estou pensando em leva-la para o hospital. — Respondeu, visivelmente agoniado.

— O que ela tem? Febre? — Aproximei-me dos dois, colocando minha mão em sua testa. Pelo contato, sua temperatura estava normal.

— Não. — Solto um suspiro, cansado. — Ela não para de chorar e eu fiz de tudo. Não sei mais o que pode ser.

— Provavelmente é cólica. Você já deu o remédio pra ela?

— Sim, faz alguns minutos. Acho que uns quinze ou vinte.

— O remédio provavelmente ainda não fez efeito. — Constatei. — Você tem uma mantinha dela?

— Está aí no sofá. — Disse, apontando com a cabeça para o mini cobertor rosa clarinho. — Tentei cobri-la, mas ela esperneava e achei que estava com calor.

— Posso? — Entendi meu braço em sua direção.

Daniel me entregou Aurora com todo o cuidado exagerado que possuía.

Levei-a até o sofá, pedindo para que ele estendesse a manta aberta sobre o estofado. Coloquei a neném – que ainda chorava – bem no meio, enrolando a manta em seu corpo tão pequenininho.

Era quase um rocambole de Aurora.

Joana me dera essa dica uma vez, quando tinha bebês no orfanato. Colocá-los numa espécie de casulo trazia conforto para eles. Claro que poderia ser considerado uma crendice ou algo parecido, mas não custava tentar.

Peguei Aurora novamente nos braços e balancei delicadamente, cantarolando bem baixinho uma música que parecia ser uma canção de ninar, por mais que não fosse a mais feliz das letras – além de ser muito significativa ao meu passado -, mas a melodia veio na minha cabeça de um jeito que eu não consegui conter.

E se fosse ajudar a acalmar a bebê, por que não cantá-la?

*You are my sunshine, my only Sunshine
(Você é meu raio de sol, meu único raio de sol)
You make me happy when skies are grey
(Você me faz feliz quando o céu está nublado)
You'll never know, dear, how much I love you
(Você nunca saberá, querida, o quanto eu te amo)
Please, don't take my sunshine away
(Por favor, não leve meu raio de sol para longe)*

Ela foi se acalmando aos poucos, chegando num resmungo baixinho até parar de vez.

Continuei com a canção embalando-a suavemente até adormecer serena nos meus braços.

Quando levantei a cabeça, encontrei um par de olhos surpresos com a cena que acontecia a sua frente.

Com um sorriso, passei por ele e fui até o quarto de Aurora, onde a deposei com todo cuidado no berço.

Foi natural para mim parar um tempo para observá-la dormir.

Daniel se aproximou, apoiando suas mãos no berço também, ao lado das minhas.

O silêncio que se sucedeu ali era reconfortante e natural, fazendo-me associar tudo isso a uma família.

Não que eu tivesse conhecimento total de causa sobre isso, mas a forma como meu coração se aquecia em ver aquela bebê pequenininha dormindo tranquilamente, com o homem que já me tirou o ar algumas vezes - para o bem ou para o mal.

Alarmada com essa referência, quebrei a sintonia que estávamos, me afastando do berço e saindo do quarto logo em seguida.

— Julia, o que foi? Está tudo bem? — Perguntou assim que fechou a porta do quarto. Me seguindo em direção à sala, me fazendo parar a caminho da porta.

Virei-me lentamente para ele e usei todo o meu dom de atriz – que eu não tinha – e dei o sorriso mais amarelo que consegui, assentindo com a cabeça como resposta.

— Você já vai? — Daniel me pareceu um tanto quanto desanimado ao fazer a pergunta. — Imagino que esteja cansada por ter passado o dia fora, mas a gente podia conversar... Claro, se você quiser ficar... mesmo eu querendo muito que fique e...

O fato dele estar procurando as palavras e se enrolando a usá-las chegava a ser fofo.

Respirei fundo - afinal conversar não seria problema -, retornando ao sofá para me sentar.

— A impressão que tive hoje é de que a minha filha gostou mais de ficar no seu colo do que no meu.

— Isso é pra você saber como eu me sinto referente a você e o Winchester. Obrigada, universo por pagar na mesma moeda.

A gargalhada de Daniel preencheu o apartamento, me dando a pequena impressão que esse som – que eu nunca tinha ouvido antes – tinha ecoado dentro de mim também.

Percebendo o barulho, ele cobriu a boca com uma de suas mãos grandes, abafando o riso que ainda estava presente.

Não aguentando ver a cena, acabei acompanhando-o e rindo também. O mais baixo possível, claro.

— E por falar no Win, acho que entendi agora o motivo de você ter escolhido esse nome. Ele é uma boa mistura do Sam e do Dean mesmo. Apesar de achá-lo mais parecido com o irmão mais velho, destemido, debochado e um tanto quanto comilão.

— Ah, finalmente você entendeu. Não era sem tempo e... — Reparando no que falara, interrompi minhas palavras ao me dar conta do que mencionou. — Espera, como você sabe sobre isso se você não assistiu a série?

— Bem, você tinha falado que Supernatural era sua série favorita, e que eu tinha perdido pontos por não conhecer.

— E você assistiu só por isso? — Questionei, curiosa.

— Na verdade a parte sobre os pontos foi o que mais me motivou. — Perdendo o ar brincalhão, Daniel me encarou sério. Muito sério. — Porque tudo que é relacionado a você eu não quero perder, apenas ganhar.

A impressão que tive era que a sala ao meu redor tinha reduzido o tamanho e não entrava ventilação nenhuma, mesmo que a porta-janela da sala estivesse aberta e a brisa da madrugada dançasse com as cortinas ao meu lado.

Seu olhar era tão quente e por mais que eu devesse desviar o meu — porque era isso que minha cabeça berrava para mim —, não conseguia.

Era como um ímã que me atraía cada vez mais e mais.

Com um pigarro, ele se recompôs e continuou:

— Sempre vejo um ou dois episódios depois que a Aurora dorme. Não que já tenha assistido tudo, até porque tem várias temporadas, mas finalizei a terceira ontem. — Deu de ombros como se não fosse uma informação tão importante assim.

Mas para mim era.

Ele tinha assistido a minha série favorita por mim. Por causa das palavras que eu dissera na segunda vez que o vi, há meses atrás.

— Confesso que fiquei até surpresa. — Fui sincera. — Mas está gostando?

— Muito. De verdade. — Sorriu.

Ficamos um tempo em silêncio, já que o assunto tinha terminado.

Quando algo que acontecera naquela tarde mesmo ressurgiu em minha cabeça. Acabei sorrindo com a lembrança e percebi que isso acabou chamando a sua atenção.

— Estive hoje no orfanato e a Luna perguntou sobre o novo amigo-tio dela. Além de contar para todo mundo sobre você.

— Perguntou? — Primeiro ele hesitou, mas em seguida abriu um sorriso, daqueles enormes que os seus olhos claros sorriam junto. — E como ela está?

— Bem, aprontando sempre.

— Sabe, realmente fiquei muito revoltado com o que aconteceu com ela daquela vez. — Seu semblante tornou-se sério. — Iludir uma criança daquela maneira... — Respirando fundo, parecendo hesitar para prosseguir o assunto. — Aconteceu isso com você? Quando estava lá?

— Não, no meu caso nunca apareceu ninguém para me adotar.

— Sinto muito por isso. — Pude ver em seus olhos que realmente sentia. — E me desculpa também tocar nesse assunto com você.

— Não, está tudo bem. Não é um assunto que me incomoda ou me envergonhe.

— Claro. E admiro muito você por pensar assim.

— Obrigada. — Sorri. — E eu também admiro você pelo pai que se tornou do dia para a noite. Ou da noite para o dia, que tem mais lógica. Veja no meu caso, os meus desistiram de mim. — Dei de ombros.

— Você nunca soube quem era? Não quis procurar por eles?

— Não para as duas perguntas. — Respondi de pronto. — Não sei o motivo que os levaram a tomar tal decisão. Fui deixada numa igreja, o padre chamou a assistência social e de lá fui para o orfanato. Deixaram comigo apenas uma correntinha com um pingente de sol, que está guardado numa gaveta, e algumas palavras rabiscadas num papel, que anos depois descobrir se tratar de uma música.

— Que música? — Indagou, interessado.

— A mesma que cantei para Aurora ainda pouco.

Isso pareceu atingi-lo de alguma maneira, porque imaginava que tivesse prestado atenção na letra, mesmo cantando em inglês.

— Às vezes tenho medo também. Não, minto. Eu tenho medo sempre. — Desabafou. — De não ser um bom pai, de deixar a desejar para a minha filha...

— Pelo que vejo, você está se esforçando muito. Não tem do que ter medo. Certeza que a Aurora vai entender te admirar muito quando crescer. Assim como eu o admiro agora.

Ele sorriu, parecendo estar tocado pelas minhas palavras.

— Só não quero nunca ser como o meu pai foi para mim. — Soltou num suspiro. — A minha mãe foi a pessoa mais importante da minha vida, a minha outra Aurora, mas meu pai era um homem frustrado que gostava de descontar seus problemas nela e em mim. Isso que nem tinha a desculpa de estar bêbado para fazer isso, era sóbrio mesmo. Ele destruía objetos, odiava

ver porta-retratos com fotos sorridentes, sempre alegando que aquilo era uma mentira, que era tudo diferente da nossa realidade.

— E o que aconteceu com ele?

— Eu tinha uns dez anos e estava fazendo um dever da escola, quando perguntei para minha mãe sobre uma questão que não estava conseguindo resolver. E claro que não gostou disso, chamando seu filho de burro e mais outras coisas que viessem a sua boca. Ele sempre nos insultava, menosprezava e tudo que podia fazer para se sentir melhor. Isso aqui foi uma das obras dele. — Daniel apontou para a cicatriz na sobrancelha. — Simplesmente porque não gostou de ver o filho colorindo um desenho. Então, um dia ele simplesmente desistiu e foi embora de casa. Soube dele um tempo depois que tinha se mudado de estado, mas nada mais que isso. Não que me interesse também. Eu não conseguia associar uma casa como um lar, porque ao invés de me sentir seguro, tinha medo.

Respirei fundo, absorvendo seu relato e sentindo meu coração ficando pequeninho ao imaginar um menininho de cabelos escuros e olhos azuis assustados.

Coloquei a minha mão em cima da sua, suspirando e pensando no que dizer em seguida, porque não queria que o silêncio de agora nos abraçasse.

— Sinto muito que tenha passado por isso, mas de uma coisa pode ter certeza, Daniel. — Falei devagar, encarando-o. — Você nunca será como ele porque eu vejo a forma como você olha para sua filha, você a segura como se fosse o tesouro mais precioso que estivesse em suas mãos. Você tem algo que ele não tinha bem aqui.

Com a mão livre espalmei em seu peito, bem em cima de seu coração que batia descompassado. E eu podia apostar que o meu batia irregular da mesma forma.

Quando dei por mim, seus braços enlaçaram a minha cintura trazendo-me para perto e seus lábios estavam colados aos meus.



CAPÍTULO 20

Daniel

Eu simplesmente não consegui me conter.

Não depois de ouvir as palavras de Julia. E muito menos depois de reparar o que enxerguei em seus olhos.

A envolvi em meus braços com gana tamanha a vontade que estava de fazer isso.

Uma explosão de choque aconteceu assim que mergulhei em sua boca, sentido o quanto aquela madame do prédio era doce.

Querendo fazer com que ficasse ainda mais próxima a mim, puxei-a para o meu colo, onde se aninhou de um jeito que me faria pegar fogo em poucos minutos.

Isso se já não estivesse completamente em chamas.

Afundi uma mão em seus cabelos fartos e macios, e com a outra fazia círculos em sua coxa desnuda, até encontrar a barra do short que usava.

Conforme minha mão subia lentamente por sua perna, Julia se remexia ainda mais sobre o meu colo, fazendo um gemido rouco escapar do fundo da minha garganta.

Escorreguei meus lábios por seu queixo, seguindo caminho por seu pescoço. Ela era toda doce, os lábios, a pele, os suspiros que soltava, sua respiração entrecortada...

— Julia... — Arfei seu nome, ainda traçando beijos por seu pescoço delgado.

Mas eu não conseguia resistir, não tinha mais volta. Estava completamente rendido, entregue. Por isso, retornei novamente a explorar seus lábios.

O beijo era urgente, como se tivéssemos esperado muito tempo para reivindicá-lo.

E realmente tínhamos mesmo.

Éramos uma junção de bocas, línguas, toques e gemidos... querendo fazer aquele momento durar uma eternidade.

Mas infelizmente não durou.

O beijo antes abrasador foi se acalmando, até se tornar leves labaredas, um toque de lábios suave.

Encostei minha testa na sua, suspirando alto. Nós dois estávamos ofegantes e respirar normalmente estava sendo um grande desafio.

— Daniel, eu...

— Não precisa falar nada, Julia. — Comentei, ainda de olhos fechados. — Só vamos sentir hoje, combinado?

Como ela não respondeu, abri meus olhos e me afastei o mínimo necessário para olhar em seus olhos.

— Você também sentiu alguma coisa, não sentiu? Com o beijo? Comigo? Com o *nós* que você também percebeu que existe?

— Sim, senti. — Sua voz era doce, nada mais que um sussurro. — Para todas as perguntas.

— Ótimo. — Sorri, passando a mão delicadamente por seu rosto. — Eu também sinto tudo isso, Ju. E quero continuar sentindo, mas vamos seguir tudo no seu tempo e do jeito que você quiser.

Com um sorriso, ela inclinou-se na minha direção, dando um beijo rápido e sussurrando um boa noite.

Levantou-se em seguida a caminho da porta, mas fui mais rápido e segurei seu braço com delicadeza antes que conseguisse alcançar a maçaneta.

— Você me deu um beijo de boa noite, mas será que posso dar o meu também? — Ofereci, me aproximado um pouco mais.

Aguardei por sua resposta, mesmo já imaginando qual seria. Eu via em seus olhos o desejo, a vontade...

— Pode. — Respondeu.

Não fui tão econômico em beijar quanto ela havia sido, e mais uma vez, fiz com que criássemos um mundo só nosso naquele contato.

Quando terminamos, Julia se despediu novamente, saindo de vez e indo até seu apartamento.

Sentei no sofá, sorrindo feito um bobo sobre um dos melhores momentos que tinha acabado de viver.

A semana se seguiu numa rotina bagunçada, porém deliciosa.

Quem diria que o homem metódico e organizado, estava tão orgulhoso de ter uma coisa ou outra fora do lugar.

Mas a bagunça maior era a que Julia fazia comigo. Dentro de mim.

Com meus pensamentos, com o que eu sentia, com a minha respiração.

Com tudo.

Continuamos a nos ver nos dias que se passaram, e trocamos muitos beijos também.

Os dias se transformaram em semanas, consecutivamente em meses...

E foi com alegria que abri a porta naquele sábado de manhã, me deparando com uma Julia muito sorridente – naquele sorriso claro de alguém que teve uma ideia e queria aprontar -, exibindo toda orgulhosa um pincel grande e limpo em uma das mãos.

— Topa uma aventura diferente? — Convidou. Ela deve ter percebido a minha cara de confuso, porque logo se justificou. — Bem, acho que podemos dar uma cor no quarto de Aurora, né? Transformar isso aqui no seu lar. No lar de vocês.

Pensei sobre isso por alguns instantes, recordando-me da conversa que tivemos dois meses antes.

Olhei ao redor e paredes brancas me encaravam. Não havia nada, nem quadros, fotografias. Realmente não havia cor naquele apartamento.

E por mais que aquilo fosse algo com a qual estava acostumado, não queria que minha filha crescesse num lugar que não tivesse lembranças

espalhadas pela casa, que não houvesse cores que a encantariam.

Aurora merecia tudo que não tive, e não seria eu a impedir que isso acontecesse.

— Bem, acho que me precipitei em falar isso. Me desculpa, eu... — Percebendo minha demora em responder, Julia chegou a sua própria conclusão.

Não podia deixa-la pensar que tinha feito algo errado, quando sua iniciativa tinha sido com as melhores das intenções.

Precisava falar alguma coisa, convencê-la do contrário, mas tudo o que consegui fazer foi puxá-la em minha direção – com a porta ainda aberta – e me expressar com ela da melhor maneira que existia, beijando-a como se minha vida dependesse disso.

E em alguns momentos – como aquele – tinha mesmo essa impressão.

— Uau... — Ela suspirou, assim que me afastei dela. Entedia muito bem essa sensação. Julia me fazia sentir da mesma forma. — Então, *tá*.

Peguei na sua mão, enfim trazendo-a para dentro do meu apartamento e fechando a porta logo em seguida.

Fiquei me perguntando se algum dos vizinhos tinham saído? Não que me preocupasse ou algo assim, mas eles provavelmente tinham se deparado com um espetáculo e tanto logo de manhã.

— Não precisa de desculpar por isso. Jamais. — Acariciei delicadamente seu rosto com os nós dos meus dedos. — Eu agradeço pela sugestão que teve. — Sorrindo, aproximei meu rosto do dela. — E topo qualquer aventura com você.

Peguei o celular para fazer uma ligação e, de soslaio, vi Julia caminhando até o carrinho onde estava Aurora que continuava adormecida – bem a cara dela, e do nome – e ficou observando-a por um tempo, sorrindo.

Marcelo atendeu no terceiro toque, todo animado como sempre.

E sua empolgação tornou-se ainda maior quando perguntei se podia deixar Aurora com ele por algumas horas, para não expor uma bebê de dois meses ao cheiro forte de tinta.

Mais do que de pressa aceitou, e até sugeriu que ela dormisse por lá também, para ser mais seguro.

Desliguei o telefone, arrumei tudo que foi necessário e partimos nós três para a casa de Marcelo. Como morava relativamente perto do condomínio, em poucos minutos estava buzinando em frente à sua casa.

Meu amigo veio todo sorridente nos receber, pegando Aurora no colo

e querendo fazer mil caras engraçadas para a bebê.

Julia se despediu de Marcelo e dei um beijinho estalado na bochecha da minha pequena, entrando novamente no carro. Estava prestes a fazer o mesmo, mas meu amigo acenou para mim, pedindo que me aproximasse.

— Pelo jeito você se acertou com sua vizinha. Boa sorte para pintarem o set. — Brincou.

Eram momentos como aquele que me questionava se deveria ou não sufocar o meu amigo até a morte. Não quando estivesse com a minha filha colo e uma outra testemunha a nos observar.

Sem responder o seu comentário, abaixei-me plantando mais um beijo no rostinho da minha filha.

— Papai volta para te pegar amanhã, princesa. — Arrumei a postura, olhando meu amigo-irmão, que era mesmo apesar de tudo. — E você cuide bem dela.

— Sim, senhor capitão. — Segurando Aurora com um braço, levou a mão livre até a testa, prestando uma continência bem exagerada. — Pode confiar, Dan, sei o que estou fazendo e daqui a pouco minha irmã vai chegar e me ajudará também.

Concordando mais uma vez, entrei no carro e nos dirigimos para a nossa aventura do dia. Na companhia da pessoa que eu seria capaz de ir para qualquer lugar, desde que estivesse ao meu lado.

Do jeito que fosse.



CAPÍTULO 21

Julia

Azul, amarelo e branco foram as cores que escolhemos para o quarto dela.

Sugeri a ideia para Daniel que aceitou na hora. Aurora teria seu próprio céu pintado na parede.

Além das tintas, compramos alguns pinceis e um daqueles em rolo também.

Chegamos no nosso andar, mas antes de irmos para o apartamento dele, fomos para o meu. Precisava ver como Winchester estava e colocar mais ração também.

Para variar, estava dormindo, levantando apenas as orelhas quando me ouviu chamar.

— Deixa comigo. Ele gosta muito de mim, quer ver. — Abaixou-se, determinado a querer provar seu ponto. — Win, amigão, vem cá com o tio, vem.

“Vem cá com o tio?”

Sério isso?

Segurei uma risada que queria irromper, porque a cena que via conseguia ser a mais ridícula de engraçada que já tinha presenciado nesses meus vinte e cinco anos.

Winchester abriu os olhos, levantou a cabeça meio que querendo entender o que estava acontecendo, olhou para ele e voltou para a mesma posição para mais um cochilo.

Um Daniel muito embasbacado encarou o gato que não lhe dera a mínima atenção.

— Parece que o sono é mais amigo dele do que você, ô grande deus do elevador. — Zombei, não controlando a gargalhada que surgiu.

— Acabei de ter o meu ego ferido por um gato. — Balançou a cabeça, fingindo estar desapontado. — Ele é um amigo da onça. Ou um primo próximo do reino animal.

Rindo, fomos até a cozinha, onde enchi o pratinho daquele dorminhoco de ração, além de trocar a água.

Iria retornar de tempos em tempos ao meu apartamento para ver como ele estava, ou se queria descer um pouco para caminhar também.

Mas podia citar alguém, que certamente, teria feito Win se levantar: Aurora.

O primeiro encontro deles foi um encanto de se ver, no mês passado.

Daniel segurava Aurora no colo, enquanto eu estava com o gato. Sabia que ele era dócil e jamais iria machucá-la.

Lembro da sua cabecinha curiosa se esticando para a frente, fazendo com que eu me aproximasse mais dos dois. Seu focinho cheirava as mãozinhas da bebê com afinco. Aurora, por sua vez, não conseguia desviar a atenção do animalzinho acima dela.

Desse dia em diante, sempre que os dois estavam no mesmo cômodo, Winchester fazia questão de ficar o mais próximo possível. Quando Aurora chorava, ele levantava num pulo e olhando sempre com atenção, como se quisesse ajudar de alguma maneira.

Voltamos para o hall, onde tínhamos deixado as coisas que compramos e fomos, enfim, para o apartamento dele.

A primeira coisa que fizemos foi a retirada do berço do quarto, para que não respingasse tinta.

— Não seria melhor desmontar? Talvez posso chamar o Matheus para ajudar. — Provoquei.

Daniel virou o rosto para mim, me fuzilando com os olhos.

— Consigo fazer isso sozinho. — Foram as únicas palavras que falou.

Depois do quarto ficar completamente vazio, e a sala abarrotada com o berço desmontado – ele realmente conseguiu fazer -, a cômoda e a poltrona.

Espalhamos jornal pelo chão para evitar que a bagunça fosse ainda maior, e estávamos prontos para iniciar os trabalhos.

Acabei ficando com o pincel de rolo e ele com o normal, que alegara ser mais alto e não precisava se esticar tanto para conseguir alcançar a altura da parede.

Achei melhor ignorar esse comentário.

Fazíamos algumas pausas vez ou outra para tomar água, e algumas para voltar para o apartamento. Acho que Winchester estava querendo ajudar da sua maneira, no seu sábado de tanta preguiça, que quando abri a porta perguntando se queria sair fui apenas ignorada. De novo.

Mas dessa vez foi por causa de comida.

Com o fundo azul já pintado, poderíamos iniciar os detalhes para esse céu ser preenchido.

Algumas nuvens começaram a surgir, harmonizando muito bem com o azul claro que escolhemos.

Iríamos enfeitar apenas uma parede, a qual o berço ficaria encostada, e as outras três seriam pintadas de um amarelinho bem clarinho. Delicado como a linda menininha que ali dormia.

Daniel saiu para encher novamente a garrafa de água e voltou. Sem camisa dessa vez.

— Sério que você vai ficar assim? — Falei, cruzando meus braços. — Como uma distração e tanto do meu lado?

— Podemos ficar quites, se você quiser ficar só como você sugeriu aquele dia. — Abriu um sorriso de canto. Um que ainda não tinha visto nele antes.

Segurando a resposta, me virei para pegar a pequena escada e trazendo-a até a parede que estávamos pintando.

— O que você vai fazer? — Daniel perguntou assim que pisei no primeiro degrau.

— Bem, acho que o mais óbvio de tudo é subir, né? Isso é escada,

amigo, não um elevador. — Rebatí, bem madura. Muito madura mesmo.

— Deixe que eu faço isso. Você pode acabar caindo e se machucar.

— Daniel, são três degraus. Não é uma altura tão grande assim, além do mais, você com essa mão enorme aí não ia conseguir fazer uma boa obra de arte. — Impliquei, continuando a subida íngreme e difícil de, novamente, três degraus. — Agora molha aquele pincel ali mais fino no amarelo escuro e me passa.

Seguindo a minha orientação, instantes depois me passou o que havia pedido.

Levantei a mão para começar o meu desenho, percebendo que ele não voltou para continuar pintando as nuvens e permaneceu ao meu lado.

— Vou precisar de nada não, por enquanto. — Afinal, não precisava de uma sombra.

— Mesmo assim vou ficar aqui. Vai que você se desequilibra dessa coisa, quero estar por perto para evitar uma queda.

— Eu não vou cair. — Rebatí, encarando-o de cima.

Quem que é mais alto agora?

— Julia, você troçou na cadeira aquele dia. Que estava no chão. — Acusou.

— Mas eu estava levemente entorpecida pelo vinho.

— Independente. — Falou, decidido. — Vou ficar aqui.

Dando de ombros, mas achando até que fofo a sua preocupação – mesmo que um tanto estranho –, tentei fazer o sol com mais cara de sol que consegui.

Alguns minutos depois, minha obra de arte estava finalizada.

Estava me sentindo a versão feminina de Picasso. Ou um Van Gogh, talvez.

Satisfeita, comecei a descer. No último degrau, o destino e o meu alto ego quiseram brincar comigo e comprovar que Daniel estava certo.

Grande porcaria.

O pincel escorregou da minha mão e por reflexo – bem burro, confesso – inclinei para pegar antes que caísse no chão.

Por que, meu Deus?

Se tínhamos colocado jornal, podia cair a vontade.

Consegui pegar o pincel ainda no ar, mas o meu equilíbrio não seria recuperado assim tão fácil.

Numa reação que nunca conseguiria ter – nem se nascesse de novo –,

Daniel me amparou pelos braços, evitando que eu me esborrachasse no chão. De novo. E nem iria poder culpar a bebida dessa vez.

O pincel resvalou eu seu ombro, caindo no chão do mesmo jeito.

Tudo isso para nada.

Após verificar que conseguia me equilibrar sozinha de novo, e já em terra firme, Daniel se afastou me olhando com a sobrancelha arqueada como se disse “*eu te avisei.*”

— Nem ouse dizer. — Falei, me afastando para pegar a escada e colocar no lugar onde estivera antes.

— Não é nem necessário. — Debochou. — E de nada por ser seu herói. Estou aqui para isso. — Uma reverencia exagerada, dando as costas para mim.

E esse foi seu grande erro.

Lancei meu olhar para o pincel de rolo que eu estivera usando antes de fazer o sol, o peguei com o maior silêncio que pude, mergulhei na primeira tinta que encontrei – que era a azul – e passei, esfregando o pincel por suas costas.

A surpresa, junto com o susto, foi tão grande que quem pagou o pato foi a pobre nuvem, que ficaria uma bagunça toda naquele céu organizado.

Virando em minha direção lentamente, e esse deveria ser um sinal muito claro para que eu corresse para longe, mas finquei meus pés no chão e o encarei vitoriosa.

Também sei arquear uma sobrancelha, meu bem.

O contra golpe veio rápido com seu braço aproximando o pincel que estava usando em minha direção. Minha camiseta preta – porém, velha – estava com um risco branco nela.

— Falei que era para você ter tirado. — Estufou o peito.

— Não seja por isso. — Acredito que ele não esperava pelas minhas palavras e nem pela minha atitude que as seguiram.

Coloquei o pincel delicadamente no chão, levantando-me em seguida com determinação.

Puxei a camiseta que estava usando, tirando-a e jogando no chão. Deixando meu sutiã preto de renda aparecesse no jogo.

Um Daniel um tanto quanto boquiaberto me encarava de um jeito que poderiam fazer aquelas paredes se moverem, nos apertando, do tanto que a respiração se tornou difícil naquele momento.

Em dois passos, estava a minha frente, parecendo um vulcão prestes a

entrar em erupção. E ele realmente entrou.

Nem um segundo depois, Daniel estava por toda parte.

Seus lábios pressionavam o meu com fome, suas mãos passavam por todo meu corpo enviando junto uma eletricidade que não queria que acabasse nunca.

Seu corpo começou a caminhar, fazendo com que eu o acompanhasse, mesmo que não estivesse prestando atenção em nada além do belo homem que se apoderava de tudo que pudesse tirar de mim.

Os beijos, os suspiros, as respirações ofegantes. Absolutamente tudo.

Senti quando minhas costas encontraram a parede e seu corpo chegou mais perto do meu, me prensando de um jeito certo. Como se nosso corpo se encaixasse melhor do que as peças de um quebra-cabeça.

Lá estávamos nós dois, nos beijando embaixo no nosso próprio céu.

Do céu que era só nosso e de mais ninguém.



CAPÍTULO 22

Julia

Acho que o céu poderia desabar perfeitamente naquele momento, mas nada me faria sair dos braços daquele homem.

Mas eles continuavam ali. Os dois na verdade. O céu que pintávamos até um minuto atrás e o que estava do lado de fora das janelas.

— Julia. — Sua respiração fazia cocegas na minha pele, onde sua boca deslizava com beijos. — Eu sou louco por você...

Bem, éramos dois então, mas ao contrário dele, eu não conseguia encontrar as palavras para poder falar. Era como se todas estivessem paralisadas com todas as sensações que sentia.

— Não consigo ficar longe. Preciso ficar perto, o quanto melhor. Então, se você não quer, vai ter que me mandar parar ou me empurrar.

Afastando seu rosto do meu, aguardou pela resposta independente de qual fosse.

Mas eu já tinha a resposta a partir do momento que Daniel começou a me beijar.

Sem falar nada, coloquei minha mão atrás de seu pescoço e o puxei novamente para mim. Essa seria uma resposta mais do que suficiente.

Entendendo o meu gesto, o beijo conseguiu se tornar ainda mais intenso que o anterior.

Îçando-me do chão com total facilidade, Daniel me segurou pelas coxas, e eu em contrapartida, enlacei minhas pernas ao redor da sua cintura.

Caminhou comigo, trombando o corpo em alguma parede, objeto ou talvez até na porta. Não cheguei a abrir os olhos em nenhum momento para confirmar o que era.

Confiava no homem que me carregava no colo com tanto cuidado, enquanto ainda me beijava de um jeito tão dele.

Senti quando me depositou cuidadosamente na cama, subindo logo depois.

— Vamos acabar sujando o lençol de tinta. — Falei quando seu rosto chegou perto do meu.

— Bem, você queria colocar um pouco de cor no quarto de Aurora e conseguiu. Então, o lençol é só um detalhe. — Comentou, brincalhão.

Sustentando seu peso com os braços, seus ombros dobraram de tamanho e acabei encarando-o por um tempo. Sem nenhuma vergonha ou inibição dessa vez.

Quando retornei meus olhos para o homem acima de mim, percebi que estava com o semblante sério, por mais que ainda pudesse identificar o desejo ali presente.

— Mas o mais importante de tudo, Julia, foi que você trouxe cor para a minha vida. — Falou, solene.

Um sorriso surgiu em meu rosto e logo foi espelhado no dele, mas não durou por muito tempo, já que Daniel capturou novamente minha boca em mais um dos seus beijos intensos.

E com a mesma adoração que seus olhos tinham, suas mãos começaram a delicadamente me despir.

Quando não existia mais nada que escondesse meu corpo, seu olhar desceu e subiu lentamente, vendo cada pedaço e suas mãos faziam o mesmo trajeto.

Seus lábios também entraram na brincadeira, sem pressa, demorando em lugares que ele percebia que me afetava mais. Sua barba pinicava prazerosamente por onde passava.

Minhas mãos também queriam desbravar aquele corpo perfeito, conhecer cada traço para que pudesse memorizar depois para que se tornasse uma lembrança.

Num outro dia. Quando tudo isso acabasse. Quando ele também fosse embora da minha vida

Afastei esse pensamento incômodo, tentando fincar âncora no presente, no momento em que estava inserida.

Era naqueles braços que pertencia naquele instante.

Abri novamente os olhos, seu rosto pairava a milímetros do meu. Nossas respirações duelavam, se abraçavam e se entrelaçavam igual a maneira como nossos corpos faziam.

Eu já tinha percebido os olhares de desejo de Daniel, mas aquele era único. Não que essa sensação não tivesse presente - porque estava -, mas percebi um zelo, carinho, preocupação e talvez até um outro ingrediente dessa mistura de emoções, mas preferi não me apegar a isso.

Seus olhos questionadores me avaliavam e já que palavras não eram necessárias naquele momento, optei por continuar em silêncio. O nosso diálogo ia mais além do que simplesmente falar, era o que eu queria passar pela forma que o olhava.

Entendendo a minha resposta, esticou o braço até o criado mudo que ficava ao lado.

Desviando a atenção e as mãos de mim por um instante, no mesmo momento que ouvia o barulho característico.

Instantes depois, ele estava sob mim novamente.

E com os olhos sempre presos ao meu, Daniel nos uniu de todas as maneiras possíveis.

Era ciente de tudo que acontecia conosco. Das suas mãos que passeavam pelo meu corpo; da sua respiração quente de encontro ao meu rosto; dos gemidos e suspiros que compartilhávamos; dos seus lábios que passeavam pelo meu rosto, sempre retornado aos meus lábios; do seu corpo que se encaixava perfeitamente ao meu.

O que começou devagar, lento, uma carícia. Mas chegou num momento que os movimentos ritmados ganharam mais força, mais poder, mais intensidade e uma nevoa gostosa começou a me atingir ao alcançar o

meu paraíso.

Daniel me acompanhou logo em seguida, gemendo meu nome e caindo sobre mim. Com os braços em cada lado, ele sustentava seu peso.

Seu rosto pousou no vão do meu pescoço, onde fui capaz de sentir sua respiração entrecortada. Errática e arfante contra a minha pele. Lábios salpicavam beijos leves, delicados e ardentes ali.

Depois de um tempo, rolou nossos corpos, me pousando sobre o seu peito.

Coloquei minha mão sobre seu coração que batia descompassado de encontro a minha palma.

— É por você. — Daniel sussurrou, captando minha atenção, fazendo com que eu levantasse a cabeça para olhá-lo. — Ele está batendo assim por sua causa.

Sorri com suas palavras, me abaixando logo em seguida para deixar um beijo longo sobre o lado esquerdo do seu peito, onde seu coração estava.

Descansei minha cabeça sobre ele, ouvindo aquele “*tum-tum-tum*” tão bonito e, suspirando, respondi.

— O meu também.

Apertou-me mais contra si e ali ganhamos o nosso próprio tempo.

Quando a noite chegou, saímos do nosso abraço-casulo e fomos para a cozinha.

Antes de sair do quarto, Daniel vestiu apenas a calça e saiu descamisado pelo apartamento, mas parou na porta, virando em minha direção e lançando um olhar que sabia que estava fazendo aquilo para me desconcertar.

Bem, eu também sabia provocar quando queria.

E eu queria muito. *Ah, se queria!*

Peguei a minha calcinha que estava no chão, fui até o seu guarda-roupa, abri e peguei uma camiseta – branca, fiz questão dessa cor -, colocando em mim sem sutiã mesmo. Como ele era mais alto que eu, acabou batendo na altura das minhas coxas.

Satisfeita, saí do quarto para encontrá-lo na cozinha.

Daniel estava de costas no fogão, distraído e não percebeu minha aproximação silenciosa.

— Quer dizer que o deus do elevador sabe cozinhar? — Provoquei. Escutei sua risada, ainda sem me olhar.

Quando virou em minha direção, aposto que pronto para dar uma de

suas respostas afiadas, o vi engolir em seco, parecendo até um tanto que perdido.

Coloquei o melhor sorriso provocador que tinha e fui me aproximando bem devagar, até estar perto o suficiente para perceber as chamadas que seu olhar lançava em minha direção.

— Julia, Julia. — Alertou, me olhando de cima a baixo. Parando no meu colo, onde a camiseta branca – e levemente transparente – cobria meus seios.

— O que foi que aconteceu? — Tentei uma cara de inocente. Só não sei se deu muito certo.

— Você aconteceu, madame do prédio. — Ele respondeu, colando a boca na minha.

Assim que passei os braços por seu pescoço, querendo aprofundar o beijo, Daniel afastou-se de mim, retornando para o fogão. Me deixando lá, ainda com os braços esticados, abraçando o ar.

Bufei, irritada e percebi uma risada contida vindo dele.

Bem, ele sabe provocar também.

Deixando de lado as nossas farpas, ajudei-o no que podia e minutos depois, estávamos comendo um macarrão com molho bolonhesa mais perfeito que já tinha experimentado.

Além de ser uma perdição, aquele homem cozinhava perfeitamente bem.

Daniel tinha conseguido conquistar minha barriga da forma mais bem-sucedida que podia.

E pelo jeito que as coisas estavam caminhando, não duvidada que poderia conquistar o meu coração.

Mas sabia que isso ele já tinha feito.

Comemos e conversamos em harmonia, curtindo a companhia um do outro.

Assim que terminamos, fomos organizar tudo e quando guardei o último prato já limpo e seco no armário, Daniel me surpreendeu ao me abraçar pelas costas.

— Bem, hora de voltarmos a falar do fato de você estar vestindo uma camiseta minha. — Sussurrou no meu ouvido, dando uma mordida de leve no meu lóbulo.

Mas nós não conversamos.

Virando-me de encontro ao seu peito, não consegui nem pensar em

uma palavra que poderia dizer, já que sua boca estava reivindicando a minha.

Me pagando novamente no colo, me fazendo arfar de surpresa, levou-me até seu quarto.

Dessa vez quem iria nos fazer companhia seriam as estrelas. E eu podia jurar que estava flutuando quase ao lado delas.

Com Daniel ao meu lado, sempre segurando a minha mão.



CAPÍTULO 23

Daniel

Sentia seus olhos em mim como brasa.

Sabia que aquele tom de chocolate derretido que tanto amava estava me encarando, mesmo que eu estivesse de olhos fechados.

Quase não dormi essa noite, não apenas porque tínhamos passado a madrugada toda perdidos um no corpo do outro, mas pelo fato que não queria perder nem que fosse um milésimo de segundo sem contemplá-la.

Então, quando ela adormeceu, languida nos meus braços, a observei por algum tempo.

Minutos? Horas?

Não saberia precisar, mas de uma coisa tinha certeza. Tempo nenhum seria suficiente para isso.

Julia dormiu serena com a sua mão pousada no meu peito, bem em cima do meu coração.

Me perguntei se, antes de dormir, percebeu novamente o quão frenético e louco ele batia.

Por ela.

Sorri com a lembrança dela me dizendo a mesma coisa.

A observei até que o cansaço me venceu, mas lembro que antes de fechar os olhos, estreitei ainda mais aquele nosso abraço.

Tinha acordado fazia uma hora, mas não me mexi, aproveitando a sensação de despertar ao seu lado.

Percebi quando ela despertou, há cerca de uns quinze minutos, quando se remexeu em meus braços. Por um momento, imaginei que sairia sorrateira, sem me acordar.

Pensar nessa possibilidade me deixou apreensivo, por isso continuei fingindo que estava dormindo. Não queria que ficasse constrangida se fosse pega, de fato, fugindo do meu quarto.

Mas logo esse pensamento foi embora ao senti-la se aninhar ainda mais em mim como uma gatinha – devia ter aprendido isso com o Winchester –, dando um suspiro alto.

— Quanto posso cobrar por seus pensamentos? — Falei, ainda com os olhos fechados.

— Quanto você está disposto a pagar? — Percebi o sorriso em sua voz.

— Alguns beijos, talvez? — Respondi, finalmente abrindo meus olhos.

Julia estava apoiada em um braço, me encarando. Seus cabelos loiros estavam despenteados, fazendo-me recordar das minhas mãos passeando por eles.

Linda. Ela estava simplesmente linda.

— Só alguns? — Arqueou uma sobrancelha, desafiadora.

— Eu sou advogado. E muito bom em negociar, mas já adianto que são alguns beijos longos e muitos infinitos também.

Percebi que o ar descontraído sumiu do seu rosto, fazendo com que Julia enrolasse o lençol em seu corpo, endireitando a postura.

— O que foi? — Perguntei, preocupado. Imittei seu movimento e me sentei na cama, encarando-a com aflição. — Falei alguma coisa errada? Ou fiz alguma coisa que te incomodou?

— Imagina, claro que não. — Sorriu, colocando a mão no meu rosto. — Você foi perfeito.

Eu, em contrapartida, percebi que ela iria recolher a mão, então a peguei com a minha e fiquei segurando-a com todo o carinho que podia.

Não saberia explicar muito bem o porquê, mas um medo começou a invadir o meu peito.

— Então o que foi? — Insisti na pergunta. Com a mão livre, coloquei uma mexa do seu cabelo atrás da orelha.

— Eu sou só um pouco complicada mesmo. — Deu de ombros, suspirando. — Antes de mais nada, eu só quero que você saiba que não me arrependo do que aconteceu entre a gente.

— Que bom. — Soltei o ar, que nem percebi que estava prendendo. — Eu também não, Julia. Essa foi a melhor noite da minha vida. — Levei sua mão que estava segurando até meus lábios, onde plantei um beijo cálido.

— Da minha também. — Ela sorriu. Um sorriso completo dessa vez.

E o fato de saber que concordara sobre a noite perfeita que dividimos, fez meu coração errar uma batida e aquecer por dentro. Mas mesmo assim, precisávamos conversar.

Entender a sombra que estava sobre seus olhos.

— Então qual é o problema?

— Você acha mesmo que vai ter beijos infinitos? — Baixou o olhar para a nossas mãos que estavam ainda unidas, com os dedos entrelaçados. — Acha que vai ser para sempre?

Sabia muito pouco do passado de Julia, mas pude compreender onde ela queria chegar com aquelas duas perguntas.

Eu que tive apenas a minha mãe como família, acabei guardando os receios do que acontecera comigo.

Tentei me imaginar no lugar dela, sem ter ninguém a quem apoiar. Não tem uma base que pudesse querer espelhar ou ter alguém que acompanhasse seus caminhos e escolhas que faria.

— Ju, olha para mim. — Pedi e aguardei até que levantou os olhos em minha direção. — Eu não tenho nenhuma dúvida sobre o que está acontecendo entre a gente. Com o que está acontecendo comigo aqui dentro. — Aproveitando que estava segurando sua mão, a trouxe até o meu peito, onde apoiei a minha por cima. — Vou estar aqui pelo tempo que você quiser que eu fique. O infinito quem vai criar somos nós. Vamos só viver isso sem pensar em prazos e seguiremos sempre no seu tempo, tudo bem?

Concordando com um sorriso, Julia me deu um beijo rápido, levantando-se da cama enrolada naquele lençol com uma enorme calda que a seguiu até o

banheiro.

Tomamos café da manhã numa harmonia que eu poderia classificar como a certa. Me peguei desejando poder repetir essas sensações por mais dias.

Fui para o meu quarto me arrumar e a encontrei dentro do quartinho de Aurora, olhando para as paredes que havíamos pintado no dia anterior.

— Acho que temos que pintar novamente aquela nuvem. Ainda mais você que gosta de tudo na medida certa. — Disse, apontando para uma... bem, não sei definir o que poderia ser, mas era branco.

— Discordo dessa vez. — Rebatí, ficando ao seu lado para observar. — Primeiro que nuvens não tem desenho “certo”. E segundo, e mais importante, eu gosto dela ali. É a minha favorita nesse céu todo e você sabe porquê.

— Tudo bem, senhor advogado, causa ganha pelo comentário pertinente. Onde posso bater o martelo para concluir a sentença?

— Precisa bater não, meritíssima, mas beijar está liberado. Inclusive, é uma pena e tanto.

— Posso concordar que sim.

Sem nem esperar por mais nenhum veredito, a enlacei pronto para receber a minha sentença, o meu prêmio. A minha vitória.

— Sabe o que pensei essa manhã? — Perguntei, depois que finalizamos o beijo.

— Não faço ideia.

— Que ainda bem que é você a minha vizinha. — Franziu a sobancelha, confusas. — Porque teríamos incomodado o morador ao lado pelo barulho da cama batendo na parede nessa madrugada.

— Seu bobo. — Ganhei um tapa de leve no braço e mais a gargalhada que Julia deu.

— Então é bem provável que o Winchester esteja ainda mais de mal humor. Que vizinhos ruins nós somos. — Constatei, fazendo-a rir ainda mais.

Montamos novamente o berço e tudo foi colocado no seu devido lugar.

Com tudo finalizado, partimos para a casa de Marcelo para buscar Aurora.

Estava ansioso para ter minha filha novamente eu meus braços. Não me arrependia da noite que passei ao lado de Julia, mas sentia uma saudade absurda da minha bebezinha.

Ela estava acordada quando chegamos e meu coração dobrou de tamanho ao vê-la.

Nos despedimos de Marcelo, a quem agradei mais uma vez, e partimos

novamente de volta para o condomínio.

Julia foi sentada atrás, ao lado do bebê conforto de Aurora.

Vez ou outra, nossos olhares se cruzavam através do retrovisor, mas percebi que a maior parte do trajeto, sua atenção estava focada na bebê ao seu lado. Fazendo caretas e conversando animadamente com minha pequena.

Estacionei na minha vaga, saindo e contornando até a porta traseira para tirar Aurora da cadeirinha.

— Posso? — Julia perguntou, ainda dentro do carro, assim que abri a porta, apontando para minha filha.

— Claro. — O meu sorriso se alargou ainda mais com a cena que se seguiu.

Com todo a delicadeza do mundo, ela desprendeu o cinto de Aurora, retirando-a de lá com cuidado.

Caminhamos até entrarmos no nosso bloco, apertando o botão do elevador que nos levaria até o quarto andar.

Assim que entramos, Julia falou:

— Pequena, foi aqui que seu pai e eu nos conhecemos, sabia? — Perguntou para uma Aurora que, mesmo sem entender o assunto que era falado, olhava com atenção para a mulher ao meu lado.

— E foi aqui que ela quase me matou também. — Completei.

— *Shiiuuuuu*. — Me repreendeu com uma careta que só me deu mais vontade de rir. — Não vamos falar essas coisas na frente dela. Eu tenho que parecer uma pessoa fofa. E você bem que mereceu.

— Combinado, senhorita Fofura. — Aproximei das duas, dando um beijo nos cabelos de Julia e um no rostinho de Aurora que me olhou com um sorriso banguela.

Juntos, nós três seguimos para o meu apartamento, num abraço que nos enlaçava com o mundo.

E contradizendo sobre o que falara para Julia mais cedo, eu acreditava no infinito. E aquele abraço, aquele sentimento que eu sentia pelas duas, era um deles.



CAPÍTULO 24

Julia

Os meus dias eram destinados a escrever quando o sol estava presente, visitar a pequena Aurora à tarde com o combo de rever minha querida Joana junto e a noite...

Bem, a noite era de Daniel e minha.

Daniel voltara a trabalhar no escritório há algumas semanas, mas antes me pedira indicação de alguma agencia para contratar uma babá para a filha. E claro que o primeiro nome que apareceu na minha cabeça foi da minha tia do coração.

Na última visita que fiz para ela, alguns dias antes, Joana mencionou que não aguentava mais ficar sozinha em casa sem fazer nada, que a aposentadoria a estava deixando inquieta.

Conversei com ambos que toparam a ideia na hora, principalmente Daniel por ter alguém que eu conhecia – e muito bem – cuidando da sua filha.

E o apartamento do lado tinha virado quase uma casa da mãe Joana. Literalmente.

Com isso, a teria por perto também pelos dias de semana, com os sábados reservados para minha querida tia fazer seu trabalho voluntário no orfanato que tanto gostava de fazer.

Era uma tarde de quarta-feira, estávamos conversando, sentadas no tatame no chão do quarto de Aurora, brincando juntas com a bebê que sorria sem parar para nós encostada em suas muitas almofadas.

Era a minha pequena risonha. O meu presente.

A cada dia, ela nos surpreendia com mais um de seus aprendizados e o tempo passava entre nossos dedos sem notarmos. Na próxima semana, estaríamos comemorando seis meses que ela tinha chegado as nossas vidas.

— Animada para o evento desse fim de semana no Lar? — Joana me perguntou, depois de rir de uma das gracinhas de Aurora.

— Super. — Concordei, pegando a bebê nos meus braços, que esticou as mãozinhas pequenas para pegar na correntinha com o pingente de sol que eu usava.

Há alguns meses, tirei aquele colar da caixa onde ficara guardado por tantos anos. E diferente das outras vezes, não me doeu olhar para o pequeno objeto que representava o meu passado.

Aquele passado que eu tanto desconhecia.

Então, comecei a usar, fechando a última página de alguma mágoa que pudesse ter ficado perdida nesse meio tempo.

O que importava era o caminho que iria seguir, e não o que ficou para trás.

Daniel notou no primeiro dia que usei em meu pescoço. Nunca vou me esquecer do olhar orgulhoso que ganhei, nem do beijo que se seguiu... muito menos do que aconteceu depois.

Estávamos indo muito bem, construindo o nosso infinito a cada dia que passava.

Não tinha dúvidas sobre o que sentia por ele a cada vez que meus olhos se perdiam nos seus, ou quando nos beijávamos com tanta paixão, ou quando nossos corpos falavam por si só e expressavam todo o desejo que sentíamos.

Nossos momentos eram únicos e sempre me faziam ter mais e mais certeza do que meu coração tanto gritava dentro de mim.

Fiquei com elas por mais algumas horas, até que recebi um telefonema importante de Lara e acabei voltando para meu apartamento para responder o e-mail junto com o anexo que me enviara.

Tudo resolvido, aproveitei que estava em frente ao computador para dar seguimento na história da vez, num certo capítulo que estava empacada desde o dia anterior.

Quem sabe nesse novo dia fluísse melhor.

Mas não foi tão fácil quanto imaginei que seria.

Não sei por quanto tempo fiquei ali, encarando o cursor sem conseguir escrever nada. Nem uma única palavra.

Até que suaves batidas na porta do meu escritório me despertaram do meu torpor de falta de criatividade.

Deparei-me com Daniel, encostado no batente da porta, bonito como sempre, vestindo a roupa social de trabalho – tendo tirado apenas o paletó e a gravata – e me olhando com carinho.

Tínhamos feito uma troca de cópias das chaves, dei a do meu apartamento e ele dera do seu, já que achamos que não tinha lógica ficar apertando a campainha um do outro sempre que quiséssemos nos encontrar.

Olhei para o relógio na lateral do monitor e constatei que eram quase oito da noite. Mostrando-me mais uma vez que eu não tinha visto a hora passar.

Nesse tempo todo que permaneci praticamente inerte aqui, Daniel chegara do trabalho, Joana tinha ido embora e Aurora provavelmente tinha dormindo. O que eu pude comprovar ao vê-lo segurando a babá eletrônica numa das mãos.

Na maioria das noites, eu que ia até seu apartamento para termos Aurora sempre por perto, embora ela estivesse a uma parede de distância e o condomínio fosse seguro, ainda optávamos por isso.

— Oi. — Sua voz me embalou de um jeito que sempre conseguia fazer. Mesmo que fosse com apenas uma palavra tão simples e pequena. — Está tudo bem?

— Problemas com os personagens. — Respondi, dando de ombros. — O mesmo de sempre.

Relaxou com a minha resposta, colocando a babá eletrônica na cômoda que ficava ao lado da porta, caminhando lentamente em minha

direção.

— Sem inspiração? — Estendeu sua mão em minha direção. Sem pensar duas vezes, a peguei, levantando-me da cadeira.

— Totalmente sem. — Bufei, impaciente.

— Talvez eu possa te ajudar com isso. Se você quiser, é claro. — Sua boca começou a brincar em meu pescoço.

— Acho que topo a aventura. — Soltei as palavras junto com o ar.

Nem terminei de falar e suas mãos foram de encontro a minha cintura, levantando-me por alguns instantes, até ser depositada sobre a mesa, ao lado do computador.

Escutei o barulho leve de algo caindo no chão, provavelmente o porta-canetas que estava cheio, mas não me importei.

O que me importava era o homem que me segurava contra si e me beijava com total entrega.

Estava até começando a achar que eu realmente teria muito inspiração daqui para frente.

Total inspiração.

Na manhã seguinte, estacionamos em frente ao Lar com uma Aurora bem desperta que me olhava com aqueles olhinhos da cor do céu sem nuvens e com seus cabelos loirinhos como o sol.

A expectativa daquele dia era muito grande. Amava essa época desde criança pelo que representava para mim, mesmo que não tivesse aquele combo completo de um natal em família, mas tinha o natal no Lar que tanto amava.

Entrei na frente para fazer uma surpresa para uma das crianças que ali estava.

— Tia Ju! — Uma vozinha animada me recebeu assim que entrei na sala do Lar dona Luz.

E a mesma dona dessa voz que tanto amava veio correndo em minha direção, pulando no meu colo e me dando um daqueles seus abraços apertados e demorados.

— Tia, você sabia que o Papai Noel vai vir nos visitar essa noite? — Luna, toda sorridente, me perguntou.

— Sei sim, meu amor. Ele sempre vem. — Respondi. — Mas antes do papai Noel aparecer, eu trouxe uma outra visita comigo.

— Quem? — Indagou, entre curiosa e empolgada.

Daniel entrou em seguida, empurrando o carrinho com uma Aurora muito

acordada.

Quando comentei com ele sobre a tradição das minhas vésperas de natais serem no lugar onde cresci, perguntou se poderia vir junto. Daniel já havia mostrado interesse em vir antes conhecer o orfanato, mas com a correria do trabalho e a bebê, a oportunidade ainda não havia acontecido.

Mas dessa vez fez questão de participar, conhecer as demais crianças que lá viviam e rever a Luna que sempre que eu ia lá – *sempre mesmo* – me perguntava dele e da bebê.

— Tio Daniel! — Ela gritou, animada. Do jeito que imaginei que ficaria.

Descendo do meu colo, saiu em direção as duas pessoas que me completavam e me faziam transbordar de amor. Cada um a sua maneira.

Daniel abaixou-se para ficar na altura da pequena que conversava com ele sem parar.

— Como a nossa princesinha cresceu, tio. — Exclamou, aproximando-se do carrinho para poder ver Aurora melhor.

Depois de Luna apresentar os dois para todas as crianças e funcionários do orfanato, partimos para a cozinha, onde um verdadeiro banquete era preparado por Joana junto com as demais cozinheiras Marcela, Antônio e Tereza, que eu chamava carinhosamente de tias também, por mais que as tenha conhecido depois de ter saído do Lar. Mas lá era assim mesmo, tudo uma grande família.

A tarde passou num piscar de olhos, e assim que a noite deu as caras, chegou o momento mais esperado por todas as crianças – e adultos também. Afinal a alegria dos pequenos sempre encantava.

O Lar Dona Luz fazia todo ano uma campanha para conseguirmos arrecadar brinquedos e roupas para todos que moravam ali.

Um papai Noel apareceu para animar os presentes, principalmente as crianças que ficaram encantadas ao ver o bom velhinho entrando.

Sentou-se numa das poltronas que tínhamos reservado para ele, com as crianças sentadas no chão ao redor. Abriu os sacos – sim, conseguimos arrecadar muitas coisas esse ano que não coube em apenas um – e começou a entregar os presentes a cada um.

Os sorrisos que via estampado em cada rostinho ao receber seu presente embrulhado em papel colorido, a expectativa ao abrir – uns com mais cuidado, outros afoitos que rasgavam sem nem pensar – e a alegria ao ver o que tinham ganhado.

Nada, absolutamente nada comprova aquela emoção, aquela alegria,

aquela data que gostávamos tanto de viver.

— Julia Assis. — Seu Roberto, o Papai Noel secreto – pelo menos para as crianças – desse ano chamou pelo meu nome, surpreendendo-me totalmente.

— A tia Ju vai ganhar presente também. — Luna gritou, incitando um coro a ficarem animadas também.

— Venha, Julia. Eu ainda tenho mais entregues de presentes a fazer para mais crianças. — Insistiu novamente.

Andei até onde ele estava sentado, que esticou uma pequena caixinha em minha direção. Peguei-a, sorrindo agradecendo, mesmo sem estar estendendo absolutamente nada.

— O que foi que você ganhou, tia? — Arthur, de seis aninhos, me perguntou.

Abri com cuidado, me deparando com uma caixinha menor e um pequeno envelope lá dentro.

Comecei pela caixinha preta que guardava uma pulseira prateada, delicada e com um pequeno coração ao meio pendurado nela. Depositei a caixinha na mesa ao meu lado – sem soltar a pulseira de jeito nenhum – e abri o envelope que continha um cartão com a letra que eu já sabia reconhecer.

*Venha buscar a outra metade.
Me encontre no jardim dos fundos.
Estamos esperando por você.*

Sorri para as palavras, procurando em volta por Daniel, mas já sabendo que não o encontraria por ali.

— Vai, menina. Ele está te esperando. — Sério que o Papai Noel estava me dando esse conselho? O bom velhinho era cúmplice também?

Sem pensar duas vezes, segui a direção que o bilhete me pedia e aonde meu coração também queria estar. Como se ele estivesse funcionando como uma bússola, me guiando para o caminho certo.

Escutei o coro de crianças animadas atrás de mim. Não duvidava nada que elas também poderiam estar sabendo de tudo.

O encontrei lá fora, naquela noite quente de véspera de natal, com Aurora ao seu lado no carrinho.

— Lembra quando disse, há alguns meses, que tinha certeza do que sentia e que isso não iria mudar? Bem, acho que enganei...

— Se enganou?

— Sim, me enganei. — Disse, aproximando-se. — Aumentou mais. Muito mais.

Com a iluminação da lâmpada da varanda, seus olhos claros estavam quase num tom de dourado, me atraindo até ele. Da mesma maneira que a mariposa ali perto estava encantada com a luz.

Ele era a minha luz junto com aquela bebezinha que eu tanto amava.

Sim, eu amava os dois.

E por mais que esse sentimento me assustava, me deixava completamente encantada, entregue. E eu queria viver isso sem amarras de nada me puxando para outra direção.

— Julia, isso que você está na mão é o meu coração. Não pela metade, mas sim inteiro. Do jeito que ele é, com batidas erráticas e certas, tranquilo e as vezes uma tempestade. Mas sempre seu, completamente seu. Você o aceita?

Ainda presa na miragem dos seus olhos, e com os meus embaçados pelas lágrimas que tentava não derrubar, desviei a atenção para as minhas mãos e estendendo-as para ele.

— Você me ajuda a colocar? — Pedi, quando uma lágrima rolou por meu rosto.

— Sempre. — Ele sussurrou, prendendo a pulseira em meu pulso, levantando-o em seguida para dar um beijo em cima daquele meio coração que tanto simbolizava a nós dois.

Subindo um pouco a manga de seu casaco, eu vi a mesma pulseira em seu pulso, fazendo par com a minha. Duas partes de um coração que se tornava um só.

— Eu te amo. — Percebi que seus olhos também estavam embaçados e coloquei a minha mão carinhosamente em seu rosto.

— Também te amo. Com todo o coração. — Ele sorriu, aproximando o rosto do meu.

Quando selamos nossos juramentos, promessas e votos num beijo apaixonado, pude ter a certeza que aquele era o melhor Natal da minha vida.

E era apenas o primeiro.



CAPÍTULO 25

Daniel

A cena que vi assim que cruzei a porta de casa foi capaz de me renovar completamente.

As duas mulheres da minha vida estavam no tatame no chão, com Julia brincando de fazer barulho na barriga de Aurora que soltava aquela gargalhada gostosa.

Minha filha estava crescendo e o tempo continuava impiedoso conosco.

E ali estava ela, um dia antes do seu primeiro aninho, já conseguindo ficar em pé sozinha e arriscando alguns passinhos.

Foi num dia chuvoso, em que Julia e eu estávamos aninhados no sofá, com a Aurora brincando no chão próximo a Winchester. Gato esse que por

algum motivo que não sei – porque entender aquele felino era complexo demais -, Win saiu correndo e minha filha curiosa como ela só, ficou em pé – o que já tinha acontecido outras vezes, mas ela sempre se sentava depois disso – e deu alguns passinhos incertos, tentando ir atrás do gato fujão.

A maior alegria foi Julia estar por perto e presenciar esse momento junto comigo. Vi nos seus olhos naquele dia, o quanto cada avanço da nossa pequena – porque ela era nossa – a enchia de orgulho.

Daquele dia em diante, Aurora estava com seus pezinhos para lá e para cá, as vezes tombando no chão, mas levantando rapidamente como se nada tivesse acontecido e voltando ao seu caminhar fofo.

Outra coisa que me inflou o peito igual um pavão glorioso foi quando ela falou sua primeira palavra completa.

E com uma emoção muito grande que o seu “papai” foi ouvido por mim e sentido no meu coração.

Cada detalhe, cada aprendizado e conquista era comemorado entre nós três, porque minha bebezinha também comemorava ao seu estilo, seja batendo palminha ou levantado os bracinhos pra cima com um “aeEEEE” gritado por ela.

— Zuzu... — A vizinha de anjo da minha filha me trouxe de volta ao presente. E bem, essa foi a segunda palavra que ela aprendeu, ao chamar a Julia pela primeira vez.

A minha madame do prédio adorava ouvi-la e até se emocionou na primeira vez que escutou, vendo os bracinhos de Aurora estendidos em sua direção.

Deixando-as brincando no quarto, sem anunciar a minha chegada, retornei para a sala.

Olhando ao redor, reparei em todas as mudanças que ocorrera dentro do meu apartamento nesse quase um ano.

As paredes – antes branca – agora exibiam um amarelo clarinho. Julia e eu pintamos há uns três meses, e claro que finalizamos essa arte na cama novamente.

Alguns porta-retratos com momentos meus com Aurora decoravam a sala. Sempre que passava perto de alguns deles, me pegava sorrindo ao recordar do momento que a imagem a minha frente havia capturado.

Em todas as fotografias espelhadas pelas paredes ou em cima dos móveis, Julia esteve presente. Era ela quem registrava o instante para eternizar depois.

Sempre que chamava, ela se esquivava dizendo que era só entre pai e filha, mas claro que também estava inserida naquele contexto. Julia era uma parte do nosso infinito.

Estaria disposto a provar que sempre estaríamos aqui. Todos os dias.

E claro que não podia faltar a foto da família completa, com direito a Winchester toda majestoso em uma das fotografias.

Fui até a cozinha, onde encontrei sobre a mesa os deliciosos e divinos bolinhos de chuva de Joana.

Ela me avisara hoje de manhã que precisaria sair antes do turno, mas Julia se dispôs a cuidar de Aurora quando a sua tia fosse embora.

Queria uma babá e acabei ganhando uma tia postiça também.

Joana cuidava da minha filha com tanto carinho e dedicação, que me fazia compreender o quanto Julia era essa mulher especial que se tornara.

Sempre seria grato por saber que a mulher que eu amava tivesse alguém que cuidou dela desde o começo.

E se minha filha se tornasse como aquelas duas mulheres, eu seria o pai mais orgulhoso da face da terra.

— Aqui está o papai, meu amorzinho. — Como se soubesse que estava pensando nelas – não que fosse uma novidade, é claro – escutei Julia atrás de mim.

— Papá! — Essa sempre era a comemoração que me recebia assim que chegava em casa.

Me aproximei das duas, dando um beijo estalado na bochecha de Aurora, que riu do barulho. E um beijo rápido nos lábios de Julia.

E continuamos nós três, corrigindo, nós quatro – já que Winchester andava livremente pelos dois apartamentos. Agora ele tinha dois reinos para governar – reunidos na sala até escurecer.

Aurora adormeceu no colo de Julia, que a levou para o berço depois de alguns instantes, retornando para a sala e se aninhando em meu peito.

— Está feliz? — Ela me perguntou depois de um tempo em silêncio.

— Completamente. — Respondi, sem hesitar. — Tenho tudo o que me faz feliz aqui, perto de mim. — Depositei um beijo em seus cabelos, apertando-a mais de encontro ao meu peito.

Essa era a minha definição de felicidade.

A mulher que eu amava em meus braços, a minha filha que era um presente valioso para mim dormindo tranquila no quarto e um gato independente para fechar o pacote.

Sim, era feliz. Muito. E sabia muito bem disso.

Meia noite, nós dois fomos até o quarto dar bebê dar um “feliz aniversário” silencioso para ela. A festa e a bagunça seriam mesmo no dia seguinte.

Em imaginar que foi há um ano atrás que descobri ser pai de surpresa, a correria ao hospital e passar por tantas coisas que completavam esses trezentos e sessenta e cinco dias.

Era a primeira vitória. A nossa primeira vitória. E o que me mantinha cada dia mais determinado era a promessa que fizera a minha filha – e a mim mesmo – naquele hospital.

Eu seria um bom pai.

Julia dormiu comigo naquela noite, depois de fazermos amor novamente. Adormecendo primeiro, me dando novamente a oportunidade de admirá-la mais uma vez – eu nunca me cansaria disso – até o sono me vencer também.

O dia seguinte chegou com o nosso sol em forma de garotinha despertando muito animada.

A festa de um ano aconteceria no salão do condomínio, e por volta das dez da manhã, descemos para começar a organização.

O pessoal que contratamos chegaram pontualmente e começaram a decoração. O tema escolhido não poderia ser outro além de sol, ou pedaço do paraíso, já que Aurora era tudo isso.

Marcelo, Lara e Joana chegaram por volta das duas da tarde para nos ajudar com alguns dos detalhes que ficaram pendentes.

Todos se revezavam em brincar com a minha pequena, e tenho certeza que ela estava adorando essa atenção toda que estava recebendo.

Duas horas depois, as pessoas que mais gostávamos estavam presentes conosco para celebrar essa data tão especial.

Além dos amigos que vieram para ajudar, estavam dona Zenaide, os funcionários do Lar, e, claro, as crianças também.

Luna veio me abraçar assim que me viu, sempre chamando por “tio”, indo logo em seguida brincar com Aurora.

Agora que minha filha estava maiorzinha, as duas se entendiam melhor e sempre se divertiam uma na presença da outra. As demais crianças se juntaram as duas com suas vozes alegres e risadas gostosas de se ouvir.

Em um determinado momento, Julia levou Aurora até o banheiro, onde foi para trocar a fralda, aproveitando e colocando nela um vestidinho

amarelo.

O sorriso radiante que deu ao me ver com aquele vestidinho iluminado, poderia ser comparado ao sol mais brilhante de um dia alegre.

As duas vieram na minha direção e estávamos prestes a ir para a mesa para cantarmos o tão esperado “parabéns pra você”, mas de soslaio percebi que tinha alguém na entrada do salão.

Como teria a festa, ficou combinado com a portaria que os convidados poderiam ser liberados sem ser necessário uma identificação ou anunciar a chegada de cada um. Talvez tenha sido um equívoco nosso, porque assim não teríamos sido pegos de surpresa.

Lá, de pé, encostada na lateral da porta estava Laís.

Ela retornara e eu não podia imaginar o que mais poderia acontecer.

Parte 2



Parte 2

*“Você é meu raio de sol,
Meu único raio de sol.
Você me faz feliz quando o céu está cinza.*

*Você nunca saberá, querida, o quanto eu te amo.
Por favor, não leve o meu sol embora.”
(Música: You are my Sunshine – Johnny Cash)*



CAPÍTULO 26

Daniel

Eu não podia acreditar no que meus olhos viam diante de mim. Por mais que tivesse me preparado para isso, fui pego totalmente de surpresa.

A mesma mulher que há quase um ano foi embora daquele hospital, deixando a filha ainda internada, sem nem olhar para trás. Sem nenhum contato, nenhum telefonema para saber como ela estava. Nada.

Seus olhos estavam fixos entre mim e Julia com a Aurora no colo.

Virei-me na direção da mulher que havia roubado meu coração e meus pensamentos, e vi a forma como abraçou a nossa bebê em seus braços. Como se tivesse medo de que a tirassem dela.

Laís se aproximou com passos confiantes, sem deixar de encarar a bebê, que estava distraída brincando com os cabelos loiros de Julia.

— Cheguei na hora certa para a festa. — Falou, assim que chegou perto de nós.

— Hora certa? — Falei o mais baixo que consegui. Não queria chamar a atenção no aniversário de um ano da minha filha. — Acho que você está muito atrasada. Quase um ano.

— Águas passadas, Daniel. — Disse, simplesmente. — Agora estou de volta.

— Até quando? — A pergunta simplesmente escapou.

Laís praticamente negligenciou a filha desde que soube que estava grávida, tendo até cogitado entregá-la para adoção – agradecia aos céus todos os dias por ela ter me procurado.

O meu lado advogado sabia que Laís tinha seus direitos de ver a filha, de ver o que perdeu ao se afastar, mas o meu lado pai – que era o maior – ainda estava indignado pelas atitudes que havia tomado.

Virou-se em direção da mulher ao meu lado com o braço estendido, num pedido silencioso para que lhe entregasse a bebê.

Julia olhou para mim, buscando em meus olhos a resposta do que deveria fazer a seguir. Por mais que a ideia não fosse a minha favorita, concordei com um aceno de cabeça.

E foi estranho ver Laís com Aurora no colo. Essa era uma cena que nunca imaginei ver.

— Oi, bebê. É a mamãe. — Ela sussurrou como se fosse a coisa mais simples de ser entendida. — Sim, sou sua mamãe... e aquele é o seu papai, né?

Minha Aurora não tinha costume de estranhar as pessoas, mas olhou para a mulher que a segurava com uma cara que eu já podia imaginar o que viria a seguir. Seus olhos passearam por nós três, levemente assustados.

— Mamã... — O choro veio logo em seguida. Minha filha esticava os bracinhos na direção de Julia, querendo sair desesperadamente do colo de Laís.

Julia tomou a iniciativa e estendeu os braços, num pedido silencioso para que devolvesse a menina para ela.

— Que é isso, menina. Precisa chorar desse jeito? Eu sou a sua mãe, cadê o respeito.

Meu sangue ferveu nessa hora. Ela não poderia simplesmente voltar e querer que uma bebê já entendesse tudo o que estava acontecendo. Estava prestes a me intrometer, mas Julia acabou tomando a frente.

— Ela está assustada com você. — Julia por mais nervosa que estivesse, sussurrou para que os demais convidados não ouvissem. Embora o choro da bebê tenha chamado toda a atenção para nós. — Me devolve a menina. Agora.

Julia não esperou e tomando iniciativa, pegou minha filha do colo de Laís com cuidado.

Aurora continuou chorando mesmo quando se viu nos braços da mãe que conhecia. Com seus bracinhos gordinhos, ela enlaçou o pescoço de Julia e afundou a cabecinha de cabelos loiros como o sol em seu pescoço.

Nós nunca ensinamos para minha filha que deveria chamar Julia de mamãe. Tanto que ela usava o fofo Zuzu para se referir a ela. Aurora associá-la a mamãe foi natural. Foi a convivência. Foi o amor.

Julia me encarou e percebi tantas coisas em seus olhos, mas a maior delas, era a emoção de ter sido chamada dessa maneira pela primeira vez. Seus olhos estavam rasos ao olhar a pequena em seu colo que ainda chorava e balbuciava o seu “mamã” entre soluços.

Mas também percebi o quanto estava indignada pela forma que Laís a tratara. E a conhecendo como conhecia, sabia que estava se segurando para não dar uma resposta. Por Aurora. Pelo dia especial dela.

E essa atitude fez eu admirar ainda mais a mulher com quem queria tanto dividir a minha vida.

Julia me lançou um olhar e em silêncio, afastou de nós dois, levando uma Aurora mais calma, mas que ainda escondia o rosto em seu pescoço.

— Ela é bem abusada, né? Essa sua namorada intrometida. — Uma voz furiosa soou atrás de mim.

Furiosa? Ela?

— A Júlia está agindo como toda mãe zelosa faz. — Respondi secamente.

— Você diz isso como se eu fosse um perigo para a minha filha. Eu sei cuidar dela.

— Defina cuidar, Laís. — Cruzei os braços contra o peito. Aquele assunto estava me irritando demais. — Porque durante esse ano todo, quem levou essa palavra a sério não foi você.

— Vai ficar jogando isso mesmo na minha cara? — Rebateu, aumentando o tom de voz. Percebi novamente os olhares em nós.

— Vamos conversar lá fora. — Não querendo realmente estragar o aniversário de Aurora, entendi o braço em direção a saída do salão, num

pedido silencioso para que fosse na frente.

Antes de sair, olhei para trás e vi que minha menina estava sendo distraída pela Luna e as demais crianças do Lar. Julia estava por perto, sempre observando a bagunça boa deles e com um sorriso nos lábios.

Com um suspiro, passei pela porta com a cabeça a mil.

— Sério isso, Daniel? Me tirar da festa da minha própria filha?

— Qual foi o motivo da sua volta? — Perguntei, ignorando as suas perguntas. Não iria perder tempo e o que mais queria era voltar lá pra dentro, perto das pessoas que eram especiais para mim.

— Senti saudades da minha filha.

— Só sentiu falta depois de um ano? — Comprimi os olhos.

— É proibido por acaso? — Não respondi. Apenas fiquei encarando-a e esperando uma justificativa que tivesse lógica para o momento. — Me arrependi, Daniel. Quero recuperar o tempo perdido e quero a minha filha de volta. Você vai mesmo me impedir?

— Não, Laís. — Bufe, exasperado. — Você tem os seus direitos e não iria me opor a isso.

— Ótimo! Então quer dizer que eu... — O olhar de Laís se fixou em um ponto atrás de mim, mas o que é que tenha chamado a sua atenção, não a agradou de jeito nenhum. — Porque não chama a sua namorada para se juntar a nós na conversa.

Ao notar a presença de Julia, virei-me rapidamente e encontrando-a na porta completamente sem graça.

— Desculpa me intrometer. — Pediu assim que se aproximou de nós. — Mas as crianças do Lar precisam ir embora e pensei se nós não podíamos cantar parabéns.

Percebi que ela se sentia deslocada naquele cenário, como se sentisse que estivesse atrapalhando. Não queria que pensasse isso, e muito menos que se desculpassem.

Sorri para ela – porque eu não conseguia evitar sempre que olhava para Julia –, enlaçando nossos dedos.

— Se quiser, você pode ficar, Laís. A Aurora é sua filha, e apesar de tudo, não vou te privar de passar esse momento com ela. Mas só te peço uma coisa. — Pausei, esperando ver em seus olhos que entendia a seriedade do meu pedido. — Não quero que tente forçar nada novamente e muito menos que estrague a festinha dela.

Ela concordou em silêncio e nos três retornamos para dentro do salão.

Aurora ficou no meu colo enquanto cantávamos parabéns. Apenas nós dois, mesmo eu tendo chamado com um aceno de cabeça para que Julia ficasse ao nosso lado.

Abaixei com minha pequena e assopramos a velinha, que foi a parte que ela mais gostou do tanto que bateu palminhas ao ver o fogo se apagar.

Joana começou a cortar o bolo, colocando o primeiro pedaço – já no pratinho – na minha mão livre. Essa era uma coisa que tínhamos combinado um dia antes.

— Bem, a Aurora ainda é muito pequenininha para pensar em escolher quem merece ganhar esse primeiro pedaço, mas hoje eu que sou o representante dela. — Risadas preencheram todo aquele espaço. — E não podia ser para uma pessoa diferente do que a mulher que esteve conosco desde o começo. E com a maior certeza do mundo que a minha filha concorda comigo.

Foi preciso apenas um olhar para fosse entendido.

Conosco o silencio era confortável e as palavras eram transmitidas em toques, olhares, sentimentos...

Uma Julia um tanto quanto surpresa veio até nos, pegando o prato e dando um beijo demorado na bochecha de Aurora, que se divertia e muito com as palmas e gritos de “Julia” que os demais convidados faziam.

Quando voltei a olhar para frente, vi Laís saindo apressada do salão.

Não iria impedir a aproximação dela, mas não mudaria a minha vida por causa disso.

E Aurora e Julia eram a minha vida.

Sempre seriam.



CAPÍTULO 27

Julia

— Ansiosa para o evento de lançamento, Ju? — Uma Lara muito empolgada perguntou assim que sentou numa cadeira a minha frente.

Tinha ido a editora naquela tarde para assinar alguns exemplares que seriam enviados para os blogs parceiros.

Foi naquele momento que vi o meu novo livro pela primeira vez. Eu sempre me emocionava com esse encontro – considerava assim – e lágrimas acumularam em meus olhos.

Um doce amanhecer foi o livro significativo que escrevi em toda a minha carreira. Então vê-lo li, quentinho depois de sair da gráfica, e tê-lo em minhas mãos era uma emoção que não saberia definir.

— Muito. Não vejo a hora de chegar. — Respondi, animada. — Só mais duas semanas.

Fiquei por lá por cerca de duas horas, despedi-me de Lara e dos demais que estavam trabalhando e dirigi-me a saída.

Acenei para um taxi que passava e vinte minutos depois estava parada em frente a portaria do meu apartamento.

Os dias estavam calmos desde a semana passada, depois da festinha de Aurora que fomos surpreendidos pela presença de Laís. Mas do mesmo jeito que chegou, se afastou novamente.

Cumprimentei seu Oscar, o porteiro que estava no momento, destravando o portão.

— Dona Julia, chegou um envelope aqui pra você quase agora. Pediram pra avisar que é urgente.

— Para mim? Tem certeza que o número não está borrado que nem da outra vez? — Perguntei, me referindo ao que acontecera há bem mais de um ano atrás, quando uma correspondência de Daniel foi entregue para mim por engano.

Ele riu, lembrando daquela confusão, mas logo respondeu:

— Tenho sim. Dessa vez tem seu nome no destinatário. Tudo certo e sem enganos.

Nos divertimos com a brincadeira, entregando-me um envelope pequeno. Assim que o peguei nas mãos, pude sentir que ele tinha um objeto dentro dele, algo pequeno, fino e retangular. Mas o que poderia ser?

Agradei a gentileza e segui até estar dentro do meu apartamento.

Procurei por Winchester, até encontra-lo deitado em sua almofada no meu escritório. Era tão dono do lugar, que tinha uma almofada para em cada cômoda daquela casa.

Anunciei que havia chegado, mas ele mal se moveu.

Era assim, então?

— Quer um pouco de leite, Win? — Assim que a palavra *leite* chegou aos seus ouvidos aguçados de gato, levantou-se em todo esplendor, espreguiçando-se exageradamente e caminhando em minha direção.

— Gato abusado. — Falei, rindo e encarando aqueles olhos amarelos pidões dele. Ganhando de resposta um miado bem dramático.

Fui para a cozinha sendo seguida por quatro patas saltitantes.

Deixei o envelope no balcão e dei a ele o que havia prometido. Acabei ganhando umas lambidas como agradecimento.

Assim que terminasse com seu pedaço de céu – vulgo, o leite – iria leva-lo para dar uma volta pelo condomínio, mesmo depois do horário de costume. Win deveria estar louco para sair um pouco, já que eu tinha ficado boa parte do dia fora.

Fui até a porta e a abri, deixando uma pequena fresta. Ele adorava isso e quando percebesse, sairia em disparada.

Enquanto esperava, meus olhos recaíram sobre o balcão. Sobre o envelope esquecido em cima dele.

A curiosidade falando mais alto – e como Win parecia muito inspirado em demorar – fui até aquele pedaço de papel e o peguei.

Virei em minhas mãos, constatando que não havia remetente.

Quem quer que seja que havia me enviado, tinha sido entregue pessoalmente ao porteiro.

Rasguei a lateral com cuidado, abrindo-o em seguida e jogando conteúdo na minha mão. Caindo de lá um pen-drive.

Olhei com atenção dentro do envelope se havia alguma carta, papel, alguma pista de quem tivesse me enviado esse presente um tanto quanto diferente. Nada. Absolutamente nada.

Winchester continuava na sua saga, então resolvi ir até o escritório para conferir o que iria encontrar lá dentro.

Liguei o computador e aguardei alguns instantes esperando inicializar. Assim feito, pluguei o pequeno pen-drive preto na entrada e aguardei ser reconhecido.

Cliquei na única pasta que constava e me deparei com um arquivo de vídeo.

Tudo isso estava ficando a cada segundo mais estranho, mas já que tinha chegado até aqui, que mal poderia haver em ir além?

Devia ser um vídeo de divulgação de algum livro meu feito pelo pessoal da editora. Certeza que era isso. E estavam querendo fazer uma surpresa.

Pensando dessa maneira, cliquei no play e encostei em minha cadeira.

O rosto que surgiu não era de ninguém que conhecia e não apareceu nenhuma capa que reconheceria assim que visse.

O que meus olhos viam era uma mulher idosa, com mais de setenta anos, talvez? O mais estranho de tudo isso é que me parecia vagamente familiar.

Mas de onde?

Ficou em silêncio por alguns segundos – foram até que poucos, mas para mim pareceu uma eternidade -, parecendo que se preparava para falar algo

muito importante.

— Julia. — Sua voz soou vacilante, um tanto quanto embargada também. — Não sei se você vai se lembrar de mim, mas ia algumas vezes até o orfanato onde você morava. Meu nome é Isadora Andrade.

A reconheci assim que se identificou. A vó Dora – como gostava de ser chamada – era uma das maiores benfeitoras do Lar Dona Luz.

Me lembro que nos visitava regularmente, interagiu com cada criança e sempre se preocupava em saber se estava bem, como andava na escola e se eu precisava de alguma coisa.

Não a via há um bom tempo. Antes mesmo de ir embora do orfanato, as suas visitas simplesmente cessaram sem nenhuma resposta. Embora ainda continuasse com as suas doações generosas mensais.

Isadora simplesmente se afastou e nunca mais soube nada dela.

Por um instante, fiquei feliz em saber que lembrava de mim, mas por outro lado – aquele que tinha constantemente uma pulga atrás da orelha – estranhava e muito o seu contato depois de mais de dez anos.

— Sei que deveria ter ido pessoalmente para te contar, mas não consigo, Julia. Me considero uma covarde por causa disso. — Abaixou a cabeça, como se desviar o olhar da câmera fosse a mesma coisa se estivesse na minha frente.

Percebi que respirava com certa dificuldade e cheguei a me preocupar se estaria passando mal ou algo parecido.

— Eu tive uma filha, sabe? Uma única filha, a Liliana. Ela era o amor da minha vida e o meu maior motivo de orgulho. Meu marido, pai dela, era um homem autoritário e insensível. Sem coração, como costumava acreditar. Lili conheceu um bom homem, mas eles eram de mundos diferentes. Era assim como Otávio, meu finado marido costumava falar, mas não que levasse isso em conta. Nós sempre tivemos uma situação financeira alta, enquanto o namorado dela era apenas um dos nossos funcionários da casa principal.

Dona Isadora estava me contando a história da vida dela?

— Mesmo sem a aprovação de meu marido, Heitor e Liliana acabaram se casando depois de um tempo, saindo de casa para construir a sua própria família. Desafiara o pai pelo que acreditava ser o mais importante. O amor. — Ela suspirou, nostálgica — Lili era muito feliz e estava ainda mais radiante ao descobrir que esperava um filho, com a alegria compartilhada com Heitor ao saber que seria pai. Meses depois uma linda menininha nasceu, com os cabelos loiros, os olhinhos castanhos e com as bochechas

rosadas mais adoráveis. Ela era a cópia da minha filha. Quando a minha netinha estava para completar dois meses, minha filha e meu genro sofreram um acidente muito grave e... — Ela pausou, soluçando. Reviver essas memórias dolorosas deviam ser muito difíceis. — Naquela noite os perdi e metade do meu coração foi junto, mas ainda restava a outra metade intacta que quem iria preencher seria a minha neta tão adorada. Só que não foi como imaginei. Otávio, que nunca aprovou o relacionamento e nem a bebê que nascera – mesmo sendo sua própria neta –, não queria que ficássemos com a criança. Chegou ao ponto de nos ameaçar. Aquele pingote de vida tão pequena e indefesa já sofria com ódio vindo da sua própria família. Então, acabei fazendo o que julguei ser o melhor para ela... eu... eu a abandonei numa igreja há vinte e cinco anos atrás. Eu abandonei a minha netinha, a pequena Marisol que hoje tem outro nome. Você, minha menina.

Nesse momento tudo que me contou começou a se organizar na minha cabeça, como peças de um quebra-cabeça que estava sendo organizada aos poucos, mas ali, com a palavra-chave, tudo estava montado.

Aquela história que estava contando era sobre mim?

Então aquela senhora era... minha avó?

Ar. Me faltava o ar naquele momento, como se estivesse num local sem janelas, sem portas, sem saída nenhuma e não conseguisse respirar.

Minha visão ficou embaçada e não via mais a mulher na tela do computador à minha frente, embora ainda escutasse sua voz e algumas palavras ou outras.

Escutei mencionar que o marido – meu avô? – Nunca soube o que ela tinha feito com a bebê, ainda mais por ter sido trocado de nome, até começar a associar as visitas que fazia ao orfanato com algo que pudesse ser de interesse pessoal. Contratando as pessoas certas, descobriu e a ameaçou novamente, obrigando-a se afastar.

Pausei o vídeo, voltando novamente desde o início para assistir novamente.

Eu devia ter entendido errado, não era?

Essa história não era minha. Não podia ser.

Assisti e diferente da última vez, não pausei, nem quando cheguei naquele trecho que falara que sim, era eu. Faz um mês que

— Tive um casamento complicado durante anos, tinha medo de ir embora de casa e deixa-lo furioso. Faz um mês que Otávio faleceu, que me vi livre de tudo que me acorrentava. — Seus olhos vermelhos e cheio de lágrimas me

olhavam do outro lado da tela. — Devia ter procurado por você logo em seguida, mas tive medo de como seria recebida. Como disse, fui uma covarde a maior parte da minha vida. Eu sempre cuidei de você, de longe, não deixando nada te faltar, mas acabei não te dando o amor que você tanto merecia ganhar. Queria muito que você conhecesse seus pais, que soubesse o quanto foi amada e querida por eles. Então, quando acabar a minha gravação aqui, não desligue. Fique. Tem umas cenas que você precisa assistir.

A imagem ficou preta por alguns segundos, para em seguida ficar desfocada.

— Será que liguei certo? Está gravando? — Não tinha imagem nítida no começo, apenas uma voz doce que se fazia ouvir.

Ao se afastar da câmera, pude ver a bela mulher que estava a minha frente. Percebi algumas semelhanças e não podia acreditar que aquela imagem era real. E do quanto parecia que estava encarando um espelho e não uma gravação antiga

— Diário de gravidez, primeiro vídeo. — Falou para a câmera, dando para vê-la de corpo inteiro dessa vez. Percebi quando colocou suas mãos em sua barriga plana. — Hoje descobri que eu tenho um sonho maior dentro de mim. Ainda não sei se é menino ou menina, mas o meu coração está exaltante do mesmo jeito. Aqui começo o meu diário para quando você estiver maior, meu bebê, para que possamos assistir juntos, mas já é pra deixar registrado aqui o quanto eu te amo, meu raio de sol.

Os vídeos foram seguindo, até ela anunciar que estava de um pouco mais de quatro meses. E dessa vez, não estava sozinha no vídeo. Tinha um homem junto. O marido dela. Pai da bebê. Meu pai.

— Hoje, meu amorzinho, descobrimos que você é uma menina. O nosso mundo vai ser completamente rosa.

— E você vai ser a menininha do papai. — Aquela era a primeira vez que escutava a sua voz. Tapei a boca com a mão para conter um soluço que veio de dentro.

Mas as lágrimas eu já não evitava mais e elas caíam com vontade pelo meu rosto.

— E já compramos o primeiro presente que iremos te dar assim que você nascer. — Liliana com toda delicadeza, abriu a pequena caixinha em suas mãos, entregando para Heitor que aproximou da tela para mostrar o que era. — Encontramos numa loja e achamos a sua cara.

Uma correntinha prata balançava entre seus dedos, mas mesmo com o

movimento, consegui reconhecer o pequeno pingente amarelo que se destacava.

Um sol. A mesma correntinha que deixaram junto comigo quando fui abandonada.

A mesma que estava usando naquele momento.

Coloquei minhas as mãos sobre ela, como se pudesse sentir o contato com eles também.

— Porque você é nosso raio de sol. — A voz dele continuou, bem próxima da filmadora. Afastou-se em seguida, devolvendo a correntinha para a mulher, e ambos acariciavam a barriga que já despontava sobre o vestido azul que usava.

Ela começou a cantarolar uma música. Sua voz era melodiosa e doce de escutar. Na segunda palavra, já reconheci a música.

Era a mesma que eu cantava para Aurora quando iria coloca-la para dormir. A mesma que cantara quando tivera cólica naquela noite. A mesma que estava escrita junto ao cobertor que estava enrolado em mim, naquela noite na igreja.

Levantei-me rapidamente, sem pausar o vídeo dessa vez, eu queria continuar ouvindo a voz dela.

A voz da minha mãe.

Escutei o barulho de algo caindo no chão e se quebrando com a queda. Virei-me e vi um dos enfeites de cristal que decorava a minha mesa em cacos espelhados pelo chão.

O meu coração estava do mesmo jeito.



CAPÍTULO 28

Daniel

Entrei no elevador empolgado como há muitos dias não me sentia.

Joana me deu a ideia de aproveitar uma noite com Julia e até levou Aurora para sua casa depois do almoço.

Tinha mandado uma mensagem de manhã para minha garota avisando que teria uma surpresa e que estivesse pronta as nove horas.

Assim que saí do elevador e vi a tão desejada porta do meu apartamento, estanquei.

No tapete, sentado todo ereto, estava Winchester que tinha os olhos focados em mim.

— E aí, amigão. — Diferente da outra vez, não se levantou e veio se esfregar nas minhas pernas e nem ronronou, como se quisesse alguma coisa

em troca. Mas ficou apenas ali me olhando. — O que foi?

Está certo que um gato não ia começar a conversar normalmente para responder a minha pergunta, mas tinha pegado a mania de Julia de falar com ele.

Ao pensar em sem nome, instintivamente virei minha cabeça em direção a sua porta.

Foi aí que eu vi algo estranho. Ela estava entreaberta e isso era raro de acontecer, por mais desligada que pudesse ser.

Como se tivesse percebido o que passava pela minha cabeça, Win começou a miar sem parar, levantando-se e voltando para sua casa, mas parando na porta como se tivesse mandado que o seguisse.

Entrei, chamando por Julia, mas ela não respondeu. Cheguei a pensar por alguns instantes se tinha saído e esquecido mesmo a porta aberta. Ou a hipótese mais possível de que tivesse descido para encontrar Winchester e esse gato esperto tinha voltado sozinho, ocorrendo o desencontro.

Estava cogitando a ideia de descer e procura-la pelo condomínio, mas um ruído me deixou em alerta.

Como se fosse um soluço abafado junto com um gemido choroso. Win estava seguindo em direção a esse som e, eu, alarmado, fui atrás.

A cena que encontrei assim que cheguei a porta do escritório de Julia poderia facilmente ter me destruído por dentro. Se é que realmente não me destruiu.

Julia estava sentada no chão, encostada na parede que estava vazia, abraçando os joelhos e com o rosto escondido entre eles.

Com dois passos me aproximei da onde estava, me ajoelhando a sua frente.

— Meu amor, o que foi? — Com uma mão afaguei os seus cabelos. — Ei, Ju, olha pra mim, vai.

Estava entre o limiar de preocupação e desespero.

Olhei ao redor e vi seu computador ligado com o descanso de tela e logo ao lado, cacos de vidro pelo chão. Outro medo me deixou em alerta.

— Você se machucou? — Sussurrei, cuidadosamente retirando suas mãos de suas pernas e examinando-as.

Soltei um suspiro de alívio ao ver que não tinha corte algum, mas mesmo assim, Julia ainda não tinha reagido.

— Amor, me deixa ver seus olhos de chocolate... por favor... — Implorei. Eu poderia continuar implorando pelo tempo que fosse preciso.

Mas não foi necessário.

Julia levantou a cabeça lentamente, endireitando o corpo e o encostando na parede, e, enfim, olhou em meus olhos.

E o que vi ali, refletidos, foi como se uma mão tivesse pegado meu coração, o apertado até virar pó e ser levado pelo vento.

Um soluço irrompeu de seu peito no momento em que se jogou em meus braços, voltando a chorar compulsivamente.

A apertei contra mim com todo o cuidado e amor, como se tivesse segurando o mundo. E realmente estava.

Winchester se aproximou de nós devagarzinho, sondando o território. Percebendo o quanto sua dona estava triste, parou ao lado dela, miando baixinho e esfregando-se no corpo de Julia. Como se quisesse mostrar e dizer que estava ali também.

E assim permanecemos nós dois, tentamos consolar a mulher que amávamos mesmo que fosse com nossas presenças, nossos abraços e nossos silêncios.

Só queria que ao invés dos cacos quebrados próximo a nós, eu fosse capaz de colocar cada um que estava quebrado dentro dela. Reconstruir pedaço por pedaço do seu coraçãozinho.

Ela não me contara o que a tinha deixado naquele estado, e não insisti. Apenas fiquei lá, abraçando-a até que seu choro foi diminuindo e restando apenas os soluços baixinhos.

Acariciou os pelos de Win, que permaneceu do nosso lado o tempo todo, até que levantou-se alegando que ia tomar banho.

Apesar de querer muito saber o motivo de sua tristeza, iria respeitar o seu tempo até ela achar que seria necessário me contar.

Mas já poderia garantir que se alguém tivesse feito alguma coisa a ela, não iria deixar passar impune.

Nem que fosse com uma conversa, uma ameaça e até um processo.

— Desculpa, acabei estragando a surpresa que você estava preparando para mim. — Falou assim que saiu do banheiro, com os cabelos molhados e vestindo um vestido leve e florido.

— Você não estragou nada, amor. — Me aproximei, enlaçando sua cintura e plantando um beijinho rápido em seu nariz. — Até porque a sua surpresa era a minha companhia. E olha eu aqui com você.

— Do meu lado e me abraçando. — Colou sua cabeça no meu peito e eu estreitei meus braços ao redor do seu corpo.

— Sempre. — Garanti como uma promessa. Porque realmente era.

Beijeí seus cabelos molhados e me perdi no cheiro doce que seu shampoo exalava.

Os planos iniciais era levar Julia para jantar fora, num restaurante com moosa italiana que sabia que ela gostava, mas o que mais importava era saber que ela estava bem. E iria me assegurar disso.

Certo que eu não era um super chef italiano, mas também não era dos piores.

— Agora deixe-me cuidar de você, tudo bem? — Perguntei assim que nos desprendemos dos braços um do outro. Assentiu, esboçando ainda um sorriso pequeno, mas que já me deixava motivado a continuar mais e mais, até conseguir um completo.

Preparei uma penne à molho branco, que pela expressão de Julia e o gemido de satisfação, estava mais do que aprovado.

Quando terminamos a refeição, neguei a ajuda para arrumar a cozinha, alegando que era parte da surpresa e que poderia me esperar no sofá.

Fiquei poucos minutos entre lavar, secar e guardar a louça. Quando retornei para a sala e a encontrei adormecida deitada no sofá, com o seu gato preto que fora tão companheiro nesse dia, aninhado ao seu lado, mas esse estava bem acordado.

Passei alguns segundos observando-a ali, parecendo tão serena, tão tranquila e queria que fosse assim também quando estivesse acordada.

Com todo o cuidado, levantei-a do sofá e a levei para o quarto, abrindo a porta com o pé no maior silêncio que pudesse fazer.

Coloquei-a delicadamente na cama, estava prestes a me afastar apenas para acender o abajur, mas a mão de Julia me deteve.

— Fica comigo. — Pediu, com a voz um pouco sonolenta.

— Não tinha planos de ir para lugar algum. — Assegurei, dando a volta na cama e deitando-me ao lado dela.

Julia se aninhou ao meu peito e permaneceu em silêncio, fazendo-me acreditar que havia pegado no sono novamente, mas um suspiro se fez pesado antes dela começar a falar:

— Descobri sobre a minha família. — Sua voz era baixa, um pouco mais alto que eu sussurro.

— Como assim, amor? — Indaguei, fazendo carinhos no seu cabelo, que eu sabia que era uma coisa que gostava.

Ao tocar naquele assunto, cheguei a me surpreender, porque pelo que me

alegara, não tinha provas e nem documentos que a podiam auxiliar a encontrar sua família se acaso um dia quisesse.

Winchester pulou na cama, aninhando se aos nossos pés e lá ficou. Imaginei que não demoraria muito para que aquele gato caísse no sono.

— Eu recebi uma encomenda hoje... — Julia começou, um tanto insegura para falar, como se tivesse medo de colocar em palavras.

Permaneci em silêncio, abraçando-a o máximo que eu consegui.

Conforme ia me contando toda a história, desde a senhora que descobrira ser sua avó, dos motivos que levaram a ser abandonada até os vídeos que seus pais estavam fazendo, percebia o quanto aquela mulher era forte.

Havia passado por tantas coisas, fizera uma descoberta nesta tarde, mas estava lá, recolhendo os próprios cacos e colocando-os no lugar ela mesma.

Queria estar ao seu lado sempre para ampará-la quando necessário e demonstrar todo o amor que ela merecia.

Todo o amor infinito que ela sempre irá merecer.



CAPÍTULO 29

Julia

Eu era uma mulher de sorte.

Não sei se esse seria o termo ou a palavra certa para usar.

Mas era a única que conseguia encontrar no momento. Tinha um homem que me amava e uma bebê linda, que por mais que não tivesse nascido de mim, o meu coração a adotou com todo o amor do mundo.

Essa semana passou de um jeito diferente.

Com o passar dos dias que fui assimilando melhor aquele vídeo que tinha assistido. Nunca imaginei que um dia encontraria respostas para as perguntas que tinha tanto medo de fazer para a vida.

Ainda não tinha tomado a iniciativa de procurar pela minha avó.

Minha avó...

Meu Deus, eu tinha uma família. E isso me assustava de uma maneira que não conseguia calcular.

Agora sabia dos motivos que levaram a escolha feita há vinte e cinco anos atrás, mas ainda assim tinha um receio, um medo do que encontraria se seguisse por esse caminho.

Sabia que não estaria sozinha, mas acreditava que o tempo seria o melhor conselheiro e companhia para isso.

O sol estava começando a se pôr quando saí da editora. Era a última reunião para o lançamento do meu próximo livro que aconteceria na semana seguinte.

Desci do taxi em frente a portaria do condomínio, pagando pela corrida, e não percebi que havia alguém prestes a tocar o interfone da portaria.

Só notei a presença quando ouvi meu nome sendo chamado por uma voz feminina ao meu lado.

— Julia, será que podemos conversar?

Laís nunca mais apareceu depois da festa de aniversário de Aurora, há duas semanas.

Tanto Daniel e eu estávamos achando que ela tinha ido embora mais uma vez, mas pelo jeito tínhamos nos enganado.

— Vamos entrar e conversamos no meu apartamento? — Convidei.— Não pode ser em outro lugar? — Ela hesitou. — Bem, você é vizinha de Daniel. Não quero correr o risco de encontra-lo.

— Podemos conversar aqui no condomínio mesmo, perto do parquinho das crianças. Não é caminho para o nosso bloco.

Laís concordou e entramos juntas, virando ao lado contrário da onde ficava meu apartamento.

Estava curiosa para saber qual era o interesse dela em conversar comigo – e evitar esbarrar em Daniel também. Caminhamos por volta de quinze minutos em completo silêncio.

Até tentei puxar algum assunto no trajeto, mas Laís não respondia, deixando claro que só iríamos conversar quando chegássemos ao nosso destino.

Aquela mulher era um mistério.

O playground estava com umas cinco crianças, acompanhadas por responsáveis, correndo e brincando.

Acabamos sentando numa parte mais afastada onde não tinha ninguém por perto.

— Olha, Julia, não sou fã de rodeios e pretendo ser direta. — Falou assim que sentou.

Como se ela estivesse engasgada eu quisesse botar todas as palavras para fora o mais rápido possível.

— Pode começar. — Incitei.

— Eu quero Daniel e Aurora de volta e você está me atrapalhando. — Falou, na lata.

De todos os assuntos que ela poderia me falar, esse era o que menos passou pela minha cabeça. Ainda mais no tom acusatório que dirigiu a mim.

Como se eu estivesse fazendo alguma coisa errada.

— Oi? — Tinha entendido, mas aceitar as suas palavras eram outra história.

— Pessoas erram e se arrependem. Percebi meu erro e agora quero recuperar o tempo perdido.

— Ele me contou que vocês nem chegaram a de fato namorar, mas acabou rompendo alegando que iria embora da cidade e...

— Os motivos só dizem respeito a nós dois. — Me impediu de continuar.

— A partir do momento que estou envolvida na história até o pescoço, diz respeito a mim também. — Rebatí. — A vida não é assim, Laís. Com você entrando e querendo sair a hora que quer.

— Ainda mais quando se tem alguém como você para atrapalhar ainda mais. — Acusou.

— O que você realmente quer comigo, Laís? Jogar toda a sua frustração em cima de mim? Teve esse trabalho todo de me procurar apenas para isso?

— Só quero que você saiba que voltei para recuperar com objetivos e pretendo alcançá-los.

— Já parou para pensar que eles não são objetos para serem recuperados dessa maneira. E se o Daniel não quiser você? — Notei que a minha pergunta a deixou ainda mais alterada, fazendo-a me olhar como se eu fosse um inseto e pudesse me matar facilmente.

— Ele vai querer sim. Principalmente quando você sair da vida dele.

— E por que você acha que isso vai acontecer? — Levantei-me. Não conseguia mais ficar sentada quieta.

— Você conseguiria ser feliz em saber que seria o motivo de afastar Aurora de Daniel?

— Eu não seria motivo nenhum. — Devolvi, começando a perder a paciência. — Você não vai conseguir separar pai e filha.

— A não ser que ela não seja realmente filha dele. — Revelou como se fosse uma coisa simples, sem importância. E não um assunto que poderia mudar toda uma história.

— O que? — Indaguei, perplexa.

— Para uma escritora, você é bem lerda em captar as palavras. — Falou com desdém. — Aurora não é filha de Daniel e posso provar. Com isso, o fato da guarda vir para mim pode ser maior.

— Você não pode estar falando sério.

— Estou e muito. — Levantou-se também, com a cabeça altiva. — Se eu entrar na justiça, a chance de ganhar é muito grande, ainda mais com esse trunfo na manga. Agora... se você se afastar deles... Daniel volta para mim e seremos a família que deveremos sempre. Nós três.

— Não consigo acreditar no que estou ouvindo. — Alterei-me.

— A escolha é sua, Julia. Não precisa dar a resposta agora, mas deixe a sua consciência pesar. Será que você seria feliz sabendo que separou eles dois? Tem que pensar nos meus sentimentos também.

— Que sentimentos? Você é oca por dentro, Laís. — Com estávamos num canto que a iluminação era bem parca, provavelmente ela não via o quato meus olhos crispavam em sua direção.

Ela veio até mim como um furacão, levantando a mão em direção ao meu rosto, mas fui mais rápida.

Impedi seu movimento segurando seu pulso.

— Você pode me ameaçar, chantagear, mas em mim você não encosta. — Disse, olhando em seus olhos com toda a raiva e indignação que sentia.

Ela retirou a mão com rispidez, afastando-se de mim, mas antes de ir embora, continuou:

— Só espero que o fato de você não ter tido uma família não implique em querer destruir outra.

Sem esperar por uma resposta, Laís me deu as costas, afastando-se em direção a portaria.

Ela tocou exatamente numa das minhas feridas que ainda não estava cicatrizada.

Não conseguindo mais ficar parada, comecei a caminhar pra tentar espairer.

Conforme meus passos se aproximavam do bloco que morava, lágrimas

começavam a cair.

Isso não podia estar acontecendo.

Caminhei até o meu apartamento com os meus pensamentos duelando dentro de mim.

Ela devia estar mentindo, não é? Laís não era uma pessoa confiável, mas e se...

E se estivesse falando a verdade e realmente cumprisse a ameaça que fez.

Por mais que eu fosse morrer por dentro – porque sabia que iria –, precisava fazer alguma coisa. Precisava impedir que isso acontecesse.

Entrei no elevador louca para chegar em casa onde eu teria meu espaço e meu silêncio para pensar.

Estava apenas a um girar de chave e maçaneta para me ver dentro da segurança do meu lar, mas uma voz me fez sobressaltar.

Aquela voz...

Que seria capaz de reconhecer de olhos fechados. Que sempre fazia meu coração bater mais forte como se quisesse sair do meu peito e ir de encontro ao seu.

— Julia, que bom que você chegou... — Continuei na mesma posição. Ainda em dúvida sobre o que teria que fazer. — Vim agora pouco te procurar porque queria muito que você visse algo que a Aurora fez agora pouco.

E foi ali. Com a menção do nome da filha que tanto amava, sentindo o orgulho em sua voz por mais uma conquista daquela pequena que aceitei a sentença que me seria imposta.

Respirando fundo, virei-me em direção de Daniel, tentando parecer o mais natural possível. Mesmo sabendo que falharia miseravelmente.

— O que aconteceu, amor? Você estava chorando? — Deu dois passos em minha direção, com o semblante preocupado.

Aquele homem me conhecia bem demais.

— Será que a gente pode conversar? — Pedi, com a voz baixa me rasgando por dentro.

Percebi o quanto minhas palavras o haviam deixado confuso, mas não hesitou em concordar, mesmo que em silêncio.

Esticando o braço, Daniel esperou até que eu entrasse primeiro em seu apartamento, sendo seguida de perto por ele.

— O que você queria me mostrar? — Tentei desconversar, ganhar tempo. Só queria evitar que chegasse o momento.

— Posso falar sobre isso depois. — Disse, compreensivo. E colocando a

minha preocupação em primeiro lugar. — A Aurora até já dormiu.

Olhei o relógio em meu pulso, conferindo que já passava das sete da noite. Nem notei que o tempo havia passado. Não sei por quanto tempo fiquei caminhando sobre o condomínio.

Estava tudo escuro dentro de mim, que a escuridão da noite me faria companhia.

Ele se aproximou devagar, pé ante pé, diminuindo a distância que existia entre nós.

— Estou preocupado com você, Ju. — Sua mão era uma doce carícia de encontro ao meu rosto. — Eu posso te ajudar de alguma maneira?

— Pode sim. — Soltei num suspiro pesado. — Só me beija... por favor...

Daniel não perguntou mais nada e fez exatamente o pedi.

O beijo veio urgente, sôfrego e aproveitei tudo que podia. Seus braços me envolveram num abraço apertado e eu afundei minhas mãos em seus cabelos escuros.

Quando terminamos, permanecemos com a testa colada por alguns instantes.

Fui eu que tive a iniciativa de me afastar, olhando para baixo. Para o meu pulso que pendia a pulseira que tinha tanto significado para mim.

Tanto significado para nós.

Para a mesma pulseira em conjunto que ele nunca deixou de usar.

— Dan... — Engoli o nó na minha garganta, procurando encontrar a minha voz. — Sinto muito.

Desprendi a correntinha, levantando o braço e entendendo a pulseira para ele.

— O que foi que aconteceu? — Indagou, perdido.

— Preciso de um tempo para pensar. — Falei num fôlego só. — As coisas aconteceram muito rápido e não sei se é o que quero.

— Por que está me devolvendo a pulseira? — Sua voz era triste e a vontade de abraça-lo tornou-se gigantesca.

— Eu não mereço ficar com metade do seu coração, Daniel. Não sou a pessoa certa.

— E você acha que devolvendo vai resolver alguma coisa? Você não tem apenas a metade dele. Tem por completo.

— Por favor... só pegue. — Disse, estendo o braço para ele, que depois de alguns segundos de hesitação pegou a pulseira para si. — Só preciso de um tempo... e gostaria que não me procurasse por enquanto.

Sem conseguir dizer mais nada, saí até estar dentro do meu apartamento, passando a chave na porta e encostando-me nela.

Foi o tempo suficiente para batidas determinadas retumbarem as minhas costas.

— Julia, abre a porta, a gente precisa conversar. Você não pode me deixar assim no escuro... por favor.

Ouvi-lo implorando com a voz despedaçada, do outro lado, me destruía mais por dentro.

Desci deslizando pela porta, sentando no chão.

Naquele momento, eu também tinha a certeza que não era a minha metade que tinha devolvido para ele.

Era meu coração completo também.



CAPÍTULO 30

Daniel

Fazia sete dias que tudo tinha mudado. Que a vida feliz que nunca imaginei ter - e que ganhei de presente - tinha escorregado entre meus dedos sem nem me dar conta.

Uma maldita semana que me sentia o mais inútil dos homens, como se tivessem me jogado num redemoinho e não conseguisse mais sair de lá.

Tentei conversar depois, mas as minhas mensagens não eram mais respondidas. Quando tocava sua campainha, não vinha mais abrir.

Julia se afastara da minha vida e da de Aurora como se fechar a porta – literalmente – fosse tão simples.

Depois do impacto que suas palavras me causaram naquele dia – e das sensações que a acompanharam –, coloquei minha cabeça no lugar para tentar

entender a situação.

Não podia acreditar que tudo que tínhamos vivido nesse tempo todo não fosse especial para ela também. Eu via o quanto seus olhos brilhavam com cada coisa nova que Aurora fazia. Reparava também o jeito que olhava para mim. Sempre reconheci o que encontrava ali.

Porque era a mesma coisa que eu sentia. Era o mesmo sentimento espelhado.

Dando por finalizado o dia de trabalho, retornei para casa no automático, detendo meus olhos no apartamento de Julia assim que saí do elevador.

Ela me pedira para respeitar seu espaço, por isso não queria ser invasivo. Mesmo que me corresse de vontade de bater naquela porta – só mais dois passos largos e eu estaria de frente a madeira que nos separava -, não queria forçar a barra.

Com esse pensamento e um suspiro derrotado, dirigi-me a porta – a minha mesmo, infelizmente – e destranquei, na minha casa.

Tudo estava silencioso e podia apostar que Aurora já tivesse dormindo. Tive a confirmação assim que vi dona Joana saindo do quarto de minha filha.

— Ela acabou de dormir, seu Daniel. — Sorri pela maneira que se dirigiu a mim. Por mais que já tivesse pedido, liberado, implorado para que não usasse o termo senhor ou seu, ela era irredutível. — E chegou uma correspondência para o senhor, o porteiro veio me entregar de tarde, deixei em cima do balcão.

Bem, foi ela que conviveu com a Julia desde pequena. Por isso estava explicado de onde tinha puxado tanta teimosia.

Aproximei-me da mulher que se tornara não apenas a babá da minha filha, mas uma pessoa especial na minha vida. Via nela muito da minha mãe. A mesma generosidade, simplicidade e carinho que sempre distribuía.

— Está tudo bem? — Joana questionou assim que me afastei.

Ao invés de responde-la devidamente, uma outra pergunta passou na frente e acabou saindo sem nem pensar direito:

— Ela está bem? — Para deixar ainda mais claro sobre quem estava falando, mesmo que não fosse necessário, apontei a cabeça em direção a parede. Ao apartamento ao lado.

— Está igual você. Até parece que vocês combinaram de ficar com a mesma cara tristonha.

Saber isso não me deixou muito bem. Nada bem.

— Vou falar para você a mesma coisa que falei para a minha menina. Posso? — Pediu, dando seguimento a conversa. — O amor não tem um tempo certo de acontecer, ele apenas é. Dois corações apaixonados que estão destinados a ficarem juntos, uma hora ou outra encontra o caminho certo.

Joana despediu-se de mim e foi embora, mas suas palavras continuaram ecoando tanto pela sala quanto dentro de mim.

Fui silenciosamente até o quarto da minha filha e fiquei alguns minutos lá parado, vendo-a dormir tão tranquilamente.

Era Aurora que iluminava os meus dias, os últimos ainda mais. Desde a primeira vez que a vi, sempre soube que ela seria minha luz.

O Sol.

Como Julia costumava falar.

O interfone gritou lá da sala, e mais do que depressa fui para atender antes que a bebê acordasse assustada.

Pensei que poderia ser Marcelo, talvez me trazendo alguma coisa que tenha esquecido no escritório. Mesmo que não tivesse dado por falta de nada.

De todas as possibilidades – que não era muitas –, ser Laís lá embaixo na portaria aguardando liberação para subir era uma surpresa e tanto.

A última vez que a vi fora no aniversário de Aurora.

Autorizei a sua entrada, tentando imaginar qual seria o assunto que a traria aqui dessa vez.

— Boa noite, Daniel. — Cumprimentou, com um sorriso no rosto, assim que abri a porta. Fiquei confuso pela felicidade toda.

— O que está fazendo aqui, Laís? — Indaguei, indo direto ao ponto.

— Eu queria conversar com você. Será que posso entrar? — Seus olhos passaram para dentro do meu apartamento como se estivesse procurando alguma coisa. Será que era pela filha? Afastei-me da porta para que pudesse entrar. — Sua namorada está aqui?

Franzi o cenho, confuso. Porque a curiosidade em saber se Julia estava ou não na minha casa?

Para não continuar a conversa no hall, abri mais a porta para que ela entrasse.

Não devia satisfação da minha vida, por esse motivo não mencionei que tínhamos terminado. Era uma informação que ela não precisava saber.

— Ela não está. — Respondi, simplesmente.

— Certo. Eu vim para te entregar algo. — Ela abriu a bolsa e me

estendeu um papel retangular. — É o cartão do meu advogado, caso você queira entrar em contato.

— Para que? — Perguntei, pegando o pequeno papel retangular.

— Quero a minha filha. — Comentou, decidida.

— E já quer ir nessa direção, sem primeiro conversar comigo? — Questionei, complexo.

— Bem, recado dado, Daniel. Vim apenas para isso. — Virou-se, caminhando em direção a porta.

— Não vai nem perguntar sobre a sua filha? — Tentei falar o mais baixo que pude. Por mais que tivesse fechado a porta do quarto de Aurora, temia que se falasse mais alto – na vontade que eu tinha no momento – ela poderia despertar.

— Imagino que esteja dormindo, acertei? — Questionou, ainda de costas para mim. — Só para avisar também que estou hospedada no Hotel Nacional, aquele aqui perto.

Tomando o meu silêncio como resposta, Laís abriu a porta e saindo de lá quieta.

Encarei o cartão em minha mão, amassando aquele pedaço de papel, jogando-o na lixeira da cozinha.

Que Laís e o advogado – que eu não me dei nem ao trabalho de ver qual era o nome – fossem para o inferno.

Me joguei no sofá, percebendo que a caixa estava ali, quase esquecida ao meu lado.

Era de uma livraria muito conhecida, e pelo que eu me lembrava, tinha comprado apenas um livro há um tempo quando entrou em pré-venda. Então já podia imaginar qual era o seu conteúdo.

Levantei-me apenas para buscar uma tesoura, retornado rapidamente porque estava muito ansioso para ter aquele livro em mãos.

Abri com cuidado, com medo que um gesto mais brusco meu pudesse danificar.

Eu podia apostar que meus olhos brilharam assim que finalmente o retirei lá de dentro.

Recordava de cada conversa que ela dividiu comigo sobre essa história.

Passei a mão delicadamente pela capa, demorando-me mais na parte que estava o seu nome.

Um doce amanhecer.

Meus olhos se fixaram naquele título tão significativo para mim. Para nós

Levei-o ao quarto, na intenção de ler alguns capítulos antes de dormir. Era um jeito de ela estar comigo. Pelas palavras.

Mas assim que abri o livro e virei na primeira página, não consegui seguir adiante.

Meus olhos se fixaram no pequeno texto que tinha na dedicatória. E meu nome saltou para mim.

Dedico ao meu sol e ao meu furacão.

Obrigada por sempre iluminarem e agitarem os meus dias e que se repita todos os dias. Para sempre.

Aurora, quando você crescer e aprender a ler, espero que entenda o poder das palavras. Que sua vida seja sempre regada de muito amor, minha pequena.

Daniel, meu deus do elevador, que nossos corações entrelaçados sempre batam em sintonia. Mas saiba que o meu sempre estará a sua espera e indo ao seu encontro.

Amo vocês daqui até o sol. Ida e volta.

Reli duas vezes, absorvendo cada palavra ali escrita. E as coisas começaram a fazer sentido...

Desde a visita surpresa de Laís até o ocorrido na semana passada.

Sem pensar duas vezes, peguei meu celular procurando na agenda o contato de Marcelo.

Estava na hora de fazer essa sintonia nossa reavivar nossos corações.

Só esperava que não fosse tarde demais.



CAPÍTULO 31

Julia

Aquela noite estava sendo tão diferente dos meus últimos dias.

Não havia silêncio e solidão. Pelo contrário. E não poderia estar mais do que grata por isso.

Não aguentava mais me sentir sufocada dentro da minha própria casa, sabendo que meu coração estava além daquelas paredes.

Sabia que aquela noite era destinada a carinhos e sorrisos. Por mais que não estivesse com muitos motivos de sorrir, os meus leitores mereciam e era por eles que iria me alegrar.

Era o evento de lançamento de um livro que eu tinha começado a escrever há cerca de um ano e finalizado alguns meses depois, mas acabou tendo a publicação adiada para bem mais para frente.

Eu amava todos os livros que escrevi, mas aquele tinha um sabor mais especial. Além de ser a história mais significativa que mergulhei em dar vida aos personagens ali contidos.

Tinha imaginado aquele lançamento de tantas formas diferentes, mas nunca do jeito como as coisas vinham caminhando ultimamente.

Conversei com quem admirava meu trabalho, o que me motivava cada vez mais. A cada abraço sentia a entrega de carinho que vinham até mim. Hoje, meus leitores eram a minha salvação.

Atendi a última garota da fila que veio toda sorridente e a reconheci assim que vi seu rosto. Era uma das minhas leitoras que me acompanhavam desde o começo e sempre a reencontrava nos meus eventos.

Agradei novamente por toda o apoio, tiramos nossa foto e a abracei bem apertado, despedindo-me logo depois.

Faltando menos de uma hora para a livraria fechar, a gerente me pediu para autografar mais alguns exemplares – sem serem nominais – que iriam ficar disponíveis para a venda nos próximos dias.

Estava concentrada e não percebi que alguém se aproximava.

— Cheguei tarde? — Parei de súbito ao reconhecer aquela voz que tanto me fizera falta nos últimos dias. A minha voz de trovão.

Levantei a cabeça lá estava ele me encarando com aqueles olhos que eu aprendi tanto a amar.

Reparei que estava com uma camiseta social branca aberta no primeiro botão e sem a gravata. Provavelmente tinha vindo logo após chegar em casa.

— Você pode autografar para mim? — Pediu, e eu apenas assenti com a cabeça sem conseguir formular uma resposta decente.

Com a mão um tanto quanto hesitante, assinei seu exemplar e devolvi em seguida.

Realmente não esperava que comparecesse essa noite, ainda mais depois dos últimos dias. E vê-lo ali, lindo como a pior versão do inferno, com seu olhar a me queimar, era uma tortura para mim.

Deus, como eu senti falta daqueles olhos.

— Obrigada por ter vindo. — Consegui encontrar minha voz que estava perdida dentro de mim.

— Queria muito fazer parte desse seu momento.

Mas ele fez. De cada parte da construção dessa história.

Sua voz conseguiu me abalar internamente. Minha vontade era ignorar todas as palavras e ameaças que Laís me fizera na semana passada, me jogar

em seus braços e continuarmos a nossa vida de onde tínhamos parado.

Mas não podia fazer isso com ele.

Daniel era um pai devotado e eu jamais iria ser um motivo para que afastassem de sua filha.

O preço que iria pagar seria o meu coração destruído, mas isso era algo que poderia aceitar. Nem que demorasse muito para recolher os cacos e colá-lo novamente, ele sempre iria bater por eles. Daniel e Aurora.

— E como está a pequena? — Perguntei, realmente interessada em saber.

— Muito bem. A deixei na casa de Marcelo para poder vir aqui.

Sorrindo, estiquei o livro para que pegasse novamente. Ele, por sua vez, sem tirar os olhos de mim, entendeu ambas as mãos para frente. Uma delas segurou o livro que estava estendido em sua direção; a outra foi de encontro a minha mão livre que estava ao lado do meu corpo.

O primeiro toque foi hesitante, apenas um encostar, mas já foi capaz de mexer muito comigo.

Talvez percebendo que eu não fosse me afastar, sua mão engoliu a minha, entrelaçando nossos dedos.

— Julia, eu...

— Julia, tudo encerrado por aqui? — Assustada e despertada da bolha que estivera até poucos segundos atrás, puxei minha mãe de volta e Daniel pegou o livro para si. Olhando para trás, vi a dona da editora nos observando, confusa.

— Quase, Maria. Faltam apenas mais dois livros.

— Ótimo, querida. — Ela sorriu para mim. — Lara foi embora há alguns minutos, vou só esperar você terminar e encerramos o dia.

Concordei e voltei minha atenção para Daniel que apenas acenou com a cabeça e, sem falar mais nada, saiu da loja.

Voltei novamente para o lugar em que estava sentada e retornei ao meu trabalho.

Com os trabalhos da noite finalizado, despedi-me de Maria e Sandra – gerente da livraria –, já com o celular na mão pronta para chamar um taxi por aplicativo, mas assim que saí da loja, deparei-me com Daniel sentado num dos bancos próximos a entrada.

Assim que me viu, levantou e caminhou em minha direção.

— Você ficou. — Exclamei assim que ele chegou perto de mim. Mesmo que não tivesse sentido em externar isso para ele ouvir.

— Acho que a gente precisa conversar, mas antes me deixa te levar para

casa. Ou você ia para outro lugar? — Questionou apontando para o meu celular que estava aberto no aplicativo.

— Não, ia para casa mesmo, mas posso chamar um carro aqui sem problema nenhum. — Tentei desconversar.

Consegui? Aparentemente não.

— Julia, nós moramos no mesmo condomínio, não teria lógica não irmos juntos. Prometo não fazer e nem falar nada que não queira.

Assenti concordando, sendo conduzida por Daniel até a vaga do estacionamento onde seu carro estava. Em todo esse percurso, sua mão pousava em minhas costas suavemente.

Assim que saímos do shopping, uma chuva começou a cair sobre o carro, sendo acompanhada de alguns relâmpagos.

Eu tinha a minha própria tempestade interna para lidar. E o meu trovão em forma de homem estava ali, sentado ao meu lado, apertando o volante com mais força do que era necessário.

Ele deveria estar tendo uma batalha dentro de si também.

Ficamos em silêncio o caminho todo até passarmos pela portaria. Daniel cumpriu sua palavra de não conversar, mesmo que as palavras quisessem sair a qualquer custo da minha boca. Mas era melhor assim.

Nenhum de nós dois estávamos com guarda-chuva, então teríamos que enfrentar a tormenta que ainda caía lá fora.

Saímos correndo em disparada até o bloco três, chegando lá sem folego pela corrida não planejada.

Realmente precisava fazer mais exercícios físicos.

Reparei que Daniel me encarava de uma forma que sempre me arrepiava, mas sem conseguir entender muito bem, segui seu olhar para baixo e vi que meu vestido estampado estava completamente colado ao meu corpo.

Assim como reparei que a sua blusa social branca estava praticamente transparente e eu conseguia ver cada parte do seu abdômen perfeito.

Apesar de estar molhada da chuva, não sentia frio algum. Era ao contrário, praticamente em chamas, com um calor abrasador só pela forma que me olhava. Como se pudesse me tocar apenas com os olhos.

Queria muito sentir seu toque em mim.

Fechei os olhos, evitando contato visual, sabendo que seria a minha perdição.

O elevador demorou uma era até chegar no térreo.

— Por que, Julia? — Sua voz preencheu todo o espaço daquele saguão

vazio, ecoando dentro de mim. Pelo visto a promessa de não falar nada só tinha validade dentro do carro. — Só me responde isso, por favor... por que?

— Daniel, eu... — Virei-me para falar alguma coisa, alguma desculpa talvez, mas todas as palavras que poderia inventar naquele momento evaporaram assim que o vi. Ele parecia tão desolado.

Desviei o olhar porque aquilo estava me matando, e se continuasse me encarasse por mais tempo, também veria em mim a mesma coisa.

Cadê o elevador quando mais se precisava dele?

— Só fiz o que foi o melhor. — Falei, tentando dar de ombros como se fosse um assunto simples.

— Melhor pra quem? — Havia indignação em seu tom de voz.

— Melhor pra você. — Explodi.

— Como ficar sem você pode ser o melhor pra mim, Ju? — Ele parecia tão cansado que a pergunta chegou a sair num fio de voz. — Acho que menti ainda pouco. Vou fazer mais uma pergunta para você. A última e dependendo da sua resposta, aceito o que está querendo fazer.

Apenas uma pergunta? Essa seria fácil de enfrentar.

— Pode perguntar. — Assegurei, confiante, chegando a respirar fundo para me preparar.

Mas nada poderia me antever para o que estava prestes a acontecer.

— Olha nos meus olhos e me fala que... apenas me fale que não me ama mais. Se a sua resposta for essa, me afasto pra sempre.

Me senti colocada na parede – na teoria, e não na prática – com a sua pergunta. O encarei por alguns segundos, mas não consegui manter o contato por muito tempo e acabei abaixando a cabeça.

Fitar o chão era mais seguro, e talvez até conseguisse mentir.

— Daniel, eu...

— Julia... — Senti seus dedos tocarem levemente me rosto, escorregando até meu queixo e o inclinando para cima. — Olha pra mim. Tem que falar olhando nos meus olhos.

Seria capaz de esquecer até o meu próprio nome ao enxergar tudo naquele oceano límpido que eram seus olhos.

Onde tantas vezes vi admiração, carinho, preocupação e acima de tudo, amor. E se ele mergulhasse nos meus, com certeza veria a mesma coisa.

Sua mão que ainda estava em meu queixo foi parar na lateral do meu pescoço e ali permaneceu.

— Você não consegue, não é? — Sua voz embargou e aquilo para mim

foi o meu limite.

Com a mão um tanto que hesitante, estendi até tocar seu rosto.

Um toque que era tão comum no nosso dia a dia e me fizera tanta falta ultimamente.

Sua barba aparada pinicava minha mão daquele jeito que eu tanto gostava e já queria senti-la no meu rosto, no meu pescoço... em mim.

Daniel inclinou o rosto em direção a minha palma, como se quisesse absorver ainda mais do nosso contato. Em seguida, colocou sua mão livre em cima da minha, trazendo-a até a sua boca onde deu um beijo delicado.

E acabei sendo salva pelo congo.

Ou pelo elevador mesmo, que finalmente chegara até nós.

Afastei-me de súbito, entrando rapidamente dentro daquela caixa de metal sendo seguida por Daniel.

Assim que as portas se fecharam, me perguntei mentalmente se ficar presa sozinha com ele – mesmo que por alguns segundos – dentro daquele quadrado seria uma boa ideia.

E a resposta veio quase que imediatamente como uma tempestade maior e mais avassaladora da que acontecia do lado de fora.

Num piscar de olhos, me vi sendo enlaçada na cintura pelas mãos grandes de Daniel e sua boca veio de encontro a minha.

O beijo era afoito, cheio de saudade, desejo e de toda a libertação que precisávamos dos últimos dias.

Me prensou de encontro a parede do elevador – dessa vez não na teoria, e sim na prática mesmo –, sentindo suas mãos passeando por meu corpo e as minhas não estavam diferentes.

Toquei tudo que conseguia alcançar. Seu rosto, seus ombros largos, seu peito definido onde pude sentir o quanto seu coração batia acelerado.

Senti quando uma de suas mãos afundaram em meus cabelos daquele jeito que eu tanto gostava.

O gemido que ele soltou contra a minha boca era animalesco, cru, intenso.

Com os lábios em brasas, deslizou por meu rosto até chegar a minha orelha, onde mordeu o lóbulo delicadamente.

— Você não faz ideia de quantas vezes imaginei beijá-la aqui dentro.
— Ele estava arfante.

— No elevador? Desde quando?

— Desde o dia em que te vi pela primeira vez. — Sua respiração fazia

cocegas em minha pele. — Eu sempre achei que aquele dia você ia poder ter colocado fogo aqui comigo dentro. E olha que é exatamente isso que estamos fazendo hoje.

O som característico que anunciava que o elevador tinha chegado ao andar de destino tocou, mas nem isso foi capaz de nos afastar completamente um do outro.

Antes que a porta se fechasse novamente conosco lá dentro, Daniel enlaçou nossos dedos e me puxou para fora. Virando-se de frente pra mim assim que chegamos no saguão do nosso andar, no vão entre as portas de nossos apartamentos.

— Julia, sei que aconteceu alguma coisa para que você tomasse a decisão que tomou e acredito que a gente tenha muito que conversar ainda, mas já sei o que é mais importante. Então, fica comigo? Pediu, solene

— Essa noite?

— Não, Ju. Não me contento com apenas uma noite, quero você por toda a minha vida. — Ele estendeu a mão em minha direção como um convite.

— O que acontece se eu aceitar? — Provoquei.

— Nunca mais deixo você sair de perto de mim. — Aquele sorriso que tanto amava surgiu em seu rosto perfeito.

Sua mão continuava estendida e sem pensar muito sobre, eu a segurei aceitando tudo que ele pudesse me dar.

Especialmente o seu amor.



CAPÍTULO 32

Daniel

Durante toda a minha vida, nunca poderia imaginar que a saudade poderia se tornar tão palpável.

Porque ela foi.

Embora tivesse só a parede a nós separar, dava a impressão de ser um abismo imenso da qual não conseguia achar um meio para atravessa-lo.

Mas tinha algo que era tão transparente nela, que sabia que não veria mentira ali. Os seus olhos.

Entramos no meu apartamento e nem sei dizer quem de nós dois que fechou a porta, apenas ouvi o baque.

Porque tinha algo mais importante com o que me ocupar. Muito importante.

Sabia que precisávamos conversar. Queria que me contasse o que tinha acontecido, embora já tivesse quase certeza o que foi.

Ou quem foi. Porque imaginava que essa pessoa tinha um nome que retornou recentemente.

Mas isso podia esperar.

Tudo podia esperar.

Menos o amor que sentia naquele momento.

Menos a mulher em meus braços a quem correspondia o meu beijo com a mesma intensidade, vontade e desespero. Um beijo com gosto de saudade, daquelas quando é sanada.

A amei do jeito que ela merecia. Onde novamente meu corpo, alma e coração foram entregues aquela mulher.

Dessa vez, sem a possibilidade de devolução.

Depois que estávamos completamente entregues um ao outro, com Julia descansando sobre o meu peito, sentindo sua respiração normalizar contra a minha pele enquanto acariciava sua pele nua.

— Senti tanto a sua falta. — Soltei num suspiro aquilo que me angustiou por dentro durante esse tempo.

— Eu também. Muita.

Por mais que gostasse da bolha em que nos encontrávamos, tinha outra coisa que precisava descobrir.

— Amor, o que foi que aconteceu? — Minha mão subiu lentamente pelas suas costas, até pousar em seus cabelos. Eu não conseguia parar de tocá-la. — Mas quero a verdade dessa vez.

Respirando fundo, ainda sem olhar para mim, Julia falou:

— A Laís me procurou...

— Por que será que eu tinha certeza que ela estava envolvida nessa história? — Bufei. — O que ela queria?

Julia endireitou-se, levantando para poder olhar em meus olhos e chegando a se sentar na cama, ao meu lado.

— Ela falou que quer a filha de volta e que quer você também.

— A mim? — Questionei, surpreso. — Laís e eu nunca fomos de fato um casal.

— Eu sei, mas ela não se importou muito quando falei sobre isso. E que se não for do jeito dela, tem cartas na manga para conseguir de outra maneira.

— Que cartas na manga são essas?

Julia desviou o olhar, encarando o lençol ao seu lado. Seu semblante tornou-se triste e seja qual fosse o assunto, protelou em falar.

Aguardei o tempo que foi necessário para que erguesse os olhos novamente para mim.

— Disse que tem como provar que a Aurora não é sua filha. Sinto muito por isso, amor. De verdade.

— Ju, quando Laís retornou depois de um ano de ausência, fiquei surpreso, claro. Mas lá no fundo, essa era uma certeza que eu sabia que poderia acontecer. — Sequei uma lágrima que rolava em seu rosto. Julia estava sofrendo por algo que sabia que poderia me machucar e a vontade de toma-la num abraço se tornou imensa. — Já vi inúmeros casos assim na minha profissão. E por isso, me preparei.

— Preparou como? — Sussurrou.

— No dia que ela foi embora, eu pedi no próprio hospital por um teste de paternidade. E foi feito. Ela não tem carta nenhuma de vantagem, apenas mentiras que posso provar.

— Então quer dizer que... vocês são... Ela é mesmo sua filha? — Sua voz embargou ao fazer a pergunta.

— Sim, Ju. Embora tenha me tornado pai desde que soube, e isso é o meu coração que diz, independente de qual fosse o resultado que aqueles papéis mostrassem. Mas ele deu positivo. Ela é minha filha de todas as maneiras.

Um sorriso enorme curvou se rosto, jogando-se em meus braços instantes depois.

— Não se preocupe, amor. Nada vai me separar da minha filha e nem de você. Isso não é uma escolha e nunca vai ser. — Assegurei, dando um beijo longo em seus cabelos.

Esticando o braço até o criado mudo, peguei delicadamente a pulseira que Julia havia devolvido. Eu a colocara ali, ao meu lado durante todos esses dias, enquanto a minha estivera esse tempo todo em meu pulso.

Foi muito significativo vê-la usando novamente.

Naquela noite a calma nos invadiu enquanto estávamos um nos braços do outro e a sensação de lar me invadiu.

E foi com essa lembrança de sentimento no meu peito, que no dia seguinte peguei meu carro e fiz uma parada antes de ir para o escritório.

Aproveitei a informação que a própria Laís me dera, contando o hotel que estava hospedada para fazer uma visita.

Anunciei minha presença para a recepcionista que ligou para o apartamento comunicando que eu estava aguardando-a no saguão.

Quando ela chegou, fomos até a pequena lanchonete que o hotel dispunha para conversarmos.

— Que surpresa boa essa sua visita, Daniel. — Falou assim que nos sentamos um de frente para o outro.

Um garçom veio nos atender e fizemos o nosso pedido rapidamente, ficando novamente a sós depois de alguns instantes.

— Você acha mesmo, Laís? — Devolvi, sério. — Ainda mais depois de ter procurado a Julia e ter falado tudo aquilo para ela?

— Sério que ela foi te contar tudo? — Revirou os olhos. — Uma escritora muito fofoqueira e cheia de fazer intrigas essa sua vizinha e...

— Ela fez o que era certo. — A interrompi. — E a Julia não é apenas a minha vizinha, é a minha namorada e a mulher que eu amo. E você não tem o direito de querer interferir nisso.

— Daniel, eu quero a minha família de volta.

— Que família, Laís? Como você quer de volta algo que nunca teve, não de mim e muito menos de Aurora. E principalmente que história foi essa de dizer que Aurora não é minha filha? — Controlei minha voz para não me alterar.

— Porque é a verdade e...

— Laís, você sabe muito bem que está mentindo. Então pode parar. — Chegou a arregalar os olhos, pega de surpresa. — Eu sempre senti, bem lá no fundo que você poderia voltar. Então, no mesmo dia que você foi embora, eu fiz o exame no hospital. Aurora é minha filha e ponto. Filha de sangue, de papel e de amor.

— Como assim você fez o exame? Duvidou de mim quando apareci e falei que era?

— Não, Laís. Eu não duvidei em nenhum momento. Primeiro que não tive tempo, e segundo, que quando vi minha filha, não tive dúvidas nem por um segundo. Mas eu sou advogado, você não é o primeiro caso que me deparo por aí.

Infelizmente tinha mais processos como esse do que meus dedos podiam contar.

— Qual foi o real motivo da sua volta? Seja sincera pelo menos dessa vez. Vamos ter aquela conversa que está atrasada desde o ano passado. — Pedi.

Minutos se passaram e já estava imaginando que, mais uma vez, ela fosse escapar da discussão, mas fui surpreendido quando começou a falar:

— Estava começando a carreira de modelo quando começamos a sair, como você pode bem se lembrar. Quando descobri que estava grávida, sabia que isso poderia prejudicar minha carreira e por isso me afastei. Afinal, você sabia que não tinha pretensão de ficar com ela. Por isso me afastei de tudo e todos, para que assim minha gravidez ficasse em absoluto segredo. Só quando estava prestes a nascer, aconteceu algum estalo, um toque de consciência, não sei. Por isso te procurei.

— E voltou porque se arrependeu? — Questionei, olhando bem para ela querendo ver se encontrava verdade ali.

— Meu empresário me aconselhou a voltar... — Hesitou, antes de continuar. — Que se eu aparecesse com um marido e uma filha que tivesse preservado a privacidade por amor seria um ganho e tanto na carreira.

— Você queria usar a Aurora? — Exclamei, completamente indignado. — E me usar por tabela também? Que tipo de pessoa você é?

— Você também sempre se dedicou ao seu trabalho. Qual a diferença?

— Sério mesmo que você está querendo fazer uma comparação? — Eu estava incrédulo. Bem puto também. — Nunca fui desleal a essa maneira, muito menos interesseiro a esse ponto. Você teve a audácia de querer me separar da Julia.

— Ela estava atrapalhando e...

— Atrapalhando o que? — Bati a mão na mesa, chamando a atenção das poucas pessoas que estavam na lanchonete. Me recompus e falei o mais baixo que consegui. — A sua ascensão no trabalho? Como você pode se importar tão pouco com as pessoas?

— Você não vai me dar lição de moral hoje. — Sentenciou.

— Só queria deixar tudo bem claro aqui. — Continuei. — Se você quisesse se aproximar da nossa filha por amor ou arrependimento, eu nunca iria impedir. Podíamos ter tentado um acordo, ou até entrar mesmo na justiça, na qual entraria disposto a ganhar. Mas não. Você praticamente nos vendeu.

— Daniel, assim você está me ofendendo. — Retrucou.

— Quem me ofende é você por ter esse pensamento. Se a partir da nossa conversa de agora, você mudar de ideia, tem que estar ciente que se entrar na vida de Aurora, tem que ter a responsabilidade de ficar, ainda mais agora que ela está começando a entender e pode se apegar. E por Deus, você

não vai ferir os sentimentos dela porque eu não vou deixar.

— Daniel, eu...

— Por mais que você estivesse no hospital na época, não ficou ao lado dela na incubadora mais que cinco minutos. Não viu ela engatinhar, o primeiro dentinho que nasceu, o primeiro resfriado, a primeira febre, a primeira ida ao hospital, quando ficou em pé pela primeira vez, os passinhos incertos que ela arrisca, as palavras que ela tenta balbuciar. Sabe que a primeira coisa que ela falou foi papá? Tem noção do quanto isso me emocionou no dia? Não, porque você não estava lá. Então, usa o seu coração e sua consciência uma vez para perguntar a si mesma sobre querer tirar a filha de um pai que a ama com toda devoção.

Peguei minha maleta que deixei na cadeira vazia ao meu lado, abrindo-a.

— As portas da vida da nossa filha estão abertas para você, mas não para esse meio para um fim que você quer. Se quiser conquista-la terá que ser com a sua presença e o seu amor. Caso a resposta seja sim, iremos sentar para conversar novamente. Mas se for a mesma de hoje, se for um não que você quer dizer, eu peço o favor de ler isso. — Retirei de lá um papel, um documento que tinha dado entrada para ser feito há alguns dias e estendendo para ela.

— O que é? — Perguntou, pegando das minhas mãos.

— Um documento em que você abre mão da guarda dela, dando-a total para mim. — O modo advogado estava em ação, mas ele nunca iria se sobressair ao de pai. — Preciso me garantir que se você for embora novamente, não volte daqui algum tempo querendo tirá-la novamente de mim.

Ela não respondeu, deixando sua atenção fixa no documento a sua frente.

— Se quiser conversar, sabe onde me encontrar. — Levantei-me da cadeira, pegando minha maleta. — Só peço que trate qualquer assunto comigo. Apenas comigo. Sem intrigas e mentiras dessa vez.

Fui embora sabendo que tinha dito tudo que era preciso, mas ainda sim um pouco consternado em saber de tudo que estava por trás do retorno de Laís.

Três dias depois, ela apareceu no meu escritório.

— Vim me despedir. — Disse, estendendo um envelope pardo em minha direção. Não demorei a pegar, abrindo-o e deparando com o documento que lhe entreguei. — Espero que sejam felizes. Aurora tem um pai maravilhoso. Ela não merece ter uma mãe que não tem vontade de ser.

Sem nem esperar pela minha resposta, virou-se sobre os saltos e saiu da minha sala sem olhar para trás.

Olhei novamente aqueles papéis, conferindo cada página e vendo a assinatura dela ali.

Soltei um suspiro de alívio.

Nada e nem ninguém poderia mais me separar da minha filha.



CAPÍTULO 33

Julia

Minhas mãos suavam diante a expectativa.

Estava inquieta e o simples ato de aguardar sentada não estava sendo muito tranquilo para mim.

Fazia quanto tempo que estava ali esperando?

Vinte minutos? Menos? Mais?

— Julia Assis? — Uma mulher jovem e bonita, chamou meu nome. — Meu nome é Carla Araújo. Foi comigo que você conversou hoje. Pode me acompanhar?

Assenti, levantando e colocando – finalmente – minhas pernas em movimento.

Depois de muito pensar, ontem tomei a decisão que sabia que iria mudar

a minha vida a partir dali.

Assisti novamente o vídeo daquele pen drive que me enviaram, me atentando a um detalhe que eu não tinha escutado na primeira vez.

O número de telefone.

Liguei ontem a noite, me identificando e perguntando pela senhora Andrade.

Carla, governanta da casa onde minha... minha vó morava, me explicou que Isadora sofrera alguns dias atrás um infarto e estava hospitalizada.

Pelo que descobri, além de funcionária, ela também era amiga e sabia da história que me envolvia.

Combinamos que no dia seguinte iria até o hospital para visita-la.

Esses dias que tomei para pensar foram essenciais na decisão que tomei.

Quando contei para Daniel ontem à noite, ele me abraçou falando que sentia muito orgulho de mim. Chegando até se oferecer a vir comigo para me dar apoio, mas expliquei que esse assunto teria que ser eu a resolver.

Eu seria a minha própria força.

— Está sonolenta por causa da medicação de hoje. — Carla explicou assim que entramos no quarto. — Mas ela me implorou para pedir que você não fosse embora sem conversar com ela.

Engolindo o choro que já queria se manifestar, aquiesci com a cabeça, concordando.

Na mesma ligação de ontem, me informaram que já iriam avisá-la da minha presença para que não fosse pega de surpresa. Ainda mais na situação que se encontrava.

— Vou deixa-las a sós. Tome o tempo que achar necessário. — Sorrindo, Carla saiu do quarto, me deixando com aquela senhora que representava tanto o meu passado.

Um passado que eu desconhecia completamente.

O som incessante do ao nosso lado, marcava seus batimentos e o tempo que nos envolvia.

Hesitante, mas sendo algo que queria muito fazer, segurei a sua mão.

— Julia? — Uma voz sussurrada fez-me voltar em direção a cama.

Seus olhos estavam rasos de lágrimas e as que eu tentava conter, se libertaram.

— Desculpa ter demorado para vir depois do vídeo. — Foram as minhas primeiras palavras.

— Você veio, minha menina. — Ela sorriu, apertando ainda mais a nossa

mão. Tentando aprofundar ainda mais o nosso elo. — Fui eu que demorei mais. Vinte e cinco anos.

— Mas estou aqui agora.

— Está. Graças a Deus está. — Sorriu.

Uma das coisas que sempre tentei evitar nessa vida era guardar mágoa ou rancor, por mais que tivesse meus medos consequentes do passado e das escolhas que outros fizeram, queria sempre tentar ser uma pessoa melhor.

Quem sabe um dia eu conseguisse.

Ainda mais agora que eu tenho a Aurora na minha vida. Dessa vez sem medos de que a tirassem de perto de mim.

Fazia alguns dias desde que Laís decidira ir embora novamente, dessa vez com uma garantia que não iria mais nos atormentar.

Quero que a pequena tenha orgulho de mim quando crescer, e, quem sabe, queira se espelhar na mulher aqui que estará sempre ao seu lado.

Saí do hospital com a cabeça mais leve por ter tirado um peso de mim.

O peso do passado. O peso do medo.

O que me deixava ainda mais aliviada era saber que minha vó estava respondendo bem e em breve sairia do hospital.

Isadora queria combinar muitas coisas comigo. Desde idas a médicos quanto assistirmos filmes juntos. Entendia que era ela querendo recuperar todo o tempo perdido.

Retornei ao meu apartamento me sentindo outra pessoa.

Não que iria me esquecer da Julia de antes. Jamais, porque éramos a mesma essência.

Mas sabia que a partir do momento que saí daquele hospital, receios, medos e inseguranças – por mais que elas sempre possam existir – que me acompanharam a vida toda, estavam muito bem resolvidos.

Cheguei no meu andar, caminhando em direção a minha porta.

Daniel havia comentado que apareceria mais tarde para me fazer companhia, mas acredito que aconteceu alguma mudança nos planos.

Um pedaço de papel estava grudado a minha porta e a sua letra se destacou.

Pronta para errar o seu apartamento?

É só seguir os corações.

Sorrindo, dirigi-me ao apartamento ao lado, já com o chaveiro nas mãos,

mas dessa vez escolhendo a chave da sua porta.

Ao entrar em sua sala, não o encontrei imediatamente, chamando por seu nome, mas não obtendo resposta.

Estranhando demais a situação, meus olhos recaíram para baixo e um sorriso bobo e enorme surgiu em meu rosto.

O caminho à minha frente estava repleto de pequenos corações vermelhos de papel, seguindo a direção do quarto de Aurora.

Caminhei devagar até chegar a porta destinada, colocando a mão na maçaneta e abrindo-a.

Encontrei os dois, sentados e brincando no chão.

— Olha quem chegou, meu amorzinho. — Daniel falou, pegando a pequena no colo.

— *Mamã*. — Esticando seus bracinhos em minha direção. Ela não chegou a ficar nem um minuto completo com o pai.

O mundo gira não é mesmo? Rindo do pensamento, peguei-a nos meus braços dando um beijo estalado em cada bochecha e depois em seu narizinho pequenininho, fazendo-a gargalhar.

— Bem, estamos aqui hoje para fazer uma pergunta para você. Ou duas, no caso.

— Estou sendo interrogada assim? — Brinquei. — Só fala na presença do meu advogado.

— E posso saber quem é o meu rival no tribunal? — Aproximando, deu um beijo rápido nos meus lábios.

— São assuntos confidenciais. — Dei de ombros, fingindo que não era relevante. — E quais são essas perguntas que você dois querem me fazer?

— Vem com o papai, filha. — Ele estendeu o braço para ela, que foi sem nem pensar. Olhando para Aurora, ele continuou. — Do jeitinho que a gente ensaiou, tudo bem?

Como o esperado, a menina só olhou para ele e sorriu, não entendendo qual era a graça que o pai dela estava fazendo.

Mas foi a cena seguinte que me fez arfar.

Daniel se pôs de joelho a minha frente, me olhando daquele jeito intenso.

Ah, a forma como ele olhava para mim...

Como Aurora era uma bebê muito agitada, ela já estava pedindo para descer, e Daniel a colocou novamente no chão. Segundos depois, já estava engatinhando pelo quarto.

— Julia, eu nunca acreditei no amor porque sempre julguei como uma

fantasia que nunca chegaria a mim. Hoje, além de amar essa pequena aqui, descobri que esse sentimento pode ser maior que eu. Muito mais forte que tudo. E eu... — suspirou. — Digo, nós, gostaríamos de saber se você aceita a gente na sua vida. Para sempre, não aceito menos que isso.

— Até o fim dos dias? — Perguntei, emocionada.

— Aqui é infinito, amor. Cada dia, cada emoção, cada beijo... No fim, *eu quero estar no começo com você*, igual a letra daquela música que você gosta. Todos os dias. Então... você aceita se casar comigo? E de quebra ganhar uma filhinha de brinde?

— É o que eu mais quero no mundo. — Respondi, com um sorriso no rosto e o coração quase flutuando para fora do peito.

— Ela aceitou, bebê. — A empolgação de Daniel foi tão contagiante que Aurora até começou a bater palminhas. — Só preciso finalizar aqui.

Sorrindo, ele colocou a mão no bolso, tirando uma caixinha de veludo preto, abrindo-a e revelando um anel dourado singelo e muito bonito.

Lentamente, ele encaixou no meu dedo aquele que seria mais um novo começo nosso.

E eu estava louca para viver muitos mais com eles dois.

— Espero que eu tenha me saído melhor do que os mocinhos dos livros que você escreve. — Ele sorriu.

— Ah, você foi. Com toda certeza.

Até porque aquela era a melhor história que eu poderia escrever.

E ela era toda minha.



CAPÍTULO 34

Julia

O carro estacionou em frente à igreja naquele sábado tão ensolarado. Observei pela janela aberta o quanto aquela imensidão de céu azul parecia me abraçar nesse dia tão especial.

Uma Joana muito empolgada e emocionada me esperava do lado de fora e me abraçou assim que desci do carro.

— Minha menina está tão linda. — Afagou meu rosto naquele jeito familiar que sempre me demonstrava todo o carinho que sentia. — Estou tão, mas tão feliz por você que meu coração se enche ainda mais de amor.

— Não me faça chorar, tia Joana. — Sorri, emocionada.

Segurei a calda de meu vestido branco longo conforme subíamos as escadas que a pequena igreja possuía.

Sabia que quando aquelas portas se abrissem, eu veria todos que amava e faziam parte da minha vida compartilharem mais esse momento comigo.

Quer dizer, infelizmente não todos.

As crianças do orfanato tiveram um compromisso de última hora que não pode ser adiado. Entendia os motivos, por mais que uma pequena tristeza tenha surgido quando Zenaide ligou para me contar na semana passada.

Mas sabia que todos estariam de coração. E isso bastaria para mim.

Hoje fazia exatamente seis meses do pedido mais especial que Daniel poderia ter feito. E da qual eu sempre diria sim, tanto para ele quanto para Aurora. A nossa filha que agora com um ano e meio esquecera o Zuzu para me chamar de mamãe a cada instante do dia.

E sempre que ouvia essa palavra tão doce vinda dela, meu coração se enchia mais e mais de amor.

— Não falei que existe momento certo e surpresas da vida? — Joana me perguntou, quando chegamos em frente a porta que ainda permanecia fechada.

Fechei meus olhos, recordando dessas palavras que minha tia dissera há tanto tempo, mas que parecia ter sido ontem.

— Você estava certa. Como sempre. — Sorrimos uma para a outra.

Quando as portas começaram a se abrir lentamente, a música que tanto Daniel e eu escolhemos começou a ser tocada apenas pelo instrumental dentro da capela.

Suspirando, ergui meus olhos para encarar o futuro que me aguardava lá no fim do corredor a me observar encantado a cada passo que eu dava em sua direção, sendo acompanhada pela tia-mãe que tanto amava.

Seu sorriso que sempre iluminava minha vida era só meu naquele momento, assim como o que estava em meus lábios era só dele.

Aquele azul da mesma cor do céu lá fora me olhava como se pudesse ver a minha alma.

Quando cheguei na metade do caminho, desviei a minha atenção por um momento para a senhora que estava sentada na ponta do banco.

Para a minha avó.

Sorrindo para ela, parei de andar porque tinha uma coisa que precisava fazer antes.

As duas únicas pessoas que sabiam disso era Daniel e Joana.

Minha tia pegou o pequeno buquê da minha mão para me deixar com a minha livre que usei para estender na direção da minha vó, que me olhava

confusa.

— A senhora me daria a honra de também me acompanhar até o altar? —
Pedi.

Dona Isadora não conseguiu responder com palavras, mas acenou um sim tímido para mim e levantando-se em seguida para enlaçar meu outro braço disponível.

E assim, nós três continuamos o restante do caminho até o altar.

Com a tia que foi como uma mãe pra mim e representou todo o meu passado cuidando de mim. E do outro lado a única família que eu tinha, a quem eu havia perdoado e aprendera também a amar apesar das escolhas que fizera.

Diminuindo a distância que nos separava, Daniel deu alguns passos na minha direção. Como se não conseguisse apenas ficar parado me esperando chegar até ele.

Dei um abraço nas duas e virei na direção do homem que sempre roubava meus suspiros.

— Eu te amo. — Ele sussurrou bem baixinho, apenas para eu ouvir, quando beijou minha testa.

Estendendo seu braço, chegamos juntos até o altar onde o padre nos aguardava para o início da cerimônia.

Aurora estava no colo de Marcelo, amigo de Daniel que acabou se tornando meu também. E agora fazia parte da vida de Aurora como padrinho da minha bebê junto com Joana.

Ele estava sentado ao lado de Lara e já tinha notado a troca de olhares dos dois, que já acontecia há um tempo. Podia apostar que desde que se conheceram, no aniversário de um ano da minha pequena.

Nunca iria me esquecer da cara de surpresa, depois da expressão emocionada da minha tia assim que fiz o convite. Seria uma honra para nós que fizesse parte da vida da minha pequena, e não apenas como babá, mas como família também.

A minha princesa tinha muitas pessoas que a amavam em sua vida.

Quando o padre anunciou o momento da entrada das alianças, os músicos presentes começaram a tocar uma canção que não fazia parte da que havíamos escolhido.

Olhei para Daniel, que me encarava com um sorriso no rosto, virando-se em direção da porta da igreja.

Acompanhei com meus olhos e o que vi ali me fez flutuar em tamanha

emoção que sentia.

As crianças e adolescentes do orfanato estavam enfileiradas e caminhavam em nossa direção.

Todas estavam de branco, parecendo anjos adoráveis. Ou melhor, aquelas nuvens belas para compor o céu que estávamos formando.

A melodia delicada compunha o cenário perfeito para aquela tarde.

Conforme eles iam se aproximando, reparei na pequena lousa branca que cada um segurava. E quando mais perto eles chegavam, melhor eu conseguia ler as palavras.

Tia Ju, você é escritora...

Mas hoje começa a sua história...

Que vai ser a melhor...

Com os personagens mais amados...

Que sempre tenha muita alegria...

Amor e cor na vida de vocês...

Amamos vocês....

SEJAM FELIZES, TIA JU E TIO DANI!

A última da fila era a Luna, que trazia consigo uma pequena almofada com as alianças.

Virei-me para Daniel e percebi que ele também estava emocionado com o que via. Apesar de saber que tinha dedo dele – não, melhor, o braço todo – nessa surpresa.

Daniel e eu abraçamos cada uma delas quando chegaram até nós. Estávamos imersos entre cumprimentos, beijos e sorrisos.

— Você está parecendo uma princesa, tia Ju. — Luna falou assim que veio me dar aquele seu abraço tão gostoso de receber.

— Você também, meu amorzinho. — Beije seu rostinho delicado ganhando um sorriso em troca.

Zenaide ajudou a organizá-las na saída do altar até uma fileira de bancos que estava vazia mais para a lateral.

O padre deu sequência, trocamos nossos votos, as alianças e o beijo apaixonado.

Cientes que dali para frente nossa vida tinha se tornado oficialmente apenas uma.

Minha família já havia começado há um pouco mais de um ano, mas ali ela era representada da melhor forma.

Minha família do amor de um coração infinito.

Epílogo



EPÍLOGO

Daniel

Eu não poderia ser mais feliz.

Era o que eu sempre pensava quando ouvia aquele som que sempre fazia meu coração aquecer. As risadas daquelas pessoas que tinham se tornado o meu mundo todo.

— O papai chegou! — Aurora veio correndo em minha direção, me abraçando pelas pernas, mas logo eu corrigi isso, abaixando-me para pegá-la no colo de dar aquele beijo estalado na bochecha que ela tanto adorava desde pequenininha.

O tempo estava sendo impiedoso conosco, passando tão depressa. Minha pequena já estava com cinco anos e era uma menina linda com os olhos que tanto pareciam com os meus. Ela era e sempre será o meu sol.

Passinhos ecoaram pela casa, motivadas pelo grito da minha filha mais velha. Instantes depois, Luna surgiu toda animada e vindo em minha direção.

Alguns meses depois de nos casarmos, Julia e eu decidimos adotar aquela criança que sempre nos envolvia com seu carinho. E a alegria dela ao receber a notícia foi o melhor acontecimento do meu dia.

Me recordo da sua vozinha animada perguntando:

— Então ao invés de chamar vocês de tio e tia, posso falar papai e mamãe?

Concordamos na hora, é claro. E ambos a abraçamos emocionados.

Aurora e Luna se davam muito bem e elas se amavam de um jeito único.

O Sol e a Lua da minha vida.

— *Luna, Aioia...* — Passinhos incertos eram ouvidos até meu menininho de poucos mais de dois anos e olhos cor de chocolate surgir na sala, sorrindo ao me ver.

Meu Raul, que era luar ao contrário. Tínhamos uma grande preferência para nomes relacionados a céu.

— Papai. — O caçula chamou, assim que se aproximou de mim, vindo reclamar pelo seu abraço também.

Essa era sempre a recepção que eu ganhava quando chegava em casa, o que de fato era uma das melhores partes do meu dia.

Que só faltava uma pessoa surgir, mas como se sentisse que estivesse pensando nela – o que de fato não era nenhuma novidade –, Julia surgiu, saindo do quarto onde devia estar brincando com as crianças, sendo sempre seguida por Winchester.

E logo atrás dele, Floquinho chegava para finalizar a nossa família.

Há um ano, adotamos um cãozinho numa feira e veio ainda mais para alegrar os nossos dias.

Julia queria colocar o nome de Pennywise, e achou um absurdo quando comentei que não conhecia. Claro que acabei ganhando novamente pontos negativos com ela, mas depois recuperei quando assisti *It – A coisa*.

Mas quem escolheu o nome acabou sendo as crianças. E, que Julia nunca saiba, mas preferia e muito o nome sugerido pelos pequenos.

E contrariando o que achamos de princípio, Winchester não se incomodou com o novo reizinho do lugar. Pelo contrário, eles se entendiam muito bem.

Por mais que o prédio que morássemos – e o elevador também, é claro – guardasse grande parte da nossa história, acabamos nos mudando para uma

casa maior.

As crianças tinham um quintal para brincar e estávamos construindo nossa felicidade ali.

E eu que nunca acreditei que um lar pudesse conter sentimentos, me provei estar enganado ao ver o quanto de vida aquelas paredes guardavam.

O melhor engano da minha vida.

Julia se aproximou, me dando um beijo rápido nos lábios e já iniciando uma guerra de cosquinhas nas crianças, fazendo a casa ser tomada novamente pelas gargalhadas, dessa vez com a minha também presente.

Quando meus filhos dormiram em seus quartos – devidamente pintados por nós dois, é claro, como o céu que compartilhava uma vida conosco –, Julia dedicou um pouco do seu tempo para finalizar sua nova história.

Sua carreira expandia cada vez mais e os números de vendas da editora se tornavam mais significativos a cada lançamento.

Joana continuava sendo a babá, agora de três crianças e sempre as visitávamos também, aproveitando o fato de que nossa casa era bem próxima da sua.

— Como foi seu dia? — Perguntei assim que Julia apareceu na varanda, sentando na cadeira ao lado para me fazer companhia.

— Melhora sempre quando eu retorno para a casa. — Sorri, recebendo um de volta. — E o seu?

— Minha avó ligou hoje. — Respondeu, animada. — Falou que vem nos visitar no fim de semana.

Nesses anos que se seguiram, as duas acabaram criando um laço delas. E sempre que podiam, estavam juntas.

Julia chegou a ir até o tumulto dos pais e costumava ir sempre na data de aniversário de cada um. Esse era um dos momentos que ela fazia sozinha, e eu sempre respeitava, abraçando-a muito forte quando retornava para casa.

Visitávamos o orfanato com frequência, como se fosse uma extensão da nossa casa também. As crianças de antes tinham crescido e se mostravam o quanto seriam especiais na vida.

Julia e eu criamos um projeto nosso de sempre aparecer para dar carinho, atenção, ler histórias. Além de contarem comigo para qualquer assunto jurídico que o orfanato pudesse precisar.

Tanto ela quanto Joana realizavam campanhas com frequência, sempre tentando não só pensar nas crianças, mas fazer com que o ser humano se sentisse bem com eles mesmos, doando seu tempo e ajuda para próximo.

Nossa vida era singela, porém cheia de significado. E eu amava cada pequeno detalhe nosso.

Estendi o braço para Julia, que se levantou da cadeira ao meu lado sentando-se no meu colo.

— Mas sabia que meu dia pode melhorar ainda mais se a senhora Belmonte me der um beijo? — Tentei dar meu melhor sorriso de canto.

— Isso é fácil de fazer. — Sorriu, enroscando suas mãos atrás do meu pescoço. — Mas você vai querer só um?

— Um só para começar. Eu quero beijo infinitos, isso sim.

Sem dar uma resposta, Julia aproximou seu rosto do meu, colando nossos lábios em um dos seus beijos intensos que sempre me dava.

E quando estava ali, com a dona do meu coração nos meus braços, eu não poderia estar mais grato a vida maravilhosa que tinha.

Uma vida que sempre seria recheada de muito amor.

A cada noite que caia e a lua nos saudava, junto com as estrelas brilhantes, naquele céu escuro.

A cada momento infinito que meu coração completo – por ela e por meus filhos – viviam.

A cada suspiro delicado de um doce amanhecer.

Fim



Agradecimentos

Nos contos de fadas é comum encontrar a fada-madrinha nas histórias. Na vida real, eu tenho a melhor. Só muda o ser mágico.

Bia Carvalho, minha bruxa-madrinha mais linda (e única), nunca vou me cansar de dizer obrigada. Por tudo, principalmente por ter segurado minha mão mesmo a distância. Te amo!

As vendas do meu coração que se mostram presentes todos os dias, me motivando sempre. Amo duelar com vocês.

Ao grupo que muda de nome constantemente, mas o amor continua o mesmo (mentira, ele aumenta). Obrigada por serem meus presentes.

Lu Santana, obrigada por ser essa minha amiga-mãe e por sempre me animar a continuar.

Fernanda Braga pela ajuda essencial no começo da história e construção da Aurora. Só pra deixar avisado que o Daniel vai ser sempre seu.

Tiago Dias por toda ajuda, explicação e consultoria sobre as leis brasileiras que me auxiliaram muito a compor meu personagem.

A todos os leitores do wattpad que estão acompanhando a minha história. Obrigada por cada comentário que sempre me motivava mais a continuar.

E a você, que chegou até aqui, minha mais sincera gratidão. Espero que essa história tenha conquistado o coração de todos vocês.

Obrigada! Obrigada! Obrigada!